

Law of love - Math. 8:43-48.



CHARLES FAUVETY

**O ESPIRITISMO DIANTE
DA CIÊNCIA E O
MATERIALISMO MECANICISTA
DIANTE DA RAZÃO**



CHARLES FAUVETY - O ESPIRITISMO DIANTE DA CIÊNCIA E O MATERIALISMO MECANICISTA DIANTE DA RAZÃO

Lançamento original em francês:

CHARLES FAUVETY – LE SPIRITISME DEVANT LA SCIENCE ET LE MATÉRIALISME MÉCANICISTE DEVANT LA RAISON

Librairie des Sciences Psychologiques
5, Rue des Petits Champs, 5.
France, 1880.

Tradução: Abílio Ferreira Filho

Prefácio: Milton Rubens Medran Moreira

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

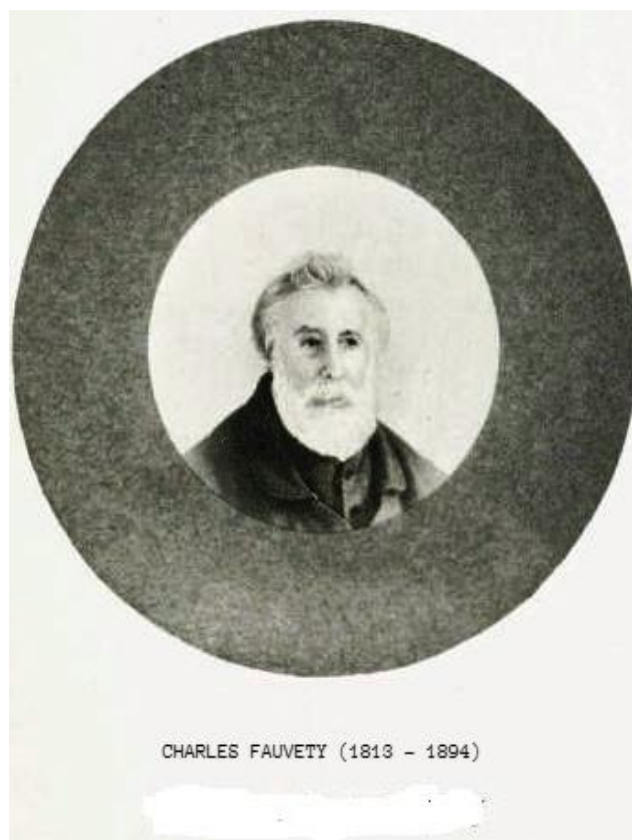
Autores Espíritas Clássicos



CHARLES FAUVETY

**O ESPIRITISMO DIANTE DA CIÊNCIA
E O
MATERIALISMO MECANICISTA
DIANTE DA RAZÃO**

**Librairie des Sciences Psychologiques
5, Rue des Petits Champs, 5
France, 1880.**



CHARLES FAUVETY (1813 - 1894)

Jean Charles Fauvety, nasceu em 1813, na cidade de Uzès que é uma comuna francesa na região administrativa de Occitânia, no departamento de Gard.

Foi um filósofo maçônico, de origem protestante liberal, e como escritor e jornalista, passou por todas as correntes filosóficas, socialistas utópicas e espíritas do século XIX, buscou, durante toda a sua vida, um estreito caminho entre religião e a política, entre materialismo e ateísmo, em busca de uma espiritualidade universal que vai além de todas as formas que as organizações religiosas assumem.

Charles Fauvety foi um dos que durante o século XIX francês, tentou sair do conflito resultante da Revolução Francesa entre política e religião, abrir caminho entre o livre pensamento e o espiritualismo, chegar a uma abordagem científica de escrituras, de todos os dogmas e de todos os ritos, na busca de uma religião que fosse ao mesmo tempo racional, universal, natural, laica e democrática. Fundou o *jornal "A Religião Laica"*, em 1876 buscando uma harmonia entre religião e razão.

Em seus artigos escreveu frases imortais:

Justiça. Pratique a justiça, não apenas não fazendo aos outros o que você não gostaria que fizessem a você, mas tomando a iniciativa do bem e lutando contra a iniquidade, onde quer que a encontrar. — Nunca condene sem apelação e sem deixar uma porta aberta à reparação, ao arrependimento e à reabilitação. O sentimento religioso é incompatível com o inferno eterno, e a consciência da humanidade regenerada pelo amor ao próximo não admite condena sem remissão.

Em 27 de fevereiro de 1848, poucos dias após a proclamação da Segunda República, foi fundado o *Journal Le Représentant du Peuple* de orientação socialista e que teve ao lado os editores fundadores, Charles Fauvety e Jules Viard, e do gerente, Lubatti Jeune. E que teve a participação ativa de Pierre-Joseph Proudhon (o pai do anarquismo).

Fauvety participou como membro do Comitê da Liga Francesa de Ensino e Educação Continuada que é a mais antiga organização de educação popular. A ideia foi lançada por Jean Macé em 1866, quando a educação do povo apareceu para muitos como a chave do progresso coletivo; em 1871, a Liga, através de uma petição a favor de uma escola “*obrigatória, gratuita e laica*” que recolheu cerca de um milhão de assinaturas, contribuiu ainda para dar origem à escola de Jules Ferry. A Liga participou plenamente na luta pelas quais levaram à separação entre Igreja e Estado (1905).

Fauvety esteve a frente de uma revista espiritualista de grande circulação na Europa. E que possui três fases. Chamou em 1866 de *Soliderité* e foi interrompida pela guerra Franco-Prussiana em 1870, para reaparecer em 1876 com o nome de *Religion Laique organe de régénération sociale*, que a seu turno foi substituído em 1890 pelo *Religion Universelle*. Editou o Boletim mensal da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, da qual foi presidente.

Casado com uma moradora da Comédie-Française, manteve, com ela, um salão aberto às elites políticas republicanas e intelectuais do Segundo Império.

Em 1882 o “*Boletim da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos*” de Charles Fauvety começou a circular junto com a Revista Espírita sobre direção Pierre Leymarie. Estes boletins traziam temas como: Deus, Magnetismo Animal, Hipnotismo nos animais, Efeitos físicos, Física, Psicologia, Religião do futuro, Teosofia, etc...

Esteve presente no sepultamento da Sra. Rivail, na qual falaram Pierre-Gaëtan Leymarie, em nome de todos os espíritas e da Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec; Charles Fauvety, ilustre escritor e presidente da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos; bem como representantes de outras Instituições e amigos, como Gabriel Delanne, Georges Cochet, Carrier, Lecoq, J. Camille Chaigneau, Lecoq, Georges Cochet, Louis Vignon, o Dr. Josset e a distinta escritora, Sofia Rosen-Dufaure, todos fazendo sobressair os reais méritos daquela digna sucessora de Kardec. Por fim, com uma prece feita pelo Sr. Warroquier, os presentes se dispersaram em silêncio.

Na grande polêmica que acontecia durante nesse tempo, porém, uma franca oposição a Leymarie havia se formado, o que ficou mais evidente após principalmente o falecimento da viúva Kardec; ele foi duramente criticado pela forma como se apossara da herança do casal Kardec, além de ser acusado de desviar-se doutrinariamente dos princípios kardecistas em favor de ideologias outras, quais a Teosofia de Helena Blavatsky e o Roustainguismo de Jean-Baptiste Roustaing, então patrocinado por Jean Guérin.

No núcleo dessa oposição estavam Berthe Fropo, Gabriel Delanne e o casal Sophie e Michel Rosen; estes, para fazer frente à Sociedade Anônima de Leymarie (agora renomeada para Sociedade Científica do Espiritismo), fundaram uma nova instituição: União Espírita Francesa (UEF), e um novo jornal: O Espiritismo (Le Spiritisme), como alternativa à Revista Espírita.

Para denunciar os ditos abusos de Leymarie, Berthe Fropo chegou a publicar em 1884 uma brochura, de produção independente, intitulada Muita Luz (Beaucoup de Lumière), que é um desdobramento do retumbante artigo 'Um pouco de luz' (Um peut de lumière), por ela assinado e que foi publicado no jornal da UEF, edição da 2ª quinzena de outubro de 1883.

Em defesa de seu administrador, a Sociedade Científica do Espiritismo publicou Ficções e Insinuações – Reposta à brochura Muita Luz (Beaucoup de Lumière), pontuando cada acusação de Fropo como uma ficção, contra a qual apresenta uma alegação.

Foi um escritor de grande renome, e publicou diversas obras: Mémoire en faveur de la Comédie-Française, adressé à la Chambre des Députés (1847), Programme politique (1849), La morale de l'Évangile et la morale

du XIXe siècle (1856), Philosophie maçonnique (1862), Aspirations vers une religion rationnelle, La Question religieuse (1864), Critique de "La morale indépendante" (1865), Catéchisme philosophique de la religion universelle (1874), La religion laïque et l'Église unitaire (1876), Le spiritisme devant la science et le matérialisme mécaniciste devant la raison (1880), La Religion laïque (1887), Prières et méditations spirites - Textes par Allan Kardec, P.G. Leymarie, Docteur Soudan et Ch. Fauvety (1890), Théonomie - Démonstration scientifique de l'existence de Dieu (1897).

Desencarnou no ano de 1894, na cidade Asnières-sur-Seine, anteriormente Asnières, que era uma comuna francesa do departamento de Hauts-de-Seine, na região da Île-de-France.

Sumário

Prefácio — pág. 09

Aviso do editor — pág. 12

Espíritas e sábios

1º Artigo — pág. 14

2º Artigo — pág. 24

Narração das experiências, em Bruxelas, do médium americano Slade — pág. 35

Carta do Sr. Fauvety à Sra. G. Wundt e Jules Soury — pág. 41

Segunda carta do Sr. Fauvety — pág. 53

Carta da Senhora G. Couchet ao Sr. Jules Soury — pág. 78

Uma nota da Sra. G. Cochet — pág. 87

Documentos

I - O Espiritismo em Jersey — pág. 90

II - Carta do Sr. Cromwell Fleetwood Varley ao Sr. John Tyndall, membro da Sociedade real de Londres — pág. 96

III - Carta do Sr. Alfred Russell Wallace ao editor do Times — pág. 98

IV - Pesquisas sobre os fenômenos do espiritismo por William Crookes — pág. 102

Conclusão — pág. 110

ADENDO

Henry Slade (1835 - 1905) — pág. 112

Johann Carl Friedrich Zollner (1834 - 1882) — pág. 117

Prefácio

CHARLES FAUVETY, FILÓSOFO, CIENTISTA E LIVRE-PENSADOR

Milton Rubens Medran Moreira ()*

O oportuno resgate da vida e da obra de Charles Fauvety, que agora faz o site “Autores Espíritas Clássicos”, é mais um excelente serviço prestado em favor de aspectos históricos desse movimento de ideias, que foram esquecidos ou que não chegaram até nós com o destaque merecido.

Allan Kardec, o genial fundador do espiritismo, em toda sua magistral caminhada, sempre teve muito presente de onde proviriam os maiores ataques às propostas por ele sistematizadas: da religião e do materialismo.

Aos ataques provenientes da religião, Kardec responderia com amplíssimos argumentos capazes de apontar um caminho de conciliação. A tarefa nunca lhe pareceu difícil porque os mesmos objetos de crença das religiões (Deus, vida após a morte e intercâmbio entre esses dois mundos) sustentavam as bases do edifício científico-filosófico do espiritismo. Apenas o enfoque seria diferente, eis que se as religiões fechavam suas crenças em caixas estanques de sacralidade, conferida pela “palavra de Deus”, enquanto, à luz do espiritismo, os mesmos temas eram submetidos à razão e assimiláveis pelo ser humano pelo racional exame das leis naturais.

Com o materialismo, a tarefa seria bem mais difícil. Classificado por Kardec como o grande inimigo das ideias espíritas, o materialismo, de enorme expressão cultural nas últimas décadas do Século XIX e início do Século XX, partia de pressupostos filosóficos radicalmente contrários à proposta espírita. Mesmo submetido a métodos dialéticos semelhantes, espiritismo e materialismo partiam de premissas opostas, inconciliáveis entre si e que levariam as sínteses conflitantes.

Filósofo e dotado de saberes científicos compatíveis com o seu tempo, **Charles Fauvety** soube esgrimir, com igual destreza, argumentos que se

contrapunham fortemente às objeções tanto religiosas como materialistas ao espiritismo.

Em tempos nos quais se propunha ao espiritismo a qualificação de uma “religião laica”, distanciada da misteriosa sacralidade das religiões sobrenaturalistas, Fauvety reconhecia no espiritismo a capacidade de “introduzir no processus religioso dados racionais e científicos que transformarão as antigas crenças dando à imortalidade da alma uma positividade, uma precisão que lhe tinha faltado até aqui”. (*ver na pág. 69 da obra aqui reproduzida*).

Mas seus argumentos mais contundentes são reservados às objeções, carregadas de ironias e arrogância de cientistas que se negavam a ver no espiritualismo moderno uma poderosa vertente de conhecimentos que poderiam revolucionar a ciência.

A obra aqui disponibilizada parte de severas e consistentes argumentações em favor da autenticidade dos eventos paranormais do médium americano Slade, ridicularizado em publicações estampadas no início do livro. Mesmo sem deixar de opor dúvidas à origem espiritual dos fenômenos, trazendo sérias reflexões sobre a possibilidade de que muitos desses fenômenos pertencem à área do animismo, Fauvety foi um defensor intransigente da autenticidade fenomênica do chamado fato espírita, base empírica da ciência espírita.

Com admiráveis clareza e objetividade, ainda, o escritor faz a conexão entre duas expressões contemporâneas e revolucionárias: o espiritualismo racional e o evolucionismo (tratado, aqui, por termo bastante utilizado na época: transformismo). Mostra como essas duas expressões surgidas no seio da modernidade são profundamente afins: “o espiritismo – diz – em suas doutrinas, não é menos científico que o transformismo”, acrescentando: “ele é, como este último, oposto ao sobrenatural, rejeita absolutamente o milagre, explica, melhor do que ele fez até aqui, a ação da alma sobre o corpo e submete todas as relações, quer sejam físicas ou anímicas, materiais ou espirituais às leis da natureza e da razão”. E depois de, consistentemente, argumentar (*pág. 44 e seguintes*) sobre a imprescindibilidade de ambas as propostas serem examinadas em conjunto, e não como excludentes, pergunta:

“Por que se o homem social saiu de singulares antropomorfos, o homem espiritual não emergiria do homem social?” (Pág. 51).

A obra de Fauvety, ademais, oferece sólidos argumentos sobre a relevância do conceito de perísprito, como laço a ligar o grosseiramente material a níveis de matéria mais sutis, fator que torna melhor compreensível, à luz da ciência, o fenômeno da vida após a morte biológica.

Fazendo essas e tantas outras conexões entre materialismo e espiritismo, **Charles Fauvety** está a merecer esse importante lançamento no âmbito dos “Autores Espíritas Clássicos”. Aqui ele comparece defendendo, igualmente, a condição não dogmático/religiosa, mas autenticamente livre-pensadora do espiritismo, sintetizada nesta afirmação:

“Não é nem nos crentes do catolicismo, nem nos judeus, nem nos protestantes, que o espiritismo recruta seus adeptos, é, ao contrário, entre os livres pensadores e que o Sr. Jules Soury (materialista por ele contestado, na obra) aprenda isso, se ele não o sabe, tornando-se espíritas, eles não cessam, por isso, de ser livres pensadores”. (pág. 44).

Mas a obra aqui disponibilizada não se resume a esse vigoroso debate de Fauvety com os materialistas. Traz também importantes relatos e documentos de fenômenos ocorridos e estudados desde a pré-codificação kardeciana, como é o caso do capítulo “O Espiritismo em Jersey”, tendo por pano de fundo os fenômenos presenciados por Victor Hugo e da médium Emile de Gerardin, e assim também relatos, cartas e biografias de cientistas pós-Kardec, versando sobre experiências nesse campo.

Figuras do porte de Cromwell, F. Varley, Alfred Russell Wallace, William Crookes, Hernani Guimarães Andrade (biografando o médium Henry Slade) e Johann Carl Friedrich Zollner compõem esse extraordinário documento tratando da fenomenologia espírita, como base fundamental para melhor se entender a filosofia dela emanada.

Boa leitura!

(*) Milton Rubens Medran Moreira
Ex-Presidente da CEPA - Associação Espírita Internacional
Membro atuante da CCEPA - Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

Aviso do editor

O desenvolvimento científico do espírito humano dá origem a necessidades da vida moral, que requerem ser satisfeitas. Destaca-se entre essas necessidades a de um ideal religioso purificado das superstições e ignorâncias do passado; por isso, onde quer que se agite um povo animado pelas correntes do progresso, aí o problema religioso se apresenta, bem como questão do momento, bem como ameaça para o futuro.

Reunimos aqui vários escritos de diferentes autores:

1ª Duas cartas endereçadas pelo Sr. Charles Fauvety ao Sr. Charles de Rappard redator-diretor da revista alemã *Licht, mehr Licht* ^{1!} e publicadas em alemão ao mesmo tempo que elas apareceram em francês nessa brochura. Essas duas cartas foram escritas em resposta a dois artigos do Sr. Jules Soury que apareceram na *République Française*, desde 7 e 8 de outubro de 1879.

Na primeira dessas cartas, o Sr. Charles Fauvety se aplica em refutar as acusações trazidas pelos Srs. Wunct e J. Soury contra os espíritas e os homens de ciência que se ocupam seriamente dos fenômenos do espiritismo. Na segunda, o autor ataca o transformismo materialista. Após tê-lo colocado em paralelo com o espiritismo, ele mostra que o espiritismo não é menos científico que o transformismo, e que suas conclusões ao mesmo tempo mais racionais, mais morais e infinitamente mais consoladoras.

2ª Os dois artigos do Sr. J. Soury que provocaram esta refutação e a crítica do materialismo mecanicista. Era com efeito conveniente colocar as peças do processo sob os olhos do público, juiz em definitivo.

3ª Uma carta da Senhora G. Cochet endereçada ao Sr. Jules Soury, cujo autor, pouco ao corrente das coisas da imprensa, tinha esperado a inserção no jornal que tinha publicado o ataque.

Ao que precede, juntamos a título de documentos:

A) Algumas páginas tiradas de um livro fortemente interessante do Sr. A. Vacquerie, *as Migalhas da história*, onde o diretor do *Rappel* conta os primeiros fenômenos de comunicação espírita das quais ele foi testemunha em Jersey, na casa de Victor Hugo, com Senhora Emile Girardin (Delphine Gay), em 1853.

B) Carta do eminente eletricitista C. F. Varley, Membro da Sociedade Real de Londres, ao célebre professor J. Tyndall, sobre a realidade dos fatos dos quais ele foi testemunha e sobre os quais são baseadas suas convicções espiritualistas.

C) Carta do sábio naturalista Alfred Russel Wallace, Membro da Sociedade Real de Londres, testemunhando suas crenças nas comunicações espíritas.

D) Notas do químico William Crookes, Membro da Sociedade Real de Londres, sobre suas pesquisas experimentais relativas à força psíquica e aos fenômenos do espiritismo.

Uma conclusão termina o todo.

¹ *Luz, mais luz!*

Espíritas e sábios²

1º Artigo

Se fosse preciso crer em um velho professor de filosofia, professor emérito, ou digno de ser, ele com setenta e quatro anos bem vividos, uma questão capital se imporia hoje à atenção do mundo sábio, o de saber “se existe um mundo dos espíritos em relação com nosso mundo terrestre e capaz de aí exercer uma ação sensível³”. Ulrici, como se podia prever, não se contentou de colocar a questão: aqueles que apelam para o exame da ciência sobre as manifestações espíritas são da mesma família de espíritos como aqueles que reclamam por uma comissão de membros da Academia de medicina para constatar as curas de Lourdes e de Valette; são gentes totalmente convictas que não admitem que se possa olhar com ironia ou desdém, ainda sem hostilidade declarada, os objetos de sua fé. Toda crença religiosa ou metapsíquica é, por sua natureza, conquistador. O sábio, com as mãos cheias de verdades abstratas, toma cuidado para não abrí-las; os métodos e os princípios de sua ciência permanecem inacessíveis para muitos. Em toda crença, ao contrário, há um apóstolo, um homem desejoso de converter o gênero humano e que sofreria com menos impaciência a perseguição que a indiferença. Diz-se que Edouard Tylor designa pelas palavras “sobrevivência na civilização” (renascimento na cultura). A crença nos espectros e nos espíritos, o espiritismo e o espiritualismo, caem direto na ampla categoria deste tipo. Para todo homem simplesmente educado e capaz de concluir seu pensamento metodicamente, o que se nomeia os “fenômenos espíritas” não pode estar sujeito a revisão científica. As condições dos fatos alegados (e esses fatos são por toda parte sempre os mesmos) são da psiquiatria, ou da magia, ou mesmo da polícia correcional. É precisamente o caso do famoso espírita americano Henry Slade, cujas sessões de Leipzig pareciam ter determinado na casa do professor Ulrici

um estado de espírito há muito tempo preparado, e foi a causa e a origem do artigo publicado na *Zeitschrift fuer Philosophie und philosophische Kritik*, artigo ao qual respondeu o professor W. Wundt em uma carta⁴, muito picante em alguns lugares, que vamos ver.

² *Artigos publicados na République française, 7 de outubro de 1879.*

³ *Ulrici. "Der sogenannte Spiritismus, eine wissenschaftliche Frage, na "Zeitschrift fuer Philosophie und philos Kritik", 74, vol. 2.*

⁴ *"Ler Spiritismus. Eine sogenannte wissenschaftliche Frage." Offener Brief na Hern Prof. Dr. Hermann Ulrici, em Halle, von W. Wundt, Professor in Leipzig, Engelmann, 1879.*

Mas antes, convém dizer algumas palavras do próprio médium Henry Slade, de seus problemas com a polícia de Londres e com a de Berlim, enfim das sessões de Leipzig, onde assistiram, na casa de Zollner, com W. Weber e Th. Fechner, Ludwig e Thiersch, e tantos outros professores da grande universidade alemã e entre eles, Guillaume Wundt.

Os fatos que iremos relatar são tirados dos jornais ingleses e alemães, de interrogatórios sofridos por Slade, de textos dos suplicantes e dos julgamentos feitos. A maior parte desses documentos foram reunidos, não por um adversário do espiritismo, mas pelo apóstolo mais entusiástico de Slade, pelo próprio Zollner, no segundo volume de suas Memória científicas⁵. Já, quando uma revista francesa relatou recentemente o primeiro volume dessas Memórias⁶, ela lamentava que um sábio como Zollner se dirigisse, na realidade aos espíritas, e não mais aos físicos e aos filósofos, em muitas páginas de seus escritos. Desta vez, não é mais algumas páginas, mas quase um volume de apologia que Zollner consagra à pessoa, às "perseguições" e às "experiências" do famoso médium americano. Esse trabalho de Zollner será um precioso documento para o historiador psicólogo que, algum dia, experimentar esboçar essa figura estranha. Por uma ficção poética, ou antes espírita, Zollner evoca aqui, como um gênio familiar, a sombra de Grimmelshausen, o autor do aventureiro Simplicius Simplicissimus. Grimmelshausen tira a cada instante da quarta dimensão do espaço, seu império, e apresenta a Zollner todos os papéis relativos a Slade, com quantidade de fragmentos de escritos de Virchow, de Helmholtz, de Du Bois-Reymond, todos estudiosos de um ceticismo endurecido no mundo dos espíritos. O tom lírico que toma frequentemente Zollner, suas apóstrofes a Grimmelshausen, sua prece ao

“Pai dos céus estrelados⁷ “algumas ligeiras incoerências no discurso, o retorno periódico das mesmas frases e das mesmas ideias, tudo parece lembrar os sintomas de um estado mental que pode aliás existir algum tempo com uma frutuosa atividade científica no domínio da astronomia física.

⁵ *“Wissennchaftliche Abhandlungen”, von Friedrich Zollner, II ter. Baud. Leipzig, 1878, in-8.*

⁶ *“Revista Filosófica.” 1878. N. 11. P. 529 e srguintes.*

⁷ *Zollner, “Wissenschaftliche Abhandlungen.” p. 392.*

Henry Slade é um Americano de porte alto, um lanque nos movimentos lentos e circunspectos, de longos braços, longas pernas, longos dedos magros e esguios: ele traz os cabelos crespos e longos bigodes; o rosto é de uma palidez de espectro: os olhos brilham de um clarão sem doçura. De ordinário frio e reservado, ele ri algumas vezes de um riso silencioso; assim, quando Zollner lhe propunha certas experiências, como se ele duvidasse que os espíritos consentissem em realizá-los, Slade se dá, com efeito, como todos os médiuns, por um instrumento puramente passivo desses seres, ainda que essa pretensão não esteja de acordo com a sua forma de proceder, assim, como a notou Wundt. Uma coisa ao menos é certa, é que Slade lamenta uma atividade muito grande prática e que não se entende como um empresário para organizar representações, eu quero dizer “sessões” em quase todas as grandes cidades da Europa. Ele é acompanhado de um faz-tudo, o Sr. Simmons, personagem assaz estranha e misteriosa, a julgar pelos processos de Londres, de duas garotas encantadoras, das quais uma, se diz, sua sobrinha. Slade é velho; sua mulher, que nesse mundo se chamava Allie, não o tinha, entretanto, praticamente abandonado: é que o espírito que escreve sobre suas pranchetas nas sessões e que dá oráculos infinitamente menos obscuros do que como aqueles das sacerdotisas de Delfos. Quanto à escrita de Allie, houve pessoas que ficaram impressionadas com a semelhança que ela oferece a de seu esposo terrestre, Henry Slade. Antes de ser admitido a ver o próprio célebre médium, os visitantes são primeiro recebidos no salão pelas duas jovens. Parece que elas examinam então, sem parecer seus olhares astutos e penetrantes, e que, quando Slade aparece, elas não deixam de informá-lo, por algum sinal imperceptível, o resultado de suas observações⁸. O espírita age em consequência, enquanto o faz-tudo escreve

no livro-razão os nomes dos visitantes e verifica a caixa registradora. As somas assim recolhidas são relativamente muito elevadas, e as sessões de tal médium trouxe mais dinheiro que as representações extraordinárias dos mais famosos tenores. Acrescente que as despesas do espírita não são consideráveis: um quarto de hotel, uma pequena mesa, algumas tábuas de ardósia, duas ou três cadeiras e na falta de proteção contra a corrente de ar, uma harmônica ou alguma caixa de música. O programa, enfim, dificilmente varia, e quase todas as “experiências” que Zollner se imagina ter sugerido ao médium (que foi capaz de lhe inspirar a ideia) já tinham sido repetidas à sociedade, seja em Nova-Iorque, seja em Londres, seja em Berlim, diante dos curiosos das coisas sobrenaturais. Assim, os espíritos batem primeiro alguns golpes sob a mesa para começar, a sombra de Allie escreve sobre as pranchetas de ardósia, as cadeiras se põem a executar somente alguns passos de uma dança do além-túmulo, e a tela de proteção contra o vento, quando aí existe, se rasga como o Véu do templo de Jerusalém. A tolice, a onda, sobretudo a monossilábica das repostas que fazem os espíritos ao curso das sessões, são hoje proverbiais. O espírita, isso se concebe, que seja Slade ou outro mágico, não tem então como distrações escrever sob a mesa. Em compensação, várias linhas de escrita (em um belo inglês) cobrem às vezes um lado da prancheta dupla sobre a qual escrevem os espíritos antes de toda espécie de interrogações indiscretas. Por educação, sem dúvida, os espíritos escrevem voluntariamente então, mas somente então, em várias línguas e alfabetos. Não que eles tenham purismo: o alemão da falecida Sra. Allie, se Slade não for o verdadeiro culpado, é de uma estudante americana magra. Quanto ao russo, ele é, parece, de uma rara fantasia. O Sr. Slade só conhece o inglês, e parece que ele jamais será forte em temas alemães ou russos. Entretanto, ele só tem que copiar os exemplos de gramáticas estrangeiras e as versões em língua vulgar da Bíblia, pois é de tais livros que foram evidentemente tomados os lugares comuns e as sentenças bíblicas que se lê nas pranchetas de ardósia: “Procurai e achareis.” E Jesus responde: “O Deus que vós credes é o que me enviou, etc.” As trapaças do médium americano Henry Slade foram desmascaradas com frequência, notadamente no Times de 16 de setembro de 1876, pelo professor Ray Lankester, professor de zoologia da Universidade Colégio de Londres. Denunciado à justiça em virtude de uma velha lei inglesa que afeta esse tipo de pessoas como

pérfidos e vagabundos, Slade compareceu diante dos tribunais de Londres e assistiu a seu processo nos dias 20, 21, 27, 28 e 31 de outubro de 1876. Foi a pedido do professor Ray Lankester e do doutor Donkin que as ações tiveram lugar. Entre as testemunhas de acusação, ouvimos, como Richard Hold Hutton, membro do Senado, da Universidade de Londres, deram grandes somas ao faz-tudo de Slade; outro, Walter Herries Pollock, declara que Slade pegou o nome de pessoa o nome de um livro, etc. Na primeira fila de testemunhas de defesa figura, coisa triste de se dizer, o ilustre êmulo de Darwin, Alfred Wallace. Slade foi condenado a três meses de prisão em uma casa de correção. Ele apelou, e ficou livre por meio de uma caução de duas libras esterlinas que o doutor Wyld e um outro inglês se apressaram em emprestar. Três meses após, e, 29 de janeiro de 1877, o processo se extinguiu por uma absolvição em corte de apelação. Slade deixou então a Inglaterra; ele foi dar sessões de espiritismo na Holanda. Por volta do mesmo ano, ele está em Berlim; ele vira algumas cabeças, mas desencadeia contra ele as mais violentas cóleras da opinião. Os ataques do Volkszeitung (18, 21 de dezembro e março de 1877) e os protestos do Post, entre outros, caem sobre a cabeça do médium uma nova tempestade que vai forçá-lo a fugir novamente. Em Berlim também, os tours de Slade foram descobertos e imitados pelo mágico Hermann e o físico Boettcher. O médium encontrou, na verdade, um amigo em Bellachini, o mágico do tribunal, que declarou diante de notário que Slade não era um amigo, mas um grande sábio. Um correspondente do Gartenlaub, de Leipzig, R. Elchio, descobre, como se diz, descobriu o segredo: as respostas curtas do espírito, sempre redigidas em inglês e de uma escrita rápida, eram bem da mão de Slade: o lado da dupla prancheta de ardósia, traçado por uma mão elegante e em diferentes línguas, já estava escrita antes.

⁸ *Zolner, "Wissenschaftliche Abhandlungem" p. 392.*

Alguns escolares entusiastas foram, entretanto, bater às portas de seus professores, a fim de saber o que eles deviam crer dessas maravilhas, ou para pedir a seus próprios sábios examinar os prodígios do médium americano. O Sr. Hartmann se recusou com um ar assaz embaraçado, pouco sociável sem dúvida de reconhecer em Slade um discípulo militante de sua doutrina, um apóstolo da filosofia de inconsciente, sobretudo desde que Dühring apontou as afinidades dessa filosofia com o espiritismo americano⁹. Virchow, crendo no testemunho indignado de Aksakof, um

deses Escravos que seriam os primeiros espíritas do universo se a América não existisse, Virchow se divertiu ao pôr as seguintes condições: 1. O Sr. Slade se submeterá a tudo o que exigirão as pessoas encarregadas de examiná-lo; 2. O professor Virchow o amarrará solidamente os pés e as mãos; 3. Um observador será colocado em cada pé da mesa. Achamos que se o médium americano fizesse ouvidos moucos.

⁹ *Dühring, "Kritische Geschichte der Philosophie"*.

Quanto a Helmholtz, ele respondeu (4 de novembro de 1877) tanto quanto Faraday havia feito no passado a um convite dos irmãos Davenport. "Senhores, disse com um sorriso gentil o ilustre fisiologista alemão, vocês fizeram negócio com um mágico extremamente habilidoso; os nossos já estão fazendo maravilhas, mas os americanos são ainda mais fortes.

Eu não posso, para meu pesar, me permitir um estudo do tipo para o qual vocês me convidam.

Eu vos agradeço por vossa confiança e vos recomendo a maior circunspecção". Dois meses mais tarde, em janeiro¹⁰ de 1878, Slade era, na realidade, expulso de Berlim pela polícia; inumeráveis cartas de ameaças, e denúncia contra as práticas fraudulentas do espírita americano, foi comunicada, com efeito, à polícia; esta temia que logo ficaria impotente para protegê-lo.

¹⁰ *Zollner "Wissensch. Abhandlungen," página 387.*

Em Leipzig, onde ele morou com um amigo de Zollner, Slade recomeçou o curso de seus exercícios: evocação de espíritos de mortos¹¹, escritas espíritas, aparição de mãos e pés de mortos: em suma, todo o velho jogo ingenuamente descrito por Zollner em suas Memórias científicas, sob o título pomposo: *Minhas Experiências com o Sr. Slade em Leipzig*¹². Este não é lugar para falar das especulações do estudioso astrônomo sobre o alegado espaço quadridimensional que lhe foi revelado pelos espíritos, nem de insistir uma vez mais sobre as bizarrices desse poderoso pensador que, em se embriagando assim de visões malsãs, terminará talvez pelo iluminismo e a loucura lúcida. Ele mesmo conta que, há seis anos, quando publicou seu belo livro sobre a Natureza dos cometas, correu o boato que ele tinha ficado louco¹³. "As concepções científicas do Sr. Zollner, escreveu o Sr. E. Bouty, são impressões de um caráter de personalidade muito acusado. Dotado de uma imaginação exuberante, esse estudioso aceita de bom grado fé absoluta à objeção de suas hipóteses, e facilmente compensa

a falta de crítica aprofundada com uma controvérsia que nos surpreende encontrar tão amarga.” A mesma crítica notou que Zollner voltou à teoria, de remissão, abandonada há meio século para a explicação dos fenômenos luminosos; o resultado dos cálculos de Zollner lhe pareceu, a esse respeito, também infecundo que a hipótese tão pouco justificada que lhes serviu de fundamento e como o resto do sistema de Weber. Ora, aqui ainda, é o culto que Zollner votou a seu venerável colega, o físico Guillaume Weber, que o conduziu a abraçar cegamente crenças científicas que, com ele, se transformam sempre em uma espécie de fé religiosa. Ele precisamente fez seguir as “experiências” que ele crê ter, instituídas com Slade, por G. Weber e Th. Fechner; ele jamais esquece de apresentar esses sábios ilustres como testemunhas de suas experiências, e, de fato, o testemunho de tais homens não perderiam peso, se um não tivesse setenta e seis anos e o outro setenta e nove.

¹¹ *É de fato aos espíritos dos mortos, às vezes visíveis e tangíveis, que Slade, com ele Zollner e Ulrici, atribui, os “fenômenos” espíritas. (Zollner, “Wiss. Abhandl.” p. 379; Ulrici, “Zeitschrift.” p. 267.)*

¹² *Página 325 e seguintes.*

¹³ *Ibid., p. 423.*

Mal posso esperar para chegar, agora que conhecemos Slade, à Carta que Wundt acaba de enviar para Ulrici. Wundt havia sido citado entre os professores da Universidade de Leipzig que assistiram às sessões do médium americano; ele, portanto, insistiu em declarar publicamente seu sentimento sobre uma questão que Ulrici chama de “científica”, porque cientistas, conservadores estariam de acordo com esse filósofo, examinado seriamente. Por ele mesmo, Ulrici não teria visto nada; sua fé repousa unicamente sobre a autoridade de algumas testemunhas. Mas essas testemunhas, diz Ulrici, são físicos, naturalistas; é com certeza uma autoridade científica. Ora, a que sinais se reconhece, na realidade, uma autoridade científica? Que confiança se deve ter no testemunho de outros a respeito dos fatos e doutrinas de nossas ciências? Eis as questões que Wundt endereça primeiro a Ulrici.

No tocante à primeira dessas questões, diz ele, está claro que, porque um homem é eminente em uma ciência, não se segue que ele possua em todas a mesma autoridade científica. O grande nome de Isaac Newton não pôde escapar de um rápido esquecimento o comentário do geômetra sobre o

Apocalipse. Os naturalistas ingleses e americanos que invoca Ulrici, eminentes em suas respectivas ciências, eram incompetentes para julgar fenômenos que se diferenciavam absolutamente daqueles que observa de ordinário o naturalista. Todos os métodos científicos repousam, com efeito, sobre o princípio da invariabilidade das leis da natureza; admite-se como um postulado que tais condições fossem dadas, os fatos seguirão invariavelmente. O naturalista não admite nem capricho nem acaso no universo. Ao contrário, os “fenômenos” espíritas ignoram as leis da física, ou antes eles as desafiam.

Impossível introduzir uma ordem qualquer, alguma sucessão ou encadeamento regular nas manifestações dessa natureza. Os estudiosos que examinaram os pretensos fatos revelados por Slade concordaram nesse assunto de estudo a confiança que eles se acostumaram em concordar com objetos ordinários de suas observações. Mas, verdadeiramente, não era de modo algum o caso. Assim, constatou-se que Slade tinha exercido uma real influência sobre os movimentos de uma agulha imantada. Mas Zollner tinha falado ao médium dessa experiência; este tinha se preparado para isso, ele já tinha feito em Berlim. Tudo o que se passou nessa ocorrência fez involuntariamente pensar no que realizaria todo homem munido de um forte ímã. Os físicos de Leipzig estavam muito convencidos da boa-fé do sujeito em experiência para que uma dúvida somente os tocasse. Em seu lugar, um magistrado, um crítico, um médico, toda gente mais inclinada a duvidar da veracidade dos objetos submetidos à sua investigação, não teriam negligenciado de modo nenhum em examinar as mangas da sobrecasaca de Slade¹⁴.

¹⁴ W. Wundt, *“Der Spiritisme,”* p. 10.

Os cientistas que Ulrici invoca, não estavam por isso na área; eles são incompetentes. O único homem competente, porque estudou e reproduziu com sucesso várias “experiências” de Slade, é o doutor Christiani, preparador do instituto fisiológico de Berlim ora, ele assegura que essas “experiências” são simples exercícios de prestidigitador.

Para o que tratou na segunda questão, Wundt lembra primeiro a Ulrici, que na grande maioria dos casos, é sobre a autoridade de outros homens que nós tomamos tal ou tal fato por verdadeiro; o número de fatos dos quais nós somos capazes de conhecer por nós mesmos as condições e as leis é relativamente pequeno. Tudo o que nós acreditamos parece

entretanto tanto mais seguro quanto descobrimos aí um maior de acordo com o conjunto de nossos conhecimentos. Se nos comunicam um fato novo cuja observação não podemos controlar, antes de crer, devemos exigir que essas duas condições sejam preenchidas: 1. o fato deve ter sido constatado por uma testemunha digna de fé e versada nas pesquisas do qual se trata; 2. esse fato não deve se achar em contradição com os fatos estabelecidos. Certamente, pode acontecer que um fato tomado anteriormente, impossível de ser encaixado mais tarde em alguma de nossas teorias gerais seja considerado verdadeiro; mas, citaríamos, em toda a história das ciências, um estudioso que, trazendo um novo fato, tenha sustentado que por essa descoberta, todas as leis da natureza deviam ser revistas de cima a baixo? Bem, eis precisamente o que apoiamos hoje. As leis da gravidade, da eletricidade, da luz e do calor não têm mais, nos asseguram senão um valor hipotético e puramente provisório. Quanto à nova concepção das coisas, chamado a substituir o antigo, quanto ao espiritismo, não se apoia senão sob o arbítrio de alguns indivíduos que nomeamos médiuns. O meio de levar a sério, como o faz Ulrici, uma semelhante pretensão? É mesmo no fundamento sobre o qual repousa todo o edifício de nossa ciência, é no princípio universal de causalidade que se apoia o espiritismo! De um lado, o conjunto majestoso de todas as leis naturais conhecidas, sempre verificadas e sempre mais sólidas e mais entendidas, herança secular, crescendo incessantemente, da consciência sobre esse planeta. De outro, um pequeno grupo de estudiosos distintos, cujos trabalhos pessoais contribuíram para fortalecer a autoridade dessas leis naturais, mas que, em uma época de sua vida, e sob a influência de certas práticas estranhas a seus estudos, declaram de repente que o princípio de causalidade é uma ilusão, e que não temos nada melhor a fazer senão abandonar nossa concepção atual das coisas.

Acrescentemos, prossegue Wundt, que as pretensas observações espíritas, as de Zollner como os outros, jamais foram feitas em condições, eu não digo científicas, mas simplesmente aceitáveis. Assim, a primeira condição para que as experiências de Slade tivessem sucesso, é que todos os assistentes tivessem suas mãos sobre uma mesa e que nenhum observador se achasse fora do círculo. Uma parte considerável do campo de observação escapa por isso aos olhares. Os braços longos do Sr. Slade permanecem quase sempre visíveis, dizem os adeptos quase sempre sim,

mas não sempre. Em geral, é o médium sozinho que decide quando um fenômeno deve ter lugar e se ele deve acontecer. Os assistentes propõem, o médium dispõe. A cada nova proposição, o espírito ou os espíritos não deixam de responder por escrito sobre a ardósia: "*Vamos tentar*", mas, ora os espíritos fazem o que lhes pedem, ora não o fazem, ou mesmo fazem tudo ao contrário! Em um momento dado, são aparições luminosas que o médium assegura ver no teto e que os espectadores procuram em vão, a cabeça levantada no ar; em outro instante, é o próprio espírito que de repente cai nas convulsões e desvia necessariamente a atenção. Todos que assistiram, na casa de Zollner, às sessões de Slade, foram testemunhas dessas cenas.

2º Artigo

Wundt se deu ao trabalho, terminando sua carta, de mostrar a Ulrici quais seriam as consequências desastrosas para os bons estudos de semelhantes doutrinas, se a juventude acadêmica ouvisse mestres tão perigosos como o ilustre professor de filosofia. Se não existe de modo algum, leis naturais, “leis de ferro”, invariáveis, eternas, universais, pelo menos na parte do mundo que nós observamos, não há ciência. Para que pedir à investigação científica a solução de problemas que se pode obter nos dirigindo simplesmente aos espíritos? Até aqui, é verdade, as repostas destes não foram quase nada de natureza a desviar os estudiosos do caminho dos laboratórios e das bibliotecas. Em tudo confessando que os espíritos de Slade ao menos, *“não alcançaram ainda um pleno e completo conhecimento da verdade.”* Ulrici ousa afirmar que a ciência e o poder desses espectros todavia já atingiram uma altura que ultrapassa de muito a ciência e o poder do homem! Eis então, certamente, uma doutrina que, se um dia se espalhar pelas nações em decadência, ou mesmo entre os povos de uma cultura mediana, trará terríveis devastações na vida intelectual da humanidade. É para combater a influência perniciosa de semelhantes devaneios, mais perigosos talvez do que as que não parecem, mesmo em nossa época, pois elas respondem à nossa mais antiga concepção do mundo, a essas ideias hereditárias que sempre observam nas misteriosas profundezas de nossa consciência, é para protestar contra rebaixamento, contra essa abjeção em gostaria de nos reduzir a doutrina espírita, que Wundt respondeu publicamente ao lamentável artigo de Ulrici¹⁵.

¹⁵ *A resposta de Ulrici a Wundt, que acaba de aparecer a Halle, em uma brochura de vinte e oito páginas, se esforça para refutar frase por frase, a maneira escolástica, as principais teses do professor de Leipzig, mas sem produzir um fato novo. É que um caso de mania de raciocínio. Acreditamos que o fisiologista não responderá mais ao filósofo.*

Essa resposta de Wundt não me parece, entretanto, completa. Certamente ninguém era mais capaz que o eminente autor da Psicologia fisiológica de mostrar a extrema fragilidade das ideias de Ulrici e de fazer justiça das pretensas manifestações espíritas. Eu o aprovo por ter deixado nas sombras Zollner e seus dois veneráveis colegas, o professor Weber e Fechner. Quem quer que tenha lido as páginas que o estudioso astrônomo consagrou à apologia de Henry Slade se sentirá tomado de uma compaixão muito dolorosa para tocar somente de uma pena indiscreta certas úlceras de crescimento rápido das quais não depende mais de ninguém parar o progresso e a marcha fatal. Mas, em lugar de refutar Ulrici, não seria melhor expor a origem e o desenvolvimento histórico das ideias de que se fez arauto? Assim, não se refuta Ulrici. Se de repente, em setenta e quatro anos, um velho professor de filosofia abjura todos os princípios das ciências para se lançar de cabeça nas revelações dos espíritos batedores, precisamos admitir que essa última evolução tinha sido preparada há longo tempo, que é a sucessão de métodos e de hábitos inveterados da mente, pois não nos tornamos mais espírita senão nos tornamos alienados sem predisposição.

É a história das ideias de Ulrici e dos filósofos de sua escola que tiveram que fazer, e não a crítica de sua maneira de raciocinar, pois Ulrici raciocina muito bem, sua faculdade silogística é excelente, e se suas conclusões são falsas, é unicamente porque ele partiu de premissas errôneas. A lógica de Ulrici é tão correta, é tão verdadeira que foi conduzida por inclinação fatal a suas ideias atuais, que se estranha frequentemente que todos os espiritualistas não se tornam espíritas como ele.

Todos os autores espiritualistas que, dominados por hábitos de pensamento científico ou subjugados pela força de seu bom senso, negaram a comunicação direta dos pensamentos, a interação dos espíritos, a ação à distância das vontades, etc., foram tudo simplesmente inconsequentes. E de fato, um dos escritores espirituais cuja clara razão, a ironia fina e jovial, e até à frivolidade mundana, fariam crer em inúmeras páginas que ele escreveu que Fontenelle ditava, o Sr. Ernest Bersot, não declara ele tudo nitidamente, como um bom espiritualista, que “a comunicação direta de espírito a espírito, tomada em si mesma, não tem nada além do choque¹⁶?” Se, não mais que o Sr. Alfred Mury, ele não crê entretanto nessas adivinhações que permitiram a um sonâmbulo ou a um

médium saber o que nós temos no espírito, de ler em nosso pensamento, de predizer o amanhã ou de descobrir segredos da natureza, é que, diz ele, no estado do mundo tal como o conhecemos, os espíritos não se manifestam jamais senão em e por órgãos corporais, e que não há senão pessoas pouco dignas de fé, tais como os bruxos, que os tenham visto cavalgando ao luar. Mas eu não conheço concessões mais severas ao senso comum sobretudo nos espiritualistas que acham ser bons lógicos. É assim que se notou com toda razão Dühring, que chega a instituir um paralelo em regra entre o espiritismo e a metafísica.

¹⁶ E. Bersot, *Mesmer, o magnetismo animal, as mesas girantes e os espíritos*, 4ª Ed., Hachette. 1879, p. 284.

Este, diz ele, crê em uma alma que se esvai do corpo como o pássaro de sua gaiola; o espiritismo, a ele, não crê na morte dos indivíduos, mas a uma simples troca de guarda-roupa, e ele apresenta em seus congressos, desordenado com os vivos, as almas dos falecidos¹⁷. Como se pode sustentar, na hipótese das filosofias espiritualistas, que substâncias tão heterogêneas como o corpo e a alma se limitam e se opõem reciprocamente ao ponto de serem acorrentados um ao outro? Que impede a alma imaterial de ir percorrer o vasto mundo, de penetrar mesmo nas misteriosas regiões da quarta dimensão do espaço, enquanto o corpo pesado é mergulhado na inconsciência do sono sem sonho? Isso, é a antiga fé espiritualista, é a crença secular de nossos mais antigos ancestrais, e eu estimo que as pessoas letradas erraram de tanto refinar sobre esses velhos dogmas de nossos pais.

¹⁷ *Krit. Geschichte der Philosophie*, p. 522.

Abramos essa bíblia das superstições humanas que Tylor intitulou: *Primitiva Cultura*, mas que é ainda a história de nossa civilização atual, e onde encontraremos todos esses prodígios que, acreditando em Ulrici, eleva o espiritismo contemporâneo à altura de uma questão científica. Na casa do professor Zollner toda dança e viagem no ar como nos versos ingleses de velho autor do século dezesseis:

Eu posso fazer dançar as cadeiras, e fazer tão bem saltitar a louça, que ninguém poderá restaurar, e por isso eu só tenho que jogar minha luva¹⁸.

¹⁸ Edw. Tylor, *Civilização primitiva*, I, 107.

Slade não tem mesmo mais necessidade de jogar sua luva, e diante do astrônomo e seus amigos, eis que cadeiras, mesas, bibliotecas, racham, se

agitam ou se elevam até ao teto; eis que os objetos aparecem e desaparecem; que mãos e pés perambulam à beira das mesas de pedestal ou beliscam as pernas dos veneráveis colegas Weber e Fechner debaixo da mesa ou ainda é uma grande campainha que por si mesma se põe a tocar, ou uma harmônica cujas melodias espontâneas lembram o piano de Mesmer e a caixa de música do fotógrafo Buguet¹⁹, que evocava, para fotografá-las, as almas dos falecidos, mesmo os espectros de Ulrici. O famoso médium Home era bem mais forte que Ulrici: não eram as mesas, mais sua própria pessoa que fazia planar no ar, à semelhança dos santos do bramanismo, do cristianismo ou do islamismo. Em seu livro, os espíritos fazem, quase tudo o que os de Slade fazem: eles batem, fazem cócegas nas pessoas, fazem e desfazem nós (sempre sob a mesa) e só deixam aparecer de seus corpos mãos ou braços.

¹⁹ Diz-se que o autor das “fotografias espíritas” da avenida Montmartre foi condenado, em 1875 a um ano de prisão e a 500 francos de multa. Ele ao menos se lembrava disso, como seu confrade Slade?

Os xamãs das estepes da Sibéria possuem manifestamente as faculdades dos médiuns americanos. Na idade média nos três séculos de sortilégios das bruxas, que faziam conjurações e invocavam gênios que elas alegaram que eram seus escravos, dificilmente diferenciavam de nossos modernos espíritas. Todo tempo, o ranger de madeira ou os golpes batidos nas paredes foram atribuídos a “espíritos batedores,” e Siamois e Singhalais são aqui praticamente do mesmo sentimento que Ulrici. Quantos às escritas dos espíritas ingleses e americanos, eis o que diz Tylor a esse respeito: “Em despeito das diferenças de religião que separam a China da Inglaterra, a arte da correspondência espírita é perfeitamente a mesma nos dois países.” A torre de nós feitos e desfeitos, no qual Zollner acreditou ver a deslumbrante confirmação de suas ideias teóricas sobre a existência de uma quarta dimensão do espaço, não somente faz parte de repertório comum dos irmãos Davenport: é renovado dos antigos e modernos selvagens.²⁰

²⁰ *Ibid.*, p. 182.

Devo falar de pegadas na farinha ou cinzas para garantir a presença de espíritos? Zollner, que parece ter imaginado essa experiência delicada a fim de assegurar que ele não sonhou, e foi ainda superado pelos indígenas das ilhas Filipinas²¹. Os fenômenos convulsivos e epileptiformes observados na

casa de Slade foram, de toda antiguidade, o mesmo sinal da possessão: o médium, com efeito, como o profeta, o adivinho ou o padre, é só um simples instrumento, destinado a exprimir os pensamentos que lhe sugere os espíritos, os demônios ou os deuses. Ora, nas ideias do povo, o vidente é tanto mais inspirado quanto mais luta, seu rosto convulsionado e sua boca espumante, sob o abraço desses seres temíveis. Mas a verdadeira causa desses fenômenos nos bruxos e nos médiuns, é quase sempre o temperamento ultranervoso. Tylor diz de adivinhadores extremamente nervosos de um distrito habitado pelos Karens, que dariam médiuns admiráveis: “No momento quando eles pronunciam seus oráculos, eles caem em convulsões.” Os adivinhos zulus também são muito notáveis, ao que parece, a esse respeito. Entre os Patagônicos, os epiléticos são imediatamente elevados à dignidade de feiticeiros. Os xamãs das tribos siberianas tomam cuidados ao escolher para o santo ministério, quero dizer para seu sacerdócio, crianças sujeitas às convulsões. Em suma, a hereditariedade das funções sagradas tiveram com frequência para condição, entre uma grande parte da humanidade, a hereditariedade de certas doenças nervosas. “Assim, conclui Taylor, doentes infelizes, epiléticos entusiastas, começaram, desde a aurora da civilização, a exercer sobre seus compatriotas saudáveis uma influência considerável, influência que eles além do mais nunca deixaram de exercer em nenhuma época.”

²¹ *Ibid.*, II, 256-7.

Vemos, as famosas sessões “científicas” às quais Zollner e alguns de seus amigos (por que Perty não se acha aí?) se gabam de ter assistido, não são senão cenas da vida comum dos Peles-Vermelhas da América do Norte ou dos negros do Sul. Mas, eu estou errado; finge-se que Slade tinha o poder de fazer desviar agulhas imantadas, e aí sem dúvida um retorno ainda ignorado de volta aos fazedores de chuva. Nada parece ter causado mais impressão sobre Zollner; Ulrici aproveitou o texto para humilhar a soberba dos eruditos e inaugurar uma nova física. Um só exemplo. Durante as sessões de Slade, certos objetos, um canivete, etc., desapareciam para reaparecer de repente. A fim de explicar essa maneira de escamoteação, Ulrici questiona seriamente se as forças eletromagnéticas não seriam capazes de dissociar e recompor instantaneamente os átomos dos corpos! Quanto a mim, eu me inclino a acreditar, com Wundt, que teria sido suficiente, para dissipar o prestígio do poder magnético de Slade,

observando nas mangas de sua sobrecasaca. Mas, o que quer que seja isso, essas experiências de magnetismo eram simplesmente renovadas das dos sensitivos de Reichenbach, das que a Sra. Ruf em particular fez diante Théodorode Fechner em 1807²². Permita-me citar aqui uma boa página de um eminente naturalista, de Oscar Schmidt, sobre os sensitivos de Reichenbach, o inventor e o revelador da od: “Há cerca de vinte anos, um químico conhecido por várias belas descobertas, o barão de Reichenbach, inventou uma, chamada od, que devia servir de apoio ao magnetismo animal e explicá-lo ao mesmo tempo por um princípio geral. O palco desses estudos sobre a od foi de preferência a cidade de Viena, o berço do mesmerismo, da frenologia e outras pegadinhas dos tempos modernos. As bonecas e os marionetes falantes nos quais Reichenbach estudava os fenômenos da nova força eram, de jovens e velhas graças da capital austríaca, exaltadas e nervosas. A od era da mesma natureza que a eletricidade, a luz, e, em geral, como chamava as forças e fluidos imponderáveis. Para perceber pelo toque e pela visão dos efeitos desse elemento imponderável que emana dos cristais, dos vidros, das plantas, dos animais vivos ou em putrefação, e do mundo físico inteiro, era preciso possuir uma disposição particular, uma espécie de irritabilidade especial, era preciso ser “um sensitivo.”

²² *“Erinnerungen na dieletzten Tage der Odlehre und ihres Uhrhebers.” (Leipzig, 1876).*

Passo por cima das qualidades imaginárias e dos diferentes modos pelos quais eram revelados aos sensitivos; uma comparação detalhada do magnetismo animal com o od nos levaria longe demais. Eu gosto de mostrar, me apoiando sobre o testemunho e as experiências de uma testemunha ocular, o doutor Vogel, acha conveniente fazer sobre a sinceridade e a veracidade dos médiuns de todo gênero. Vogel conta que entrou em uma cabine completamente na obscuridade onde se achava uma das senhoras sensitivas que ele devia examinar.

Quando eu me aproximei dela, diz ele, ela afirmou ver um clarão em minhas mãos e em torno da minha cabeça; eu pedi então para me indicar os movimentos que eu executaria com minha cabeça: ela disse que esses movimentos tinham lugar ora a esquerda, ora à direita ora, na realidade, eu não tinha mexido a cabeça. Reichenbach quis examinar a força visual da senhora se afastando dela para trás.

Quando ele deu seis passos, ela disse: “Agora eu não o vejo mais.” Eu repeti a experiência, mas não me afastei senão apenas dois passos, batendo meus pés como se eu marchasse: “Agora, exclamou a sensitiva, eu não o vejo mais!” Uma noite, eu encontrei algumas senhoras e alguns homens na câmara escura. Fiz experiências com um senhor sobre a fosforescência das mãos; ele não podia me dar indicações exatas sobre os movimentos de minhas mãos; ele dizia que o clarão muitas vezes permaneceu no lugar e outras mudava. De repente ele exclamou: “Agora eu vejo vossa mão muito distintamente!” Eu lhe pedi para segurá-la. Ele não agarrou senão o ar: eu tinha as duas mãos em meus bolsos. Os sensitivos afirmavam também ver um sino tocando. Eu estendi um lenço entre seus olhos e o sino; uma das senhoras diz então que o sino não estava visível. Eu abaixei o lenço de modo a tornar, de novo visível se isso pudesse ser. Entretanto, ninguém o viu; mas ao mesmo tempo, eu senti que meu lenço foi tirado e eu segurei duas mãos. Antes de responder, os sensitivos tinham mexido suas mãos, senti o lenço, e, acreditando que este escondia ainda o sino, declarado que ele estava sempre visível. “Sim, sim, dizia Reichenbach, comigo as experiências tinham sucesso sempre; com estranhos, raramente ou jamais.” Assim, para se tornar interessantes, uma parte dos sensitivos tinha simplesmente mentido; uma outra tinha percebido fenômenos luminosos subjetivos, a fosforescência dos olhos, isto é, uma reprodução cerebral de impressões luminosas. Como essas sensações visuais sejam fortemente comuns, sobretudo quando se está excitado e que se deseja vivamente ver alguma coisa, é a isso que Reichenbach não dava atenção²³.

²³ *“As Ciências naturais e a Filosofia do inconsciente.” (Germer Baillièrre, 1879), p. 87. Traduzido do alemão por Jules Soury e Edouade Meyer.*

Essas observações excelentes nos dispensam de insistir sobre o caráter e o valor moral da maior parte dos médiuns, pois tudo o que se acaba de relatar sobre sensitivos se aplica aos adeptos do magnetismo animal e do espiritismo. Impostores, sempre existiram; mas nos mostraríamos bem frívolos e daríamos prova de pouca psicologia se sustentássemos que eles são sempre assim porque eles o são algumas vezes. A consciência comporta muito do inconsciente, se eu ousar dizer, ela é coisa muito complexa e muito obscura no crente como no próprio sábio, para que lhe apliquemos nossas fórmulas morais ingênuas e as distinções clássicas da boa e da má fé. Somente em certos momentos o homem distingue a verdade do erro com

bastante clareza, quero dizer o que é menos obscuro do que é mais. Mais as mentes críticas conseguem se manter constantemente de alguma maneira acima desse mar de ilusão em que nosso elemento são uma minoria imperceptível: o resto volta a mergulhar nele.

Haeckel, falando precisamente de Slade e dos naturalistas de Leipzig, deixou bem claro o lado obscuro e místico do ramo humano: “Há alguns meses, vimos, em nossa confusão, o espírita americano Slade que, após ter feito uma grande fortuna com os ingleses evocando os espíritos, acabou por ser desmascarado e reconhecido como um vulgar impostor, - continuar com o mesmo sucesso em seu metier de escroque na Alemanha, e chegar mesmo a enganar alguns físicos distintos.

E não sabemos que uma literatura especial de espiritismo, representada por numerosos jornais, procura cobrir esse vergonhoso charlatanismo com o manto da ciência?

No século das ferrovias e dos telégrafos, da análise espectral e do darwinismo, no século da interpretação da natureza do ponto de vista monista, o meio de compreender essas recaídas nas tenebrosas superstições da idade média? Elas só se explicam pelo lado obscuro e mística da alma humana, pela tendência do inconsciente ao sobrenatural e ao maravilhoso trabalho que a superstição religiosa manteve cuidadosamente por séculos. Certamente, essa tendência mística tem raízes tão profundas em nós apenas porque se fortaleceu ao longo dos séculos e consagrada por pretensas revelações, isto é, por adaptações patológicas da alma²⁴.”

²⁴ “*Ensaio de psicologia celular.*” Por E. Haeckel (Germer-Baillièrre, 1880) p. 100. Traduzido do alemão por Jules Soury.

Essas adaptações patológicas da alma, como Haeckel designa as religiões, possuem como efeito as mais profundas afinidades com o espiritismo, e ainda hoje, apesar dos anátemas e dos exorcismos das Igrejas. O padre lembra suas origens; ele só nega com a boca os adivinhos, os feiticeiros e os evocadores de almas: com o coração é secretamente como aqueles. Quando toda a imprensa liberal de Berlim denunciava Slade e o entregava à vingança pública, o médium americano encontrava aliados e advogados nos jornais religiosos, sobretudo na Alemanha, que parece ser melhor com os espíritos batedores. E é sempre assim. “Quando surgiu a petição dos espíritas americanos, conta-nos o Sr. E. Bersot, o universo religioso (22 de

janeiro de 1853) apressou-se em traduzi-la e acompanhou-a com sérias reflexões.” Pe. Ventura declarou expressamente que o espiritismo tinha sido em nosso século uma justificação deslumbrante do Evangelho e da fé cristã, e sobretudo a glorificação da idade média cristã tão caluniada por aqueles que riram de sua credulidade, ao mesmo tempo que a condenação definitiva do racionalismo de agora em diante abatido pelos fatos! Em resumo, a maior parte dos crentes católicos, protestantes ou judeus, são no fundo e em segredo favoráveis ao espiritismo, “pois tudo serve em casa” como disse muito bem o Sr. E. Bersot.

De seu lado, filósofos da escola de Ulrici estão convencidos que os fenômenos ditos espíritas, em cuja realidade eles acreditam sem mais demora, estão em contradição com todos os fatos conhecidos da ciência. A concepção mecânica não é mais suficiente, exclamam eles em coro com Hartmann, o mago do inconsciente; longe de ser dominado por um mecanismo cego e fatal, tudo conspira a provar aos mais incrédulos que as forças da natureza obedecem a vontades conscientes, a seres inteligentes²⁵. Para Ulrici também, as manifestações espíritas de nosso tempo são como sinais de aviso de punição que vai cair sobre nossas sociedades sem moral e sem Deus, como uma advertência, pelo menos, da providência que, não tendo mais reservado as invasões bárbaras para salvar a civilização, como nos últimos dias do império romano, multiplica maravilhas ao nosso redor, confunde o orgulho ímpio dos sábios e envia em nosso socorro, missionários da nova fé, legiões de médiuns americanos.

²⁵ *Ulrici, Zeitschrift, p. 200.*

Para o Pe. Ventura, era o racionalismo que devia sucumbir nessa luta suprema; é o ateísmo e o materialismo para Ulrici, pois “tudo serve em casa.”

Assim, reaparece sempre antiga aliança, ou melhor, a identidade fundamental, do espiritismo e do espiritualismo, da feitiçaria e das religiões. Essa concepção do mundo, que se resume muito bem na palavra animismo, não em nossa época senão um caso de atavismo intelectual, uma sobrevivência inconsciente das ideias de nossos mais longínquos ancestrais, a marca de um estado de civilização que não ultrapassou de modo nenhum os selvagens de nossos dias. É a doutrina dos seres espirituais que, sob o nome de animismo, Taylor estudou tão bem, “crença

que é mesmo a essência da filosofia espiritualista, ele escreveu, como um oponente da filosofia materialista²⁶.”

²⁶ “*A Civilização primitiva.*” I, 493.

Enquanto o último se esforça para trazer de volta todos os fenômenos às leis naturais, que não são senão a expressão abstrata dos relatos constantes e universais das coisas; tal como ele nos fez observar, enquanto cada ciência tende a reduzir todos os problemas a questões de física molecular, isto é, aos movimentos das últimas partículas da matéria, os espíritas, como os selvagens, procuram na intervenção dos espíritos a razão e a última explicação dos fenômenos da natureza. “Suponhamos um índio da América do Norte assistindo em Londres a uma sessão de espiritismo, diz Taylor; certamente, esse índio não ficaria nada deslocado em meio a esses espíritos saindo do corpo que habitavam e manifestando sua presença porque os sons das vozes e outras ações por ruídos de voz e outras ações físicas pois tudo isso faz parte integrante de seu sistema da natureza.” Todas essas evocações de almas defuntas, de espíritos mortos, de falecidos, que fazem cada dia sobre esse planeta mais de 500.000 médiuns, todas essas histórias de fantasmas que são aceitas, não só pelas pessoas comuns, mas até mesmo no laboratório de alguns físicos, não anunciam uma religião do futuro, uma espécie de culto dos fantasmas, de necromancia à maneira dos chineses, que seria destinada a preencher o vazio, cada dia mais profundo, que deixa em muitas almas o desvanecimento gradual da religião do Nazareno. Eu não sei; mas alguma sorte que reserva o futuro a velhas superstições, não existe e isso não poderá existir, o que Zollner e Ulrici pensam da “questão científica” do espiritismo. Não é de nossos dias somente que, pelo órgão da Sociedade de Física da universidade de São Petersburgo: essa pretensa doutrina foi declarada uma “superstição” vulgar (1876). Desde o fim de nosso grande século dezoito francês, comissões nomeadas pelo governo para examinar o “magnetismo animal”, comissões da Academia de ciências, da Faculdade de medicina, e da Sociedade real de medicina, concluíram que esse “fluido” era nulo e se relacionava bem com certos estados da mente, como a imaginação, e com certas práticas de toque, os efeitos irradiados em sujeitos neuropáticos que de ordinário frequentam os Mesmer e os Slade.

Quando uma parte da Europa, e é preciso bem reconhecer, pois é a verdade, quando a Alemanha e a Inglaterra seguiam a postura de seu gênio

místico e se prestavam a ouvir a falsa ciência empírica de alguns charlatães, a França se honrou e honrou o espírito humano mostrando ao mundo a vaidade do mesmerismo. Quando a corte e a cidade corriam à banheira de Mesmer, encontraram um crítico, La Harpe; um filósofo, d’Holbach; cientistas, Berthollet, Lavoisier, Bailly, etc., que, graças à clareza de sua mente, à solidez de seu julgamento, não somente não foram enganados, mas arruinaram o sistema. Em nenhum momento, ou circunstâncias em que qualidades maravilhosas da mente francesa, todas de razão e crítica, foram desenvolvidas com mais força e facilidade graciosa. Desde essa época, a Academia de ciências e a Academia de medicina foram chamadas a decidir sobre questões do mesmo gênero: os prodígios dos magnetizadores, a clarividência dos sonâmbulos e as revelações dos espíritas sempre desapareceram como sombras vãs antes do exame crítico de nossos físicos e de nossos médicos. É que, assim que Dupont White disse do espiritualismo, o espiritismo é só “um absurdo do mundo nascente.”

Jules Soury

Narração das experiências, em Bruxelas, do médium americano Henry Slade

Querendo tirar a experiência de qualquer suspeita, nos apresentamos ao Sr. Slade com duas lousas emolduradas, reunidas por dobradiças e um fecho, e cobertas no exterior com madeira envernizada.

Querendo sobretudo poder afirmar junto a meus amigos que eu não tinha negligenciado sem cautela para escapar a todo efeito de escamoteação ou prestidigitação, e embora o Sr. Slade não fosse de nenhuma maneira prevenido que eu viria à sua residência com lousas minhas, eu tinha tomado o cuidado de revestir as lousas, no interior e no exterior, com sinais particulares que deveriam evitar toda substituição de objetos.

Antes de começar a sessão, o Sr. Slade deixa você à vontade; ele o convida a visitar a mesa na qual devemos operar, as cadeiras sobre as quais devemos nos sentar; enfim ele autoriza todas as verificações que queremos fazer. A mesa é das mais simples: quadrada, em tábuas de mogno, sem gaveta; ela é montada sobre quatro pés colocados em torno de 30 centímetros de comprimento: a parte de baixo é unida como a de cima, de sorte que podemos colocar indiferentemente as lousas contra a madeira da mesa, seja em cima, seja em baixo. O tapete sobre o qual ela repousa é contínuo; as cadeiras sobre as quais nos assentamos são de cana e muito simples.

Colocamo-nos em torno da mesa; o médium se coloca em frente à Sra. M... E coloca uma jovem intérprete, sua sobrinha, de frente para mim de modo que fico ao lado dele. Pedimos então se podemos obter escrita sobre as lousas que trazemos. O Sr. Slade faz formar a corrente com as mãos; logo, batidas na mesa nos anunciam a presença da força invisível que vai produzir as comunicações. O médium solicita se ela quer escrever sobre as lousas fechadas que se acham sobre a mesa. Depois ele pega uma lousa

emoldurada, simples, que está ao seu lado, ele põe em cima um pequeno pedaço de lápis que ele quebra com seus dentes, e passa a lousa sob a borda da mesa. Logo escutamos o lápis escrever, depois duas batidas sobre a lousa. O médium a recoloca sobre a mesa, ela contém essas palavras: “Nós queremos muito experimentar”.

Essa resposta nos dá por isso já o fenômeno oculto da escrita direta. Mas, dirão, não há nada aí que um hábil prestidigitador não possa produzir? É verdade, esperemos.

O médium toma as lousas gêmeas, as abre sobre a mesa diante de nós, coloca um pequeno pedaço de lápis de três a quatro centímetros de grossura sobre uma delas. As lousas estão sem a escrita. Ele fecha as lousas, tranca o fecho e põe as lousas sobre meu ombro, contra minha orelha, ultrapassando minha bochecha esquerda. Logo escutamos todos os barulhos de lápis se movimento sobre a lousa, como se fosse conduzido por uma mão que escreve, depois duas batidas entre as lousas convidam o médium a ouvi-los. O que é feito; encontramos sobre um dos lados uma linha de caracteres árabes ou chineses cuja tradução eu não tenho, depois uma frase dizendo: “Vocês têm muitos amigos presentes esta noite.”

O médium fecha outra vez as lousas deixando o contato entre elas, depois as coloca contra meu tórax. Logo, o barulho da escrita entre as duas lousas recomeça, depois as batidas se sucedem. Abrimos e encontramos sobre a outra lousa esta frase: “A sua lousa está muito envernizada para que possamos fazer uso.”

Desta vez, não existe mais prestidigitação possível; não tiramos os olhos das duas lousas; São mesmo aquelas que eu trouxe com os sinais que eu tinha feito. De resto, outros fenômenos nos demonstraram que uma força invisível existe na peça; pois uma poltrona, colocada à distância, sai de seu lugar, vem se chocar bruscamente com a cadeira do médium. O médium pega uma lousa comum, faz uma linha entre ela e a mesa, e mantém apertada uma contra a outra a mesa e a lousa. Assim que o barulho da escrita recomeça e não cessa senão quando a lousa está preenchida. Ela contém explicação sobre a influência que devem exercer esses fenômenos. Antes que nos separarmos, a mesa se levanta cerca de trinta centímetros. Eu negligencio os outros detalhes dessa reunião para narrar os principais da do dia seguinte. Desta vez, voltamos com lousas emolduradas comuns, sem verniz e sem luxo. A sessão começa como a anterior, formando a

corrente sobre a mesa; as mesmas batidas indicam a chegada dos escritores. O médium toma as duas lousas que eu trouxe, as limpas nas quatro faces, põe uma linha sobre uma delas, cobre-a com uma outra lousa e liga as duas juntas com o barbante que serviu para trazer as lousas. Tudo isso se faz sobre a mesa, diante de todos, sem que a operação nos escape um só instante.

O médium coloca em seguida as placas sobre meu peito, mantendo a mão direita, por um canto, e logo o barulho da escrita faz-se ouvir e se percebe uma espécie muito caracterizada. As linhas se sucedem umas às outras; depois se ouve traçar uma barra, depois uma mudança se opera na maneira de escrever; um instante após, traça-se uma nova barra, depois uma terceira e muito acentuada de cada vez se ouve colocar os pontos sobre os i e pontuar. Mas uma mudança completa de escrita acontece: compreende-se que ele não se produz senão traços fortemente caracterizados, sem ligações entre eles. Que será essa escrita; É gótica? Escutamos, esperamos, mas concebe-se que a escrita se faz nesse último momento com uma atenção toda particular.

As batidas anunciam enfim que a comunicação terminou. Desamarramos as lousas, e encontramos as duas faces internas cobertas de escritas. Elas continham 21 linhas escritas no sentido do comprimento das lousas:

Sete linhas em francês, sobre uma passagem do Evangelho,

Cinco linhas em inglês, sobre o que fazer para obter esse gênero de manifestações,

Seis versos em língua holandesa sobre ceifas,

E três linhas em grego, citação de uma passagem do Evangelho.

Creio dever assinalar aqui que as pessoas presentes a essa sessão não conhecem nem o grego, nem o holandês. “Eu apertei essas lousas com cuidado para levá-las, como tinha feito no dia anterior. Após essa experiência, diversos fenômenos se sucederam, mas devo abreviar essa narrativa. A Sra. M... foi convidada pelo médium a segurar a lousa, a colocar ela mesma a linha em cima, e mantê-la apertada contra a mesa: ela o fez sem a ajuda de ninguém. O Sr. Slade não intervém senão por dois ou três passos à distância acima do braço da Sra. M...; a escrita se produziu logo e dá esta frase: “Fazemos por vocês tudo o que podemos. Um instante depois uma lousa é arrancada das mãos do médium, e vai cair do outro lado sob a mesa, entre a Sra. M... e eu. Todas as mãos estavam sobre a mesa nesse

momento, e aí permanecem formando a corrente, quando, para nossa surpresa, um instante após, a lousa que está aos nossos pés se levanta por si mesma em aparência, e vem como uma borboleta se recolocar sobre a mesa entre nossas mãos.

Eu dou menos atenção à narrativa de dez outros fatos, todos tão estranhos, mas que o leitor poderá atribuir à ilusão. Nos que eu narrei, ela não é possível. Eu tenho as lousas cobertas de escritas em cinco línguas; escritas obtidas no estreito espaço, completamente obscuro, comprimidas entre duas lousas mantidas a cerca de oito milímetros de distância uma da outra, para a espessura do quadro de madeira que as envolve. Esses fenômenos são menos dignos de atenção do que eram na origem de sua descoberta, aquelas da circulação do sangue, da esfericidade da terra, da existência de um novo mundo, do movimento diurno da terra, da gravitação, da eletricidade, do vapor, da fotografia, etc...? Entretanto, Harvey, Cristóvão Colombo, Galileu, Newton, Galvani, Fulton, Daguerre, não achavam indigno da ciência de se ocupar de fatos questionados por todos, e a humanidade tirou proveito de suas investigações.

É menos interessante constatar a realidade da inteligência e do pensamento agindo fora da matéria? De procurar a causa de forças agindo sobre a matéria sem ajuda de leis físicas conhecidas? De dar conta à medida que essas forças podem se associar a nossas ações? De descobrir a causa da influência que exercem certas pessoas sobre a produção desses fenômenos? E não se vê a urgência que há de deduzir esses mesmos fenômenos as leis superiores da vida cujas perspectivas são ignoradas por nós? Para o que me concerne, eu quis nisto testemunhar fatos que respondem, segundo eu, de modo o mais sério, à enquete aberta nessa revista. Eu não tenho a intenção de dar aqui a explicação desses fenômenos: eu me contentarei em dizer que não há efeito sem causa, que a ação de uma força supõe um ou agentes para produzi-la, que um efeito inteligente denota a ação de um ser inteligente. Arquimedes precisou de uma alavanca para levantar o mundo; no caso que nos ocupa, a matéria se move aparentemente por ela mesma, e o pensamento inteligente se exprime sem a ação de nenhum organismo material.

Desde que alguém intervenha na produção de fenômenos dessa natureza, a um grau qualquer, por uma ação muscular tão indireta que seja, aqueles que estudaram por experiência esses fenômenos têm fortes razões para se

perguntar se o resultado não é análogo àquele obtido por faculdades que o homem adquire por exercício. O pianista, por exemplo, parece ter suas faculdades inteligentes na ponta dos dedos. Podemos por isso, tanto como há uma participação muscular dos assistentes, atribuir os efeitos produzidos a fenômenos biológicos. Mas não é assim quando os corpos se movem sem nenhuma intervenção de espectadores, quando um simples pedaço de pedra escreve páginas inteiras sobre a lousa em uma caixa fechada; podemos, eu penso, atribuir senão à manifestação de forças exteriores; e se essas forças produzem efeito inteligentes, como aquelas do pensamento escreve, é necessário admitir a presença de uma inteligência e de um ser invisível.

O que são esses seres inteligentes? Não outros esclarecimentos sobre esse ponto senão aqueles que convém mesmo a esses seres nos dar. Cabe a nós ver se devemos crer e aceitar os ensinamentos que recebemos em suas conversações conosco. Eles se exprimem como homens e se confessam como tais. A diferença entre eles e nós, é que eles existem, e vivem unidos a substância imaterial, e que nós, ao contrário, somos momentaneamente ligados ao fardo da matéria. Frequentemente, eles se dão por nossos amigos, nossos parentes; eles declaram ter vivido entre nós. Podemos pedir esclarecimentos mais diretos sobre a vida além-túmulo? Eu não acho, mas estou convencido que, para muitas mentes preconceituosas, essas explicações terão o defeito de não serem suficientemente complicadas. Quanto a mim, quando recebo pelo correio uma carta escrita sobre papel, não ponho em dúvida que um ser inteligente a tenha ditado, embora eu não tenha visto a mão que a escreve; se eu recebo a mesma mensagem por via de comunicação oculta, posso deixar de crer que um ser inteligente seja o autor?

Mas, oh! Abominação da desolação, dirão, vocês querem por isso nos trazer de volta à superstição e ao abuso do milagre? Eu respondo: Não, é pela verdade que o homem constitui a ciência e é pela verdade que a ciência faz cair todos os abusos. Entretanto, a luz sobre os fenômenos ocultos, nós vamos derrubar os abusos do milagre, nós impediremos o espírito de seita se arrojar por mais tempo o monopólio desses fatos, e de lhes mostrar as interpretações falsas e mentirosas com as quais se abusam das crenças do povo.

Queremos a luz sobre todas as coisas, cremos que tudo o que existe tem uma razão de ser conforme às leis de ordem universal. Se o homem sobrevive à sua existência terrestre, se a vida de além-túmulo lhe permite se manifestar a nós, é o que isso está no plano dessas leis. Que esses fatos tenham por consequência confundir os céticos, que eles sejam embaraçados pelos homens cuja auto estima é comprometida por estudos e afirmações em contradição com esses fatos, não pode ser motivo para colocar a luz sob o alqueire. Cabe aos nossos físicos trazer suas investigações sobre as leis em virtude das quais as forças de substância invisível podem agir sobre a substância material e provocar o movimento dos corpos e objetos, deslocá-los, dirigi-los, até o ponto de fazê-los escrever. Não é porque a ciência se obstinaria a se manter fora do campo de estudos que os fatos seriam menos patentes e menos verdadeiros para aqueles que são as testemunhas.

Cabe aos nossos fisiologistas estender a esfera de seus estudos sobre o organismo humano; cabe à biologia melhor penetrar os segredos da vida; cabe aos nossos psicólogos aprofundar ainda mais os destinos do homem fora da matéria.

Hoje, eu não sou uma testemunha, eu não quis nesse artigo senão responder à enquete aberta pela “Religião laica” e fazer, a meus riscos e perigos, uma nova homenagem à verdade.”

Godin

Eu não vejo nada a acrescentar à narrativa do Sr. Godin e a suas apreciações. A questão no que concerne as experiências de Slade está esvaziada. Me resta mostrar o que o espiritismo diante da ciência e quais elementos úteis ele vem trazer à síntese social do futuro. Teremos ocasião, no curso desse estudo, de colocar em paralelo a doutrina espírita, como psicologia experimental, com o monismo materialista de Haeckel, e veremos qual das duas teorias é a mais verdadeiramente científica, quero dizer a melhor fundamentada em experiência e na razão, ao mesmo tempo que a mais fecunda em elementos de moralismo para o indivíduo e para a sociedade.

Isso será o objeto de uma segunda carta.

Charles Fauvety

Carta do Sr. Fauvety à Sra. G. Wundt e Jules Soury

Duas cartas ao Sr. Charles de Rappard

Vocês me perguntaram o que eu penso do artigo *Espíritas e Sábios*, publicado na *República francesa* em 7 de outubro, e me convidaram para responder em seu estimado jornal. Eu o faço de boa vontade, primeiro para protestar, em nome da verdade que é insultada, em seguida porque, sem aceitar as conclusões do espiritismo no que diz respeito à intervenção dos espíritos, e reservando sobre esse ponto meu julgamento, eu compartilho geralmente as doutrinas e as crenças.

Esse artigo onde vemos dois homens autorizados, um na Alemanha, o outro na França, se unir para derrubar o espiritismo, tem todo um valor moral de um processo de tendência. A ideia preconcebida aí está evidente. Quando o Sr. Guillaume Wundt disse: *Você, Sr. Jules Soury reforça e diz: quebre a cabeça!* “Ossa sur Pellion” (?): é de um grande peso, e, verdadeiramente, se o espiritismo não se encontra pelo golpe, será mesmo admitir que o espírito não está absolutamente submetido às leis da gravidade e que há uma outra coisa no mundo diferente da matéria.

Observam que a questão interesse a todas as opiniões, todas crenças que não são exclusivamente materialistas, pois o Sr. J. Soury confunde em um mesmo anátema o espiritismo ou espiritualismo experimental e o espiritualismo metapsíquico; o animismo, sob todas suas formas, e todas as doutrinas que, seja em nome da razão e da moral, seja em nome da fé religiosa, concluem pela imortalidade da alma. Escutem-no falar: “Essa

concepção do mundo, diz ele, que se resume muito bem na palavra animismo, não é mais em nossa época senão um caso de atavismo intelectual, uma sobrevivência inconsciente das ideias de nossos remotos ancestrais, a marca de um estado de civilização que não ultrapassam de modo nenhum os selvagens de nossos dias.”

Assim aqueles que, como nós mesmos o fazemos, concebem o universo como um imenso organismo animado, vivo se formando na unidade uma razão consciente, que domina todas as relações, para fazê-las convergir para um fim útil à inumerável república dos seres, segundo essa definição do princípio de solidariedade: todos por um e cada um por todos; - aqueles não saíram do estado selvagem. Para ser digno de viver, como diz Haeckel, “no século das ferrovias e dos telégrafos, da análise espectral e do darwinismo, no século da interpretação da natureza do ponto de vista monista (sic), é preciso aceitar a concepção mecânica do mundo, banir da natureza toda finalidade e colocar por toda parte a cega necessidade no lugar das coisas finais.” Pois, acrescenta o Sr. J. Soury, “a morfologia moderna é inconciliável, eu não digo somente com o dogma da criação, mas com o da providência ou de um vago Panteísmo idealista à maneira de Hegel, de Schopenhauer ou de Hartmann²⁷.”

²⁷ Jules, Soury, prefácio da tradução do livro de Haeckel: *As provas do transformismo*.

Quanto ao espiritualismo metapsíquico da escola, é inconsequente quando não levar, nos diz ainda o Sr. J. Soury, à crença nos espíritos, e nos remete à proposta “que o Sr. Ernest Bersot declarou como bom espiritualista, que a comunicação direta de espírito a espírito, tomada em si mesma, não tem nada senão um choque.”

Pensamos exatamente sobre esse ponto como o Sr. Bersot e acrescentamos, além disso, que tivemos vinte vezes a prova do fato pelo magnetismo. A comunicação de pensamento entre o magnetizador e seu sensitivo é coisa comum e pode ser observada como aquisição da ciência. Mas não vão dizer ao Sr. J. Soury dos fenômenos do magnetismo, do sonambulismo e do êxtase. Todas essas manifestações psíquicas que é tão fácil de provocar/todas essas experiências tantas vezes constatadas há cem anos em que a enquete está aberta²⁸: catalepsia instantânea, insensibilidade física, esquecido ao acordar, previsão e visão à distância, comunicação do pensamento, abdicação da vontade no sensitivo, mesmo

em estado de vigília, o Sr. Jules Soury se crê autorizado a desconsiderá-lo. Nada o impediria de estudar em primeira mão esses fenômenos. Há em Paris grande número de magnetizadores que teriam o dever de mostrá-lo a ele. Ele acha melhor em se ater às conclusões do relatório, de Bailly, apresentado à Academia em 1784, e atribuir os fatos “a certos estados da mente, tais como a imaginação, a imitação, os toques e enfim o estado neuropático dos sensitivos.” Mas, caro senhor, mesmo que os fatos fossem produzidos pelas causas pueris que o senhor indica, eles não existiriam, a menos ainda e conviria primeiro constatá-los. – E depois, que diríamos de um homem que, para se meter, ao mesmo tempo que está, com a química ou a histologia, se mantivesse a um julgamento feito por acadêmicos no ano de 1784!

²⁸ A memória de Mesmer sobre a descoberta do magnetismo foi publicada em Paris exatamente no ano de 1779. Desde aquele tempo, e sobretudo desde a descoberta do sonambulismo artificial por Puységur (1785), a prática do magnetismo se acha muito aperfeiçoada. Mas é sempre desconhecido por nossos acadêmicos, os das ciências e sobretudo os de medicina. Aos olhos da academia de ciências, Mesmer estava errado ao introduzir na explicação do cosmos uma teoria que colocava, em questão a teoria puramente mecanicista dos geômetras; aos olhos da academia de Medicina e de todas as faculdades, Mesmer tinha errado de modo mais grave ainda. Ele afirmava que o magnetismo curaria diretamente; os doentes dos nervos, indiretamente quase todos os outros, e que poderia se passar por médicos! Isso não podia ser perdoado.

Não podemos acusar o Sr. Jules Soury de ignorância; não gostaríamos de duvidar de sua boa-fé, mas ele nos permitiu achar que tem toda a intolerância do sectário e que seu fanatismo científico o cega quando ele denuncia os espíritas como os aliados naturais do clericalismo. É verdadeiro que ele coloca os espíritas em grande número associando-os a tudo o que, no mundo, se estende a alguma fé religiosa. Citemos suas palavras: “As adaptações patológicas da Alma, como Haeckel designa as religiões, possuem as mais profundas afinidades com o espiritismo, e isso, ainda hoje, apesar dos anátemas e dos exorcismos das Igrejas...Em resumo, a maior parte dos crentes católicos, protestantes ou judeus, são no fundo, em segredo, favoráveis ao espiritismo, pois tudo serve, como o disse muito bem o Sr. Bersot.”

Tal acusação é evidentemente absurda, mas ela é sobretudo despropositada, e ficamos surpreso de vê-la figurar em um jornal que representa a união dos espíritos na terra da República. Pergunta-se por que o nobre pensamento de conciliação social, que sempre inspirou a política do jornal do Sr. Gambetta, não se inspira de nenhum modo na ciência, e não se explica que a terceira página vem assim destruir, como se estivesse como prazer, os esforços feitos primeiramente para manter o facho de todos os tons da democracia.

Não estamos de modo algum autorizados a observar todos os crentes e praticantes do catolicismo como dos clérigos. É preciso conhecer muito pouco os homens para querer classificá-los assim segundo a lógica dos princípios. Quando um princípio é falso, não há senão os tolos e as mentes especulativas, cientistas, teólogos ou filósofos que traçam as consequências extremas – e indo até o fim. Felizmente, no maior número de mortais, o senso comum domina a lógica, e ele existe, fazemos, não somente um catolicismo liberal, mas uma democracia católica fortemente numerosa e aberta a todos os progressos. Quanto aos protestantes e aos judeus, todos, quer sejam liberais ou ortodoxos, são, de nascença pela tradição, os adversários do papismo, e, por consequência, do clericalismo. Eles são pagos para isso. Leiam a história!

Mas não é nem nos crentes do catolicismo, nem nos judeus, nem nos protestantes, que o espiritismo recruta seus adeptos, é, ao contrário, entre os livres pensadores e que o Sr. Jules Soury aprenda isso, se ele não o sabe, tornando-se espíritas, eles não cessam, por isso, de ser livres pensadores. Nós lhe explicaremos esse mistério tudo de uma só vez provando que o espiritismo, em suas doutrinas, não é menos científico que o transformismo; que ele é, como este último, oposto ao sobrenatural, rejeita absolutamente o milagre, explica, melhor do que ele fez até aqui, a ação da alma sobre o corpo e submete todas as relações, quer sejam físicas ou anímicas, materiais ou espirituais às leis da natureza e da razão. Para o momento, eu quero somente fazer observar como é desproporcionado, no ponto de vista político, de querer rejeitar assim, malgrado que eles tenham, no campo da reação, pessoas que não teriam errado por ser muito avançados, se não tivessem de compreender as coisas do mundo físico, e talvez também do mundo moral, de outro modo que esse punhado de sábios, que, fora de sua especialidade de químicos, físicos ou naturalistas,

não são senão burros ou mentes falsas. É por que eu não posso me impedir de me indignar, en passant, a presunção de um cientificismo que não leva em conta suas ignorâncias, privado que está de método, de princípios, de precisão na linguagem, de critério de certeza e mesmo de senso comum e que afirma querer mandar em todas as inteligências em nome da ciência como outros fazem em nome da fé. A ciência teria sua ortodoxia! Ah! Não, bastante inquisição como aquela! Após ter rejeitado a do padre, não queremos ter que sofrer a do mandarim. Sabemos muito em qual imobilismo e qual podridão o mandarinato conservou a China há dois mil anos.

Eu ignoro se o Sr. J. Soury é o que chamamos em nossos dias de sábio, ele fala bastante o grego, mas, com certeza não é um filósofo, Se ele fosse filósofo, saberia que toda concepção geral deve levar a uma prática social e experimental aplicar sua concepção transformista à sociedade contemporânea. Ele diria que se o transformismo é verdadeiro, é preciso seguir as leis em sociologia como em história natural e compreenderia que o pensamento humano e com ele, a forma religiosa, parte, como o ser terrestre, de pontos os mais baixos, deve subir os mais elevados degraus, mas não pode fazê-lo senão sucessivamente e de etapa a etapa. Enfim, se ele fosse filósofo, saberia que o que ele chama, com seu mestre Haeckel, “as adaptações patológicas de alma” (em língua vulgar as religiões), são fatos sociais que, patológicos ou não, se modificam com o estado mental das populações, e aconselharia a seus amigos políticos a tomar as ideias religiosas no ponto em que estão em seu desenvolvimento, para fazê-los contribuir, tanto em forças sociais, pois, em política, só há forças a associar e a conduzir à obra nacional e humanitária que incumbe à República, ajudando em tudo as religiões a se transformar progressivamente no sentido dos princípios eternos da razão e das conquistas da ciência. De resto, o trabalho de transformação se faz por si mesmo. Há lugar de aí ajudar pela educação e a expansão das luzes; mas o corrente aí está, e seria irresistível, se não fosse entravado pelos terrores que inspiram as teorias materialistas que debitam sob a cobertura da ciência e que a desonra. Os verdadeiros aliados do clericalismo, são pessoas que professam essas teorias nos jornais, nas revistas, nos livros, de onde elas transbordam nos romances, nos teatros, para se espalhar em seguida nos costumes e os corrompe.

Pois, não nos enganemos, toda concepção geral, incapaz de fornecer motivos de ação à vida moral e uma sanção positiva às leis da consciência, não pode ser senão uma fonte de desmoralização e, em consequência, de dissolução social. O materialismo é nesse caso, e particularmente o materialismo naturista de Haeckel. A natureza é inconsciente. Ela não poderá fecundar a vida moral. Temos visto em todas as religiões naturistas do passado. Não é acrescentando a fatalidade de um Porvir que faz da vida o fenômeno de um dia sem um amanhã e o exemplo dos seres se devorando entre si para viver e satisfazer seus ardores bestiais de acasalamento e de reprodução, que vão achar na natureza um ideal de progresso social e de moralidade. Vocês não acharão aí senão o naturismo do Sr. Zola e os costumes que ele discursa tão fielmente, os costumes do alto e do baixo, no seio da sociedade mais civilizada do mundo.

Entretanto, é preciso colocar ao corrente da questão as pessoas que não leram as memórias literárias do Sr. Jules Soury. Teríamos mesmo que começar por aí.

Isso parece muito com a instrução de um processo criminal. A coisa poderia se chamar: “Caso Slade, Zollner e Consortes.” O principal culpado seria o médium americano Slade, acusado de ter usado prestígios e sortilégios para fazer crer na existência de espíritos; o astrônomo Zollner seria acusado de cumplicidade, por ter publicado como reais, fatos imaginários, e, após ele, vários sábios, notadamente os professores G. Weber e Th. Fechner, seriam inculcados de falso testemunho por ter atestado a realidade dos fenômenos descritos por Zollner. Sobre esses dois personagens, a acusação faz observar que Zollner, “nas experiências que ele acredita ter instituído, a palavra “ele acredita” é magnífica! Jamais se esquece de apresentar esses ilustres sábios como testemunhas de suas experiências, e de fato, o testemunho de semelhantes homens não deixaria de ter peso, se um não tivesse a idade de setenta e três anos e o outro setenta e nove.”

É preciso saber de boa vontade, sem dúvida, na acusação de ter dado a idade avançada de seus dois eminentes fisiologistas como para não invalidar o valor de seu testemunho. Ela fornece assim na defesa uma circunstância atenuante que sem dúvida não deixará de invocar em seu favor. A acusação dá como testemunho a mesma generosidade e a mesma indulgência no caso do velho filósofo Ulrici, que acaba de publicar, em Hale,

uma brochura de vinte e oito páginas onde ele ousa tomar a defesa de Zollner e manter a boa fé de Slade. Em lugar de colocar Ulrici em causa, se contenta em concluir como um amolecimento do cérebro, explicado por sua grande idade e os hábitos metapsíquicos de sua mente. “Não refutamos Ulrici, diz resolutamente o Sr. Jules Soury, pois Ulrici raciocina muito bem, sua faculdade silogística é excelente, e se suas conclusões são falsas, é que ele partiu de premissas errôneas mas há um mas, naturalmente, se de repente, aos setenta e quatro anos, um velho professor de filosofia, abjura todos os princípios das ciências para lançar-se a corpo perdido nas revelações dos espíritos batedores, é preciso admitir que essa evolução última tinha sido preparada há tempo, que ela é a sequência de métodos e de hábitos de mentes inveteradas, pois não se torna espírita senão se torna alienado, sem predisposição.”

Quanto a Zollner, que ainda é jovem, não poderemos encontrar outra desculpa senão suas predisposições à loucura. Quem quer que, escreve o amável autor da acusação, leu as páginas que o sábio astrônomo consagrou à apologia de Henry Slade se sentirá tomado de uma compaixão muito dolorosa para arranhar, somente com uma plume indiscreta, algumas úlceras “fagedênicas”, das quais não depende mais de ninguém para cessar o progresso e a marcha fatal. Bom coração, vá! O que não impede o Sr. Jules Soury de escrever, em algumas linhas de distância: que o poderoso pensador terminará pelo iluminismo e a loucura lúcida, e ainda, que o tom lírico que toma com frequência Zollner, sua prece ao pai dos céus estrelados, algumas leves incoerências no discurso, o retorno periódico das mesmas frases e das mesmas ideias, tudo parece lembrar um estado mental, que pode logo coexistir algum tempo com uma frutuosa atividade científica no domínio da autonomia física.

É igual, convenhais que aí está uma singular maneira de fazer crítica no domínio das ideias. Em lugar de se afligir em examinar os fatos, os princípios, os raciocínios de seus adversários e demonstrar o erro de sua tese que eles sustentam, defende-se a loucura ou o idiotismo. “Weber e Fechner, amolecem! Zollner, no caminho da loucura! Já o Sr. Jules Soury tinha descoberto, a dezoito séculos de distância, que Jesus-Cristo tinha alienação mental quando ele pregava no monte e perseguia os vendedores do templo e que somente a força o tinha salvo da demência. Tudo isso é

sério? É algum desafio ou o Sr. Jules Soury seria ele mesmo atingido por uma monomania lúcida?

Os cúmplices de Slade, colocados assim desdenhosamente fora da causa, esperando que se os fosse proibido, que vai ser feito do principal culpado, o verdadeiro autor do escândalo?

Para isso, reportemo-nos ao julgamento feito sobre ele por Haeckel em sua última obra²⁹ e o reproduzamos os termos: Slade, declaramo-lo sem mais ampla informado, não é senão um vulgar impostor, que após ter feito uma grande fortuna nos Ingleses, acaba de continuar seu negócio de escroque na Alemanha.

²⁹ *Ensaio de psicologia celular.*

Eis aí um infeliz que não pode se defender já que partiu para a Austrália há um ano, sumiu solenemente aos olhos do mundo! Mas saibais, senhores, que aí está uma má ação e que nada vos autoriza a se indignar com um que não tem provavelmente outra forma errada de ganhar dinheiro, como vós mesmos fazeis, professores, médicos e críticos, ajudando o progresso da ciência! Não, nada vos autoriza, pois o Sr. Slade, incriminado em Londres, foi absolvido após uma longa investigação; vós o sabeis, pois que, vós, o Sr. J. Soury, vós publicaram longamente a coisa em vosso artigo. Desde esse processo de Londres e essa absolvição, milhares de pessoas, na Bélgica, na Holanda, na Alemanha, na Austrália, assistiram às experiências de Slade e todos concordam em declarar que os fatos dos quais eles foram testemunhas, então mesmo que não fossem devido à intervenção dos espíritos, são reais, constantes, inegáveis. Entre as pessoas que testemunharam os fatos, ele se encontrava sábios, cuja palavra deve ter autoridade. Vós mesmos citais os nomes de alguns cujas competência e honorabilidade vós apreciáis: “Os Srs. Zollner, W. Weber, Fechner, Ludwige, Thiersche,” numerosos outros professores da grande universidade alemã, e entre eles, Guillaume Wundt, que, parece que não assistiu senão a uma única sessão e é aí justamente que são criadas dúvidas e se lastimam que não tenham verificado as mangas da vestimenta do operador. E por que não as verificou ele mesmo? Por que, se ele não estava suficientemente elucidado por um uma primeira sessão, não assiste à uma segunda, à uma terceira, à uma quarta, de modo a esclarecer todas suas dúvidas, como fazem os professores que testemunham, com o honorável Zollner, a realidade dos fatos? Por quê? Ah! É que o Sr. S. Wundt se

encontra no caso do abade de Vertot, recebendo seus documentos depois que ele escreveu a história a sede de Malta: “Sua sede está feita” O caso do Sr. Wundt é também o Haeckel e do Sr. Jules Soury, de tantos outros escritores, historiadores, filósofos ou cientistas: seu lugar está feito, vos digo eu, eles não dão o braço a torcer. Eles adotaram uma concepção geral que os justificou até aí, ou eles inventaram um sistema que os ilustrou, ou desenvolveu doutrinas das quais viveram muito bem, após toda uma vida passada a professar gloriosamente o que eles acreditavam ser a verdade, seria preciso reconhecer que não se enganaram, voltar à dúvida filosófica, repor sua concepção geral a zero; estudar de novo, a setenta e dois anos, por exemplo, como o Sr. Wundt! E se resolver a refazer seu entendimento! Não, é demais solicitar a essa pobre natureza humana, e conheceis muitos mortais capazes de tal esforço?

Bem, eis aí por que todos os corpos sábios, todos os acadêmicos têm má vontade pelas verdades novas, e “eis aí justamente por que vossa filha está muda!” Eis aí também por que o Sr. Wundt, nos diz o Sr. Jules Soury, teve dificuldade ao terminar sua carta, de mostrar a Ulrici quais seriam, para os bons estudos, as funestas consequências de semelhantes doutrinas... Se não existe de modo algum, leis naturais, leis de bronze, invariáveis, eternas, universais, pelo menos na parte do mundo onde nós estamos, não há mais ciência.”

Todos os métodos científicos, diz ele ainda, responde, como efeito, sobre o princípio da invariabilidade das leis da natureza; admite-se como postular que tais condições sendo dados, tais fatos seguirão invariavelmente... Ao contrário, os fenômenos espíritas ignoram as leis da física e mesmo desafiam desbravá-las!”

Temos aqui o grito de desolação que trai o pensamento secreto do autor. O Sr. Wundt produziu um sistema de psicologia fisiológica que lhe parece contradito pelos fenômenos espíritas; talvez ele se engane, talvez ele tenha razão. Em todos os casos, não é verdadeiro que esses fenômenos sejam contrários às verdadeiras leis da física somente essas leis, não as conhecemos todas e se ele fosse mais desinteressado na questão, o Sr. Wundt veria que aqui se trata, não de leis desconhecidas ou violadas, mas de forças desconhecidas que se manifestam e das quais resta pesquisar as leis.

No que excede, conhecemos as queixas desse gênero. Temos ouvido se produzir em uma outra ordem de fatos. Que gritos de pavão não fomos possuídos, há trinta ou quarenta anos, em nome da família, da propriedade, da religião ameaçadas em sua existência! Alguns abusos caíram, ou cairão. Fizemos uma ideia um pouco mais justa dos direitos e dos deveres sociais no que concerne à religião, à propriedade, à família, mas que nem a propriedade, nem a religião, nem a família, tenham sido aniquiladas.

Homens de pouca fé, se vós compreendeis a lei do progresso e se vós fazeis uma ideia mais justa da harmonia universal, é que vós tomaríeis, assim como vós o fazeis, vosso pequeno horizonte científico do momento para os limites do mundo? É o que vós temeríeis que um só fato pudesse jamais invalidar a invariabilidade das leis da natureza e dos princípios da razão?

Vós fecharíeis os olhos, como fazem as crianças, diante dos fantasmas? Vós vos recusaríeis de ver os fenômenos que ainda não sabeis explicar? Se vós fosseis sábios dignos desse nome, vós duvidaríeis da ciência, por que vossa ciência está limitada e sempre insuficiente em presença de uma transformação incessante e de condições de meio sempre novas? Se vós tivésseis verdadeiramente a fé científica, duvidaríeis da invasão do milagre no domínio da ciência? Resta o lugar para o milagre em um mundo concebido como um imenso concerto onde cada ser faz sua parte, onde cada um carrega em si seu princípio de atividade, a lei de seu próprio dinamismo, onde todas as relações convergem em direção à unidade para se harmonizar se universalizando? Não, vós não tendes essa fé que não é postulado da ciência como porque ela é o julgamento de nossa razão, esclarecida pela ciência, pode carregar, desde agora, sobre o conjunto de coisas. Mas como vós vos fazeis uma ideia toda bruta e mecânica do mundo, como vosso universo não tem nem vida, nem razão, nem consciência, eu vos desafio a sair disso, eu não digo uma religião, vós não vedes a necessidade, mas uma política, uma economia, uma arte, uma moral! Eu vos desafio, com tal concepção, de vos desembaraçar da velha concepção sobrenatural!

Também é ela, esse ideal apagado que, mesmo impotente que ele seja para esclarecer os espíritos, aquecer as almas, sustenta ainda vosso edifício social. Sem esse ideal atrasado e tornado estéril, vossa sociedade, desagregada e privada de todo liame religioso, acabaria por se dissolver e

vós seríeis os primeiros esmagado sob suas ruínas pois a enxurrada da barbárie, de todos os lados remontando, abaixariam logo para um tempo mais ou menos longo, o nível da mente humana. É porque, não é preciso vos enganar, vós estais condenados a permanecer acoplados a esse cadáver até que vós estejais em estado de se comunicar com o novo ideal e que vós renasceis por ele para a nova vida. Esperando vós tereis medo do velho sobrenatural, vós não podereis passar por ele e sereis forçados a contar com ele. Mas é vergonhoso, para sábios dedicados ao estudo das faculdades da alma, vê-los tomar por milagres, isto é, para as derrogações das leis da natureza, a manifestação de forças que emanam da alma humana, e provendo-a de faculdades, não precisamente novas mas às quais as condições do meio tivessem faltado até aqui para se produzir normalmente e que faltam simplesmente um degrau franqueado na vida progressiva da espécie, uma fase que se abre e nos mostra um elevação de potência no Porvir da humanidade.

Por que se o homem social saiu de singulares antropomorfos, o homem espiritual não emergiria do homem social? Está aí um fato perfeitamente lógico, e sendo dado como bem fundado do transformismo, segundo Haeckel e Darwin, não vemos o que autorizaria o Sr. J. Soury a negá-lo. Em todo caso, a coisa valeria ser examinada.

Sim, mas o Sr. J. Soury não quer examinar, sua posição está feita, e ele não quer que os outros examinem. Pois ele não nos fará acreditar que quis fazer conhecer a seus leitores as experiências de Slade na residência de Zollner. Após ter lido o que ele diz disso, é impossível de se ter uma ideia exata. Nada mais fácil sem se preocupar em mentir, do que dar uma falsa ideia das coisas. É suficiente para isso não dizer senão uma parte da verdade. Não por nada que nossos tribunais fazem jurar as testemunhas que eles interrogam, dizer, não somente a verdade, mas toda a verdade.

Seja o que for, voluntariamente ou não, a maneira como as coisas se passaram nas experiências em questão que ficaram na sombra, precisava citar Zollner.

Era importante para fazer saber o público se essas experiências eram sérias. É evidente que o Sr. Jules Soury não levando a coisa de forma séria não pôde se resolver em falar seriamente. Assim, ele negligenciou em dizer que o médium americano tomava todas as precauções que os assistentes julgavam a propósito tomar para assegurar a realidade dos fenômenos; ele

esqueceu esse detalhe de grande importância que cada um podia trazer de fora as ardósias destinadas a receber escrita dos espíritos (?); como duas ardósias são colocadas uma contra a outra e seladas, após verificação prévia e depois que uma ponta de carvão foi introduzida no espaço deixado na moldura; quando se ouve o barulho que faz o lápis correndo sobre a ardósia; que as ardósias não são perdidas de vista um só instante pelos espectadores, etc. Mas tudo o que poderíamos dizer para retificar uma narrativa que não existe mesmo no artigo do Sr. Soury seria insuficiente. É melhor mostrar ao leitor como, as coisas se passam ordinariamente nas experiências de Slade fornecendo um relatório sincero. Não teremos para isso senão reproduzir uma narração tendo todo o rigor de um processo-verbal que se encontra na Religião laica do mês de novembro de 1877 e um dos maiores industriais da França; é o fundador da família Guise, o autor do livro intitulado Soluções sociais e diretor do jornal o Dever; é um homem ainda na força da idade e que não deu nenhum sinal de neuropatia presente ou futura; é enfim uma das mais belas inteligências da época e cujo nome permanecerá entre aqueles com os quais se honra a humanidade. O Sr. Jules Soury achará que tais garantias sejam suficientes?

Segunda carta do Sr. Fauvety

Tanto quanto qualquer um no mundo, eu nego o sobrenatural e o milagre, meu racionalismo sobre esse ponto está bem distante do que o positivismo científico, que não reconhece outra certeza senão a dos sentidos; há muito tempo eu escrevi isso: “O Sr. Littré diz aos que acreditam no sobrenatural: Fazei-nos ver um milagre, aí acreditaremos. Eu lhes digo: Não se incomodem para me fazer ver milagre, eu não acreditaria de modo algum.” É que o Sr. Littré ou melhor o positivismo – e a ciência de nossos dias não é senão isso – se coloca unicamente na visão terrestre do Experimentalismo, enquanto eu me coloco além do ponto de vista do racionalismo filosófico, que, a priori, não admite derrogação da ordem universal.

Esse foi o ponto de vista de nosso século dezoito francês, e aí eu me mantenho. Eu tinha treze anos quando em Voltaire uma observação sobre o milagre de Josué que me fixou absolutamente sobre o valor do sobrenatural e me deu mais tarde meu critério racional de certeza. Falando do milagre de Josué, Voltaire fazia observar que se tal milagre se produzisse, se o sol, ou, pelo menos, a terra fosse parada bruscamente em sua marcha durante um dia, havendo, a gravitação universal, isso seria como resultado uma perturbação geral de todo o sistema solar, e essa perturbação se estenderia ao conjunto do cosmos; de sorte que, para dar tempo a uma população bárbara de massacrar seus inimigos vencidos, o criador teria transtornado o universo inteiro e teria se arriscado de ter que recomeçar a criação. Absurdo, não é? Sem dúvida todos os milagres não têm a mesma gravidade no odioso e no absurdo, mas todos são igualmente inadmissíveis diante da razão. Se o caráter das leis da natureza é a universalidade, se a lei, se toda lei embaraça o conjunto das relações que lhes são aferentes, não há lugar no mundo para milagre. Esses princípios me guiaram em toda a minha vida e eu não me coloquei em guarda para esquecê-los quando me achei em presença dos fatos do espiritismo. Qualquer que seja a força desses fatos, eu me digo, que eles sejam bem-vindos, pois que, se eles são reais, eles vêm nos revelar relações que

ignorávamos até aqui. Asseguremos por isso primeiro sua realidade, e, se não podemos explicá-los pelas leis conhecidas, procuremos as forças que os produzem. Mas sejamos persuadidos de que eles têm suas leis, que, cedo ou tarde, serão descobertas, por, como disse muito bem Montesquieu está aí toda uma revelação: “Todos os seres têm suas leis; a divindade tem suas leis; o mundo material tem suas leis, as inteligências superiores ao homem têm suas leis, os animais têm suas leis, o homem tem suas leis.”

Ora, compreendamos bem o sentido das palavras de Montesquieu. Todas as relações entre os seres são regidas por leis que lhes são próprias, isto é, inerentes à sua natureza. O homem tem suas leis, nós o sabemos. Se existem inteligências superiores ao homem – o que é infinitamente provável – elas têm suas leis; se uma existe uma inteligência suprema embarçando e compreendendo todas as relações, ela tem também suas leis e, nesse caso, está o concurso harmônico de todas as leis dos seres que assegura a ordem e a unidade com testemunho de nossos olhos do cosmos eterno. É bastante simples e bastante tranquilizante. Onde está, nesse conceito, que já foi o do século dezoito e que não temos senão de ampliar para fazer aí entrar todas as descobertas da ciência contemporânea, onde está, digo eu, nesse conceito, o lugar do milagre? Não, não, com uma definição da lei que afirma que, qualquer que seja sua posição na escala da vida, cada ser é autônomo e que a ordem cósmica não é outra coisa senão esta legislação universal que assegura o concurso de todas as relações, não há mais lugar para temer a intervenção arbitrária de um todo-poderoso sobrenatural exterior ao mundo. O velho Autocrata celeste, como resultado, foi destronado. Em lugar de uma monarquia absoluta, que não faltava como representante sobre a terra, é uma réplica que nos aparece submissa a leis imanentes aos seres que elas regem, prendendo-os a uma ORDEM imutável no meio do perpétuo PORVIR de formas e combinações de uma vida sempre renascente.

Mas essa vida tão simples, embora sem dúvida muito sumária e incompleta de coisas, não implica de modo nenhum a conclusão brutal que uma falsa ciência, afirmaria abrir. – Nas doutrinas mecanicistas e fatalistas, que se produzem em nossos dias sob a cobertura da ciência, Montesquieu adiantou-se em responder em nome do bom sentido e da razão: “Aqueles que dizem que uma fatalidade cega produz todos os efeitos que vemos no mundo disseram uma grande absurdidade; pois que maior absurdidade

que uma fatalidade cega que teria produzido seres inteligentes?” Tal é com efeito a pedra fundamental de todas as doutrinas materialistas. E o sistema de Haeckel, mais que outro qualquer, fazendo sair o homem da matéria amorfa que ele chama de protoplasma, acaba de quebrar essa irreduzível contradição. O que não impede o Sr. Jules Soury de se indignar contra o espiritismo “esse careca, esse gaulês que fez todo o mal,” sob pretexto que “o espiritismo ataca o princípio universal de causalidade.” Entretanto o pobre asno não fez nada parecido. É ao contrário invocando o princípio de causalidade que ele vos diz humildemente, vos mostrando suas mesas que respondem a propósito às questões que lhes endereçamos e seus lápis que escrevem coisas sensatas e razoáveis: “Eis aí fenômenos intelectuais que são produzidos, há por isso aqui inteligências.” Mas vós que, nos fazendo vir diretamente de macacos antropomorfos, nos fazendo descender, gradativamente, da simples monera e da medusa, fazeis assim derivar essas preciosas faculdades como a palavra, de ASCENDENTES que eram privados, dizeis, que fazeis vós, se vos agrada, desse “princípio universal de causalidade sobre o qual, segundo vossas próprias expressões, repousa, todo o edifício de vossa ciência?” Esse princípio não exige que o efeito seja contido na causa, que a causa seja, por consequência, maior que o efeito, e, como diz o senso comum em sua forma vulgar, que a mais bela filha do mundo não possa dar senão o que ela tem?” E se sois vós que desconheceis “esse fundamento da ciência,” não tendes receio, se fôssemos mais educados que os Vadius e os Trissotin do cientificismo, de vos ver lançar a cabeça em direção das Mulheres sábias: vós dais de uma maneira burra vossas qualidades aos outros!

Mas expliquemos resumidamente, para aqueles que o ignoram, o que entendemos pelo transformismo e em que consiste particularmente o sistema transformista de Haeckel. Se é um fato adquirido e fora de contestação, é o que nos mostra a vida se manifestando sobre a terra indo do menos ao mais e partindo de formas mais pobres e as mais elementares para se elevar às organizações mais ricas e mais complexas. Esse fato, que nos diz a ordem na qual a criação é feita, é suficiente para explicar a criação, e não resta para determinar a causa, a potência criativa que produziu os seres nessa ordem progressiva e explicar por quê.

Em todo caso, essa visão das coisas não é nova, ela remonta a uma certa antiguidade.

Achamos um primeiro esboço na Gênese de Moisés (século 15 A. C.) e os livros sagrados dos Indus, mais antigos ainda, trazendo o vestígio. Mas só em nossos dias que mergulhamos a nos servir desse fato pois é mesmo um fato e não uma hipótese para explicar a criação terrestre NATURALMENTE, eu quero dizer sem intervenção sobrenatural.

Evolução é o termo genérico empregado em nossos dias para qualificar essa concepção baseada na escala dos seres e do desenvolvimento progressivo da vida na superfície do globo. É errado darmos algumas vezes à teoria geral da evolução o nome de Darwinismo. O Darwinismo não representa senão um ramo do sistema evolutivo. Mas é um ramo muito importante. O que pertence a Darwin e a seu digno émulo A.-R. Wallace³⁰, é a teoria da seleção natural, dada como consequência da luta pela vida ou da concorrência vital que temos a sustentar os seres organizados para tomar seu lugar ao sol e ter sua parte na nutrição e nas alegrias da união dos sexos. A teoria Darwinista será fecunda para a ciência e útil à economia social, mas seu alcance filosófico foi falseado pelo espírito de sistema e talvez também pelo espírito de partido. É desconhecer, o papel da humanidade na terra como subordinar as leis da consciência aos processos da natureza, e é fazer uma ideia falsa do progresso humano e da liberdade moral como fazer da luta pela existência uma lei inelutável, capaz de dominar a potência do homem social e de impedi-lo de fazer reinar sobre a terra a ordem, a justiça, a abundância e a paz.

³⁰ É justo lembrar que a descoberta da lei à qual Ch. Darwin deu seu nome pertence, a título igual, a Alfred-Russel Wallace, cujos trabalhos datam da mesma época. A.R. Wallace é uma mente convicta e não se esconde de modo algum. Eles são três membros da sociedade real de ciências de Londres no mesmo caso. Os dois outros são: o eminente engenheiro C.f. Varley e o físico-químico W. Crookes, que publicou em um livro traduzido em francês o resultado de suas curiosas experiências sobre fatos de materialização espírita. Três sábios acadêmicos alistados no espiritismo após estudo feito e experimentação prévia! Isso se dá na Inglaterra e pode se ver alhures. Isso não se vê na França. É que na França é o mandarim antes de tudo. Pode-se aí tornar-se sábio, filósofo, pensador eminente, mas se não se é mandarim, não se é nada, nem mesmo acadêmico.

A palavra Transformismo exprime alguma coisa a mais que a palavra Evolução. Com o transformismo, as espécies desaparecem, de alguma forma, e a escala de seres não é mais representada senão por indivíduos.

Tomada em sua significação mais geral, esse termo pode designar toda teoria evolucionista fazendo derivar todos os seres organizados, por uma sequência de transformações sucessivas, de um único ancestral material ou de certo número de tipos primitivos pertencentes às formas orgânicas mais simples.

Concordamos geralmente em fazer honra da paternidade do Transformismo a Lamarck. É bem verdade que Lamarck fez introduzir essa teoria na ciência positiva. Mas a ideia transformista pertence a outro Francês que a emitiu desde o ano de 1761, em um livro intitulado *Natureza*³¹. O autor desse livro, J.-B. Robinet, partindo do ponto que a natureza jamais dá saltos, estabeleceu logicamente a sucessão ininterrupta dos seres. Ele apoiou esse axioma “que um estado qualquer da natureza é o produto determinado, a sequência necessária, o efeito imediato do estado precedente,” que desde então ele não devia ter aí nenhuma solução de continuidade, não somente do homem ao macaco, mas do macaco às formas mais elementares dos reinos animal e vegetal e mesmo do reino mineral, assim que Haeckel tenta hoje estabelecer. Somente Robinet fazia intervir a natureza e mesmo Deus na criação, a natureza sendo só o instrumento inconsciente do pensamento criador. Robinet escreveu primeiro esta frase: “Não há de modo algum, espécies. Só há indivíduos.” E ele quis suprimir todas as divisões artificiais de reinos, de classes, de gêneros, como inúteis, tentando assim fazer para a história natural o que Copérnico tinha feito para a astronomia quando tinha mostrado a inutilidade de todos os epiciclos necessários, no sistema de Ptolomeu, no movimento dos mundos.

³¹ *A primeira edição do livro Natureza é datado em Amsterdam em 24 de junho de 1101; a segunda em 29 de janeiro de 1103; a terceira é a mais completa em 25 de março de 1704.*

Talvez seja bom acrescentar, para ser justo, que é Leibnitz que tinha aberto o caminho para o autor do livro *Natureza* proclamando, meio século antes, a lei de continuidade e submetendo a essa lei os fenômenos da vida; como mais tarde é Malthus, com sua lei da população em suas relações com as subsistências que abre caminho a Darwin e lhe inspira sua teoria da seleção natural baseada na luta pela existência. Tais fatos são úteis para

constatar porque eles provam que está nas descobertas da mente humana como na gênese dos seres.

Há nos dois casos uma ordem necessária de sucessão e uma adaptação prévia de meios. É que a lei de continuidade se exerce no tempo e no espaço para as realizações da mente para as da natureza.

O mais completo dos sistemas transformistas é sem contradito o de Haeckel. Esse sistema tem a vantagem de vir por último. Mas ele possui a qualidade de ser rigorosamente encadeado, de sorte que quando aceitamos seu ponto de partida, ele precisa seguir o autor até ao fim. Somente aqui o ponto de partida é uma hipótese inverificável e contradita pela experimentação científica. Quero falar da geração espontânea. Após os belos trabalhos do Sr. Pasteur e as recentes demonstrações de Tyndall (1877), é difícil se acomodar a uma hipótese que faria vir a vida de substâncias que não a possui. Lamarck, ele também, supõe que a vida se manifestou na terra por geração, direta ou espontânea, mas ele comete essa falta, esse erro de lógica de fazer vir a vida unicamente da matéria inerte. É sempre no seio das águas, como o conta a velha tradição religiosa, e no meio de substância gelatinosa que são formadas, conforme “Lamarck”, (Haeckel não fala de outro modo), os primeiros esboços de seres. A evolução da vida parte da primeira célula. Uma mônada aparece (a monera de Haeckel) e a associação de células homogêneas constitui os organismos elementares dos infusórios e dos pólipos. Somente com o autor da filosofia zoológica, isso não acontece todo sozinho. Lamarck começou por fundamentar desde a origem, Deus e a natureza. Conforme ele, é a natureza que formou e que ainda forma em nossos dias o primeiro esboço dos organismos e que intervém constantemente, com as forças físicas e químicas, no processo dos seres terrestres. Estamos assim bem longe da evolução puramente mecânica do transformismo materialista. Vemos aqui uma causa eficiente mais poderosa que os efeitos que ela produz. Pelo menos o que contém é maior do que o contido. Não é tudo. Acima da natureza, temos, com Lamarck, uma causa primeira inteligente, pois “a natureza, nos diz ele, não é de alguma sorte senão um intermediário entre Deus e as partes do universo físico, para a execução da vontade divina.” E ele acrescenta que o supremo autor de tudo o que existe, o é diretamente da matéria, assim como da natureza. Quanto à natureza, para o autor da filosofia zoológica, ela não é um ser, mas uma potência obediente às leis

imutáveis que lhe são impostas e se serve de forças cósmicas para moldar no tempo e no espaço os rudimentos dos seres³².

³² *Ver particularmente na Hist dos animais invertebrados. 1^a vol., p. 255 a 266.*

Deve-se observar que os transformistas contemporâneos, que se acham como herdeiros de Lamarck, têm bastante cuidado de deixar na sombra todo esse lado de sua filosofia. Está claro, entretanto, que se o transformismo permanecesse nesse caminho, o espiritualismo filosófico seria fortemente aceito. O milagre só teria podido se lamentar.

Darwin, que fez reviver o sistema de Lamarck e de Robinet, transplantando sobre o plano transformista a ideia fecunda da seleção natural, Darwin não cometeu a falta de fazer repousar a escala dos seres sobre a hipótese inverificável de uma primeira geração espontânea. Seu sistema puramente experimental deixa de lado o ponto de partida. Ele se limita a fazer entender que toda a linha orgânica descende sem dúvida de alguns tipos de ancestrais e se contenta de dizer no fim de seu livro (*Origem das espécies*): “Eu admito que verdadeiramente todos os seres organizados, tendo vivido sobre a terra, descende de uma forma primitiva qualquer que o Criador animou do sopro da vida.” Não está resolvida a questão. A origem da vida permanecia no ar e a porta estava sempre aberta ao sobrenatural. É o que Haeckel tem feito justamente observar. Ele repreende assim Darwin de sua timidez: “Atribuir a origem dos primeiros organismos terrestres, pais de todos os outros, a uma atividade querida e combinada de um caráter pessoal, é renunciar a dar uma explicação científica, é desprover o terrestre da verdadeira ciência, para entrar no domínio da crença política que é absolutamente distinta. Admitir um criador sobrenatural, é mergulhar no ininteligível.” Eis aqui bem dito, mas para escapar ao ininteligível, não é necessário cair no absurdo e no contraditório. E é o que faz Haeckel quando ele faz descender todos os organismos terrestres de uma simples célula e de uma parcela de matéria gelatinosa ou plasmática, sem ligar esse fenômeno a uma síntese dotada ela mesma de uma existência mais compreensiva, podendo dar nascimento a tudo o que deve resultar do desenvolvimento da vida terrestre. Achamos aqui em presença da mais completa violação do grande princípio de causalidade.

Não é somente a palavra, a razão, a consciência, o sentimento, a imaginação, a liberdade moral, esses nobres atributos da espécie humana

que teriam sido transmitidos ao homem por seres, animais e vegetais, que não possuem de modo nenhum, mas é mesmo a vida que teria sido dada aos primeiros seres por corpos que disso são privados! Que casos inibidores em tal concepção! E é do alto de todos esses silogismos, que pretendemos julgar toda maneira nova de compreender a vida! É em nome dessas insanidades que apoiamos o testemunho de fatos de experiência porque eles seriam de fonte espiritual; e ao mesmo tempo que demandamos da bruta e da matéria inerte os princípios da vida intelectual e moral, dizemos a esta, que ela chegou a se expandir no seio da humanidade sempre crescente: “Tu virás até aí, tu não irás mais longe!” E tudo isso se faz em nome da ciência! Pobre ciência! Outrora fazíamos da filosofia a serviçal da teologia. Hoje pretende-se se servir da ciência para abrir uma brecha toda espiritualidade, todo ideal divino e pôr em seu lugar o mais grosseiro realismo. É sempre a mesma má mentira. É necessário à ciência mais elevação imparcial e sensata serenidade.

Essa preocupação se observa na maior parte dos sistemas produzidos de nossos dias em nome das ciências naturais. Ela é evidente no sistema transformista de Haeckel. É infinitamente lamentável. Pois é aí justamente o que em falso o pensamento o impede de trazer bons frutos. Felizmente há duas coisas no sistema de Haeckel que não são absolutamente inseparáveis. Há a obra do naturalista que é bela, bem ordenada, e aliás, em todos pontos, verificável; de outra parte, há a doutrina do filósofo que é falsa, mal concebida e sem justificação racional possível. É uma distinção a fazer, uma divagação a estabelecer entre a parte especulativa e a parte positiva, experimental da obra. Quando o sistema filosófico do autor da *Morfologia geral* for quebrada pela crítica e o bom senso, a ciência saberá bem utilizar os materiais e os fazer servir a uma história mais verdadeira da criação terrestre.

O erro de Haeckel vem do que, desejoso sobretudo de eliminar o milagre da criação, nada encontrou melhor a opor à antiga concepção sobrenatural senão a explicação mecanicista do mundo e da vida. “O sistema mecânico do mundo, nos diz o Sr. Jules Soury que lhe dá um título de glória, domina o sistema inteiro das ideias e das crenças científicas do ilustre naturalista de Iéna.” Nesse mesmo livro de *Provas do Transformismo*, Haeckel se exprime assim desde o primeiro capítulo intitulado: *Evolução e Criação*: “Nas controvérsias científicas, nada contribui mais à inteligência das coisas,

nada esclarece melhor as ideias confusas e obscuras, senão opor com a maior nitidez, e como em plena luz, os princípios fundamentais das doutrinas contrárias. Assim, o que “tem sobretudo favorecido o sucesso de nossa teoria da evolução, é que o problema capital dessa teoria, a questão da origem das espécies, é cada vez mais apresentada sob a forma bem fatiada dessa alternativa ou os organismos são naturalmente desenvolvidos, e, nesse caso, eles derivam todos necessariamente de algumas formas ancestrais comuns excessivamente simples, ou mesmo, se não é o caso, as diversas espécies dos seres organizados são gerados independentemente umas das outras, e elas só podem ter sido criadas de uma maneira sobrenatural, por um milagre. Evolução natural ou criação sobrenatural das espécies, é preciso escolher entre essas duas possibilidades, pois não existe uma terceira.”

E bem! Haeckel se engana. Existe uma terceira explicação, que concilia ao mesmo tempo a Criação e a Evolução. Essa explicação não tem necessidade nem do sobrenatural nem do milagre mas ela não será capaz de se contentar com uma concepção mecânica do universo. Lhe é preciso um universo animado, vivo. O mundo sendo assim concebido, o filósofo se explica facilmente a origem da vida na superfície do globo, e o naturalista pode num passo seguinte o desenvolvimento progressivo, ou, como se exprime Haeckel, e “o desenvolvimento evolutivo. “Ele não tem por isso, assim como o fato com tanta autoridade e melhor do que nenhum dos predecessores, o sábio autor da História da criação natural, que interrogar no encadeamento todas as séries da escala dos seres organizados com a ajuda da histologia, da morfologia, da anatomia Comparada e sobretudo da biologia, ligando-os à vida do globo, ao nosso sol e à unidade suprema que os une no conjunto das coisas.

É que, a vida é bem outra coisa que um simples mecanismo. Ela não é uma entidade metafísica vinda de uma fonte sobrenatural, como o diz a velha teologia, nem uma propriedade da matéria, como o pretende o positivismo contemporâneo que não nos ensina assim absolutamente nada. A VIDA, em sua mais larga acepção, É A COMUNHÃO UNIVERSAL. Ela exige, para se manifestar e se manter, de condições de movimento e de associação, de concurso harmônico e de meios que são inseparáveis da ideia de plano e de objetivo desejado por uma inteligência pelo menos adequada em potência aos resultados obtidos. Agora, que essa inteligência

não seja exterior ao mundo que envolve e que unifica; que ela seja, em diversos graus, imanente aos seres; que ela se mostre em cada espécie e em cada indivíduo proporcional ao grau de perfeição de seus instrumentos de relação e o organismo material não é outra coisa, a criação não seja jamais interrompida e que no meio de seu perpétuo porvir universal eterno; que enfim todos os fenômenos se achem submetidos a leis permanentes que emanam mesmo das relações dos seres e assegurem o concurso de todas as forças em direção a um objetivo útil a cada um e a todos. Nada em tudo isso que não seja de acordo com a razão, com a ciência, e é bastante para tirar toda razão de ser no sobrenatural e no milagre. A teoria da Evolução e do Transformismo terá tudo a ganhar em permanecer em seus limites. Assim definido, ele será suficiente para explicar a progressão da vida na superfície do globo e nisso fazer compreender seu objetivo. Ele pertencerá à filosofia, tanto quanto à ciência geral, de concluir do ponto de vista moral, social, religioso, ensinando aos homens a que os obriga em relação a seus irmãos inferiores e em relação à família humana esse longo trabalho da criação no seio do atelier terrestre para resultar em edificar o SER HUMANIDADE.

No lugar de procurar um resultado tão desejável, os seguidores do transformismo, segundo Haeckel, e os outros mecanicistas, se preocupam por cima de eliminar o animismo e caçar Deus no universo, sem perceber que eles nisso caçam no mesmo golpe o sentimento, a inteligência e mesmo a vida. A um universo onde se encontre em toda parte os traços de uma atividade inerente aos seres, mas que segue um plano e marcha em direção de um objetivo da moralidade desejada por uma razão consciente, eles substituem um horroroso mecanismo sem vida, sem plano, sem finalidade, sem razão, sem sentimento, sem consciência, e após ter feito do mundo uma máquina animal e monstruosa com a qual o homem não pode estabelecer nenhuma espécie de relações de liberdade, de moralidade, de sentimento, de inteligência, eles contemplam sua obra, e, como o Jeová da Bíblia, eles aplaudem isso, os infelizes, e se dizem a si mesmos que “isso é bom!” Escutai o Sr. Jules Soury: “ É próprio de hipóteses legítimas e necessárias de modificar o espírito geral das ciências. Nós assistimos, na França como na Alemanha, em uma sorte de renovação secular do pensamento...” E mesmo todas as outras Haeckel: “Todos aqueles, escreveu ele, todos aqueles que compartilham comigo o ponto de vista monista, para

a história da evolução dos seres organizados como ciências, reivindicam em princípio a explicação mecânica que descobre as causas últimas das fenômenos nos movimentos das partículas últimas da matéria.” Não, tudo isso não é bom de não achar em seres vivos e sensíveis senão um desenvolvimento maquinal, e não é bom de professar que “no mundo humano como no mundo animal, as duas leis fundamentais da marcha do progresso, as leis de aperfeiçoamento e de diferenciação, dependem unicamente de causas mecânicas e é detestável acrescentar que os aperfeiçoamentos no homem como no bruto, são os resultados necessários da seleção natural na guerra pela existência³³!”

³³*Haeckel. História da Criação dos seres organizados. (Tradução francesa), página 251.*

Nada mais perigoso que tais doutrinas. Qual o bom trabalhador para seu melhoramento e de seus semelhantes, se o progresso se faz, fatalmente, pelo efeito de uma lei que envolve toda a criação terrestre? Qual o ponto de distinção entre o ser moral e o ser material? O que! Não seríamos para nada em nosso aperfeiçoamento e em nosso retrocesso! Assim não sou eu, que cria meu estado mental, segundo eu cultive minhas faculdades intelectuais ou que as negligencie! É minha consciência, que diz meus direitos e me dita meus deveres, eu não sirvo para nada em sua elevação ou em seu abaixamento! É essa lei da guerra pela existência, que vós fazeis o móvel do progresso humano como do melhoramento todo material das espécies animais, é o que seria verdadeiro com a que me domina e me envolve? É que não depende de mim transformá-la modificando o estado dos meios e não posso subordiná-la à justiça, à benevolência, à fraternidade humana, à solidariedade social.

Doutrinas de desolação e de morte que vós vos gabeis de ser o prelúdio “de uma renovação secular do pensamento,” não sois vós destinados ao contrário em fazer obstáculo à toda renovação, ao rejuvenescimento, e se vós deveis vos impor aos espíritos como a última palavra da ciência e o fruto de uma civilização avançada, não faríeis se retrair de horror as populações e não as faríeis voltar a vomitar? Eu disse o que é o transformismo materialista; me resta dizer sumariamente o que é o espiritismo e o que ele traz ao mundo.

Em primeiro lugar o espiritismo não é senão um espiritualismo experimental e talvez fosse melhor valorizado chamá-lo, como fazem os

Ingleses, simplesmente ESPIRITUALISMO, dando à palavra sua velha acepção, a de spiritus, sopro ou vapor. Religariamos assim à tradição antiga e à crença popular, que dá à alma uma certa materialidade etérea ou gaseiforme e possibilitaria a “comunicação” entre os vivos e os mortos. A espiritualidade absoluta é coisa relativamente moderna. Ela remonta a Descartes.

O autor do discurso sobre o método confundindo a alma com a ação de pensar, que não é senão um de seus atributos, e fez uma simples abstração, uma entidade metafísica e comprometeu essa falta enorme em fundir entre o meu pensante e todos os seres da criação, que não pensam a instar no ser humano, um abismo intransponível.

A alma, reduzida assim ao estado de puro espírito, nada tendo de comum com a matéria, a vida não é mais que um simples mecanismo e os seres organizados que não são dotados de uma razão consciente são reduzidos ao papel de puras máquinas. Não tendo os seres em si mesmos seu princípio de vida, os corpos vivos como os corpos inertes recebem a impulsão das leis gerais do movimento cósmico e o mundo inteiro só é um relógio que marcha por causa do golpe inicial do criador. E bem! É a essa explicação toda mecânica da vida que nos reduzem, que eles saibam ou não, os materialistas à maneira de Haeckel e do Sr. Jules Soury. Há somente essa diferença, entre sua explicação do mundo e a de Descartes, que eles suprimem a parte metafísica. Não há mais em seu sistema nem alma pensante, nem plano divino, nem o golpe inicial, somente então a máquina é escangalhado: nada vai adiante.

Mas não é uma razão para acusar, como o faz o Sr. Jules Soury, o espiritismo de metafísica, acusação grave, se houvesse, pelo tempo que corre; tal acusação contra a psicologia espírita prova primeiro que não se sabe a primeira palavra do que se fala, em seguida que se entende bem fazer uma flecha de qualquer madeira. Ensinemos ao Sr. J. Soury que nada há de metafísica na psicologia espírita e que justamente o espiritismo tira a ciência da alma da fase metafísica onde ela foi mantida até aqui pelo espiritualismo de escola, para fazê-la entrar na via positiva da observação sensível e da experiência. Tudo no espiritismo é experimental, baseado em fatos. Sem dúvida os fenômenos podem ser mal interpretados, as observações malfeitas, as conclusões precipitadas: tudo isso é para ver, examinar, e controlar pelo método e a crítica; mas não se pode mais dizer

que a alma não é senão uma abstração, uma entidade metafísica como a alma se apresenta como uma realidade perceptível e formal. Primeiro enunciemos os fenômenos: eles são ou não são. Mas para aqueles que os constataram, eles são dos que caem sob os sentidos e são sempre verificáveis: tal é o método que segue a ciência. Para os fatos constatados, procuremos a causa que os produz. Eis aí a teoria que o espiritismo propõe. Segundo a doutrina de Allan Kardec, geralmente aceita pelos adeptos do espiritismo, a alma é inseparável de sua forma perispiritual, que por ser fluídica é mais sutil que a matéria no estado gasoso, não é por isso, menos material. É o corpo espiritual do qual fala São Paulo. Allan Kardec se exprime nos mesmos termos que o apóstolo, embora com muito mais clareza e precisão. Eis aqui o que escreveu este que podemos chamar o fundador do espiritismo experimental, homem de muito bom senso e não tendo nada de um iluminado: “A morte é a destruição ou melhor, a desagregação do grosseiro envelope, que a alma abandona, a outra se desliga e foge com a alma que se acha, de certa maneira, tem sempre um envelope... Esse segundo envelope da alma ou por isso durante a vida corpórea é o intermediário de todas as sensações que percebe o espírito, este pelo que o espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos. Para nos servir de uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve para recepção e para a transmissão do pensamento; é enfim, o agente misterioso, inacessível, designado sob o nome de fluido nervoso, que faz um grande papel na economia, e do que não levamos bastante em conta nos fenômenos psicológicos e patológicos. A medicina, só considerando o elemento material ponderável, se priva na apreciação dos fatos de uma causa incessante de ação... Allan Kardec, após ter insistido sobre esse ponto que a alma, seja durante sua união com o corpo, seja após a dissolução deste, jamais se separou de seu perispírito, ele acrescenta: “Dissemos que o espírito é uma flama, uma faísca, isso deve se entender do espírito propriamente dito³⁴, como princípio intelectual e moral, e ao qual não saberemos atribuir uma forma determinada mas em qualquer grau que se acha, é sempre revestido de um envelope cuja natureza se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia; de tal sorte que para nós, a ideia de forma é inseparável daquela do espírito e nós não concebemos uma sem a outra. O fato por isso parte integrante de espírito como o corpo faz parte integrante do homem, mas sozinho não é

mais o espírito como o corpo não é o homem, pois ele não pensa; está para o espírito como o corpo é para o homem; é o agente ou o instrumento de sua ação. A forma do perispírito é a forma humana, e quando nos deixa, é geralmente como aquela que nós tínhamos visto o espírito quando vivo.”

³⁴Essas palavras flama, faísca, são uma maneira de falar figurada ou própria a vulgarizar a ideia, mas que falta rigor filosófico. Não é preciso esquecer que Allan Kardec escreve, não para os que são de abstração de quintessência mas para o povo, isto é, para todo o mundo que ele deseja, antes de tudo, ser compreendido. Ele conseguiu: suas obras estão espalhadas por toda parte, foram traduzidas do francês para as outras línguas civilizadas e são vendidas cada vez mais.

Em outras passagens de seus livros, Allan Kardec dá informações mais precisas sobre a natureza do perispírito. Ele diz que a matéria não se detém nos limites da gravidade e que esse éter de que se forma o perispírito e que pode ser considerado como um fluido universal pois que ele penetra todos os corpos e preenche os espaços celestes, é um corpo, sem dúvida extremamente sutil, entretanto material, e ele acrescenta que embora imponderável (talvez seria melhor dizer imponderado até aqui), não é pelo menos o princípio da matéria pensante.

Deve-se observar que fora dessa última afirmação, que se pode observar como uma hipótese extremamente provável, todo o resto está de acordo como as mais recentes aquisições da ciência. Após os trabalhos de Lamé e do P. Secchi, a realidade do éter, sua materialidade, sua resistência, suas variações de densidade, sua propriedade de transmitir o movimento à matéria pesada e sua correlação com as forças físicas podem ser observadas como fora de dúvida...

Daí, a considerar as moléculas etéreas, associadas ou condensadas pelas forças cósmicas, como sendo o ponto de partida da matéria pesada, não há senão um passo, e é verdade que a ciência de amanhã o franqueará³⁵

³⁵ Um homem erradamente competente nas ciências físicas e matemáticas, o Sr. F. Vallés, antigo aluno da Escola politécnica, engenheiro aposentado e inspetor honorário de pontes e vias públicas, presidente da sociedade científica de estudos psicológicos, cita o ilustre de Bouchepon como tendo demonstrado em sua grande obra: Problema geral da filosofia natural, publicado em 1853 os teoremas sobre os quais repousa essa asserção de Allan Kardec ou melhor do espírito que teria ditado todo seu sistema (?). Ver o livro do Sr. F. Vallès, que acaba de aparecer e onde o fato se acha discutido: Entrevistas sobre o espiritismo, 1879, tipografia

Dezembro, em Paris, e se encontra em Paris, na livraria de ciências psicológicas, rua Neuve-des-Petits-Champs, n. 5.

Mas como o espiritualismo tenha sobre esse ponto precedido a ciência ou tenha se apoiado em suas aquisições, não ficou menos fiel ao método científico que consiste em raciocinar sobre fatos partindo do conhecido ao desconhecido e submetendo suas conclusões ao controle da razão e da experiência.

De resto, escutai o que diz Allan Kardec: “O espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, que ele aplica o método experimental. Fatos de nova ordem se apresentam que não podem se explicar pelas leis conhecidas; ele os observa, os compõe, os analisa, e dos efeitos remontando às causas, ele chega à lei que os rege; depois deduz as consequências e procura as aplicações úteis. Ele não estabelece nenhuma teoria preconcebida; assim ele não a põe como hipótese, nem a existência e a intervenção dos espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem dos princípios da doutrina; ele concluiu pela existência dos espíritos quando essa existência sobressai com evidência da observação dos fatos, e assim de outros princípios. Não são os fatos que vieram após de forma abrupta confirmar a teoria, mas a teoria que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É por isso rigorosamente exato dizer que o espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação...”

Após ter estabelecido em vinte passagens que a teoria espírita nasceu da experiência e repousa toda inteira sobre fatos sempre verificáveis, Allan Kardec termina por essa declaração que fecha a boca a todos aqueles que pretendiam, como o faz o Sr. J. Soury, rejeitar o espiritismo dentro da ciência: “O espiritismo marchando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que ele estava errado em um ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.”

É verdadeiramente a profissão de fé da ciência e aqueles que pensam ou agem de outra forma não estão autorizados a falar em seu nome. Para mim, eu não vejo nada no espiritismo que possa anular o caráter científico que ele precisa manter na psicologia, e eu não sei se vale a pena responder à acusação que lhe dirige o Sr. Jules Soury, de fazer reviver uma crença que foi própria das idades de infância da humanidade. É verdade que a fé aos

manes, aos espíritos dos ancestrais se encontra na origem de todas as sociedades, mas convém acrescentar que ela os fundamentou e manteve, como fez sobressair o autor da Cité antiga³⁶. Em lugar de praticar um crime no espiritismo em nos ligar assim às mais velhas crenças, eu seria tentado a agradecer, que o vejo fazer renascer o laço religioso no mesmo instante onde todos os outros conseguem romper, e, se rompendo, ameaçam a ordem social de uma completa dissolução. Não é permitido, sem aí encontrar nenhum milagre, de ver nesse fato alguma coisa de providencial? O que impede de ligá-lo à evolução transformista que quer que o progresso espiritual se realize como a vida se desenvolve no seio da natureza, levando do menos ao mais, mas na condição de uma comunhão universal que forneça os elementos desse mais, permitindo à ideia de se transplantar sobre um organismo preexistente e daí introduzir assim uma nova direção e novos elementos dinâmicos que eliminarão as antigas formas e produzirão novas superiores àquelas do passado. Tal é a lei palingenésica do progresso social como do porvir da natureza. Nesses dois casos, há desenvolvimento, mas há também criação. Pois há criação todas as vezes que alguma coisa de novo se introduz no mundo. Esse novo é a ideia destinada a se implantar em um meio preparado adrede (lei de finalidade) e se realizar aí em uma forma adaptada a esse meio. Mas toda ideia é o fruto de um pensamento criador. E eis aí por que tudo o que se manifesta deve ter uma fonte espiritual, ser causado por uma inteligência, que se age de ordem natural e cósmica ou de ordem moral e social, aqui é a mente do homem que cria, é a mente de Deus. Me será permitido apoiar essa explicação de uma palavra mais autorizada, que a minha a de nosso grande fisiologista Claude Bernard: “O que é essencialmente devido na vida e que não pertence à química, nem à física, nem a outra coisa, é a ideia diretora dessa evolução vital. Em todo germe vivo, há uma ideia criadora que se desenvolve e se manifesta pela organização. Em toda a sua duração, o ser vivo permanece sob a influência dessa mesma força vital criadora, e a morte chega que ela não pode mais se realizar. Aqui, como por todo lado, tudo deriva da ideia que somente cria e dirige...é sempre essa mesma ideia vital que conserva o ser, reconstituindo as partes vivas desorganizadas pelo exercício ou destruídas pelos acidentes e as doenças.³⁷”

³⁶*Fustel de Coulange; ver esse livro, um dos mais belos que foram produzidos em nosso século XIX e que tem o mérito de ter seu lado do Espírito das leis.*

³⁷ *Introdução ao estudo da medicina experimental.*

- Eu não insisto. Não é o lugar. Haveria muito a dizer. Eu tratarei a questão a fundo em um trabalho especial.

OH! Sem dúvida a fé nos espíritos, com o culto dos mortos que nisso é a consequência³⁸, se misturou, no passado, nas superstições ignorantes e nas práticas por veze abomináveis. Mas essas superstições e essas práticas eram filhas da ignorância, e da barbárie. A ideia religiosa não era a causa, mas a ocasião e o pretexto. Seria preciso, entretanto, se acostumar a não confundir a superstição e o fanatismo com a religião e saber distinguir estas das formas que pode revestir através dos séculos. Essas formas são sempre relativas ao estado dos meios e ao grau de desenvolvimento das populações. Em um povo ignorante e bárbaro, a filosofia de Sócrates ou a de Channing se incrustariam bem rápido de vãs e grosseiras práticas. Coloquemos, ao contrário, a religião mais intolerante, a mais falsa e a mais corrupta em um povo sábio como Sócrates, esclarecido e tolerante como Channing e vereis, sob a ação de tal meio, liberar-se bem rápido de suas corrupções, de suas impurezas, de suas intolerâncias! É porque eu afirmo para a religião progressiva, ou, se se quiser, para o progresso em religião em todo o resto, e eu penso que o papel da filosofia não é destruir a religião, mas de transformá-la racionalizando-a cada vez mais. Se tal é o papel da filosofia, considerada como ciência geral, o papel de cada ciência particular será o de fornecer para essa obra de eliminação e de renovação seu contingente de verdades e de noções positivas.

³⁸ *A crença nos espíritos pode ser observada como o fundo comum de todas as religiões. É incontestavelmente o fundo comum das três religiões da China, do Tao ou da Razão, aquela de Confúcio, que fora do culto das almas dos ancestrais, não é senão uma filosofia moral, e a de Fo ou Budismo. É esse fundo comum que cria entre elas essa tolerância recíproca da qual elas fazem prova no meio de todas as intolerâncias religiosas que existem no seio das raças e das nações. Podemos acrescentar que à essa fé nos espíritos e à esse culto dos ancestrais que a civilização chinesa deve sua duração trinta vezes secular.*

Nessa ordem de ideias, o espiritismo é chamado a introduzir no processus religioso dados racionais e científicos que transformarão as antigas crenças dando à imortalidade da alma uma positividade, uma precisão que lhe tinha faltado até aqui. É já o que deve resultar da teoria do perispírito ou corpo etéreo justificado pelas recentes descobertas da física

sobre a natureza do éter e a correlação das forças. Essa forma semimaterial da personalidade humana feita de moléculas (talvez mesmo de glóbulos) etéreas que vai se tornando mais leve e se espiritualizando cada vez mais à medida que a alma se melhora e se purifica, era simbolicamente representada nas religiões da antiguidade pela psicostasia ou pesagem das almas. A balança, na qual a justiça divina pesa as almas, se encontra, não somente entre os Egípcios que pintaram a imagem em todos seus monumentos fúnebres, mas também entre os Indus, os Etruscos, os Gregos e entre os cristãos que esculpturaram sobre as paredes de suas catedrais.

Não é um pequeno mérito da ciência poder fornecer uma base positiva e racional a um sentimento geralmente difundido. É pouco próximo disso que se limita o progresso das ideias morais religiosas. Nessa esfera de nossas relações, não se inventa quase nada, mas há sempre que precisar, que esclarecer.

Eliminando as ideias falsas; racionalizando e generalizando as ideias justas e verdadeiras, a mente humana conduz ao estado de evidência e de certeza científica o que não foi em princípio senão o estado de instinto ou de sentimento, de pois de opinião e de crença.

O vulgar se espanta do pouco progresso que faz a filosofia. Os Gregos, diz-se com frequência, sabiam tanto quanto nós e não acrescentamos nada à sabedoria de Sócrates nem à moral de Jesus. Essa afirmação não tem a verdade senão na aparência. Se é verdadeiro que não se tem nada a acrescentar às verdades absolutas e eternas que devem reger as consciências e que a virtude de Sócrates, de Jesus, de Çakya-Mouni, de Epiteto, de Marco-Aurélio, não tenha sido ultrapassada, é verdadeiro também que nossas visões sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, o belo e o feio, são mesmo pontos retificados e esclarecidos. Temos nossos direitos e nossos deveres como indivíduos, como membros da família, da pátria, da humanidade; temos sobre todas nossas relações sociais com nossos semelhantes, e com nossos irmãos inferiores da animalidade terrestre, noções mais nítidas, mais precisas, e digamos, mais caritativas, mais humanas, mais generosas. Quanto aos tipos de virtude e de perfeição moral, se eles não foram ultrapassados e nosso gênero, outros gêneros são produzidos que acabam por aumentar o número de heróis, de santos que honram a humanidade. Se produzirá outros ainda, esperemos, sem contar que o prestígio do tempo desempenha também seu papel na questão, e os

exageros de renomado, de anúncio e a lenda... Toda verdadeira glória envelhece, mas quantos Aquiles não encontraram seu Homero e como Psaphons passaram Deuses, para adestrar alguns milhares de pássaros sonoros para lançar seu nome a todos os ecos do Peloponeso! É porque também ele seria bem desejável para a moral como uma repartição do mérito e do demérito pôde ser retificado no outro mundo e tido uma outra sanção que aquela de nossa pobre justiça humana, tão parcial e tão cega, uma sanção como a que nós achamos na alma imortal construindo, por seus pensamentos e por seus atos, seu ser futuro e se encontrando sempre, em suas vidas sucessivas, o que fez a si mesma por sua obra cotidiana em uma existência anterior.

Eu gostaria de parar aqui esta carta já muito longa. Também eu não tomei da pluma para escrever um paneríptico do espiritismo, que alguns não têm necessidade. No transcorrer que ele caminha, não tem por cinquenta anos para conquistar o mundo. Aliás, eu não posso falar do espiritismo sem fazer certas reservas. Assim é preciso, para ser classificado entre seus adeptos, crer absolutamente que os fenômenos do espiritismo têm uma fonte além do mundo, são produzidas por espíritos, por almas despojadas de seus corpos terrestres, eu não me baseei em me dizer espírita, pois me resta grandes dúvidas sobre esse ponto; até aqui, os fatos de ser testemunha pode a rigor ser explicado pelo jogo das forças emanadas de seres de carne e osso, pertencendo muito bem à vida desse mundo. Podemos perguntar se a mente dos vivos não poderia fazer mesmo inconscientemente, pela associação de forças físicas e psíquicas de que dispõe, o que faz, nos diz, a mente dos mortos?

As mesas girantes e falantes estão nesse caso e também na maior parte dos fatos de magnetismo e do êxtase. É verdade que restam fenômenos que podem bem dificilmente se explicar dessa maneira, ou que mesmo não saberiam se explicar assim: por exemplo, os de transportes, de materialização ou de aparições de seres revestidos de uma forma corpórea que se concretiza e se dissipa sob os olhos dos espectadores, como os fatos que o eminente químico físico, William Crookes, teria sido várias vezes testemunha. Não é que me repugna crer em relações possíveis entre as almas viventes ainda nessa terra e os que não estão mais aí. Para mim, não está aí senão um modo normal da comunicação espiritual que, de perto ou de longe, se cumpre todos os seres, sob a lei da universal solidariedade.

Mas o verdadeiro método exige que nos ocupemos em explicar os fenômenos pela ação das forças naturais que nos são conhecidas antes de supor novas que ignoramos e depois, não saberemos desafiar o mistério, que ele pode ser explorado pelos mercadores de milagres. Mas feitas essas reservas, eu não escondo que tenho o maior desejo de encontrar no espetáculo de fenômenos bem estabelecidos, incontestáveis, a confirmação de minhas crenças na sobrevivência da alma e também na comunhão dos vivos e dos mortos que deve ser o corolário. Somente desejo que a coisa seja verdadeira, e mais e eu temo em me iludir, cremos tão facilmente o que desejamos! E mais também tenho o dever de não contribuir para a ilusão dos outros. A verdade antes de tudo!

Eu não posso, entretanto, encerrar essa resposta às injustas acusações contra o animismo em geral, e o espiritismo em particular sem fazer observar que o último chegou pelos diversos sistemas vitalistas traz às duas concepções antagônicas, e espiritualismo e o materialismo, em luta há muito tempo, um meio de conciliação e de síntese. O espiritualismo, tornando-se experimental, com as manifestações ditas espíritas, satisfaz plenamente ao método das ciências naturais, e a alma, se achando revestida após a morte de um organismo etéreo, dito perispírito, organismo muito sutil sem dúvida, mas, entretanto, material, entra forçosamente nas leis que regem todas as forças cósmicas, químicas, biológicas ou fisiopsicológicas. O que é preciso a mais para dar satisfação ao ponto de vista materialista? Por outro lado, o espiritualismo tem tudo a ganhar para poder sair das vacuidades metafísicas para se colocar sobre a terra da ciência positiva e se apoiar sobre fatos concretos para remontar da multiplicidade material à unidade espiritual, onde o ser razoável e consciente se conhece, se possui e se reflete, seja como consideramos essa unidade no homem terrestre ou clãs toda outra hominal colocada em uma etapa superior da escala da vida, seja elevando o conceito do ser à mais pura alta potência, isto é, até a plenitude da existência, afirmamos a unidade suprema e universal para onde convergem todas as relações para aí se harmonizar, e que o lábio humano deixe de murmurar o nome de Deus.

Esse grande nome de Deus, tão descrito ao mesmo tempo por aqueles que o exploraram e por aqueles que o proscrevem, me recorda uma frase do Sr. J. Soury, onde esse crítico muito cegamente sectário para não dizer

de boa-fé, defende os adeptos do magnetismo animal e do espiritismo contra a acusação de impostura calculada e voluntária. Acreditamos que é preciso render ao Sr. Jules Soury a mesma caridade e a mesma justiça aplicando-lhe suas próprias palavras: “Impostores, diz ele, eles têm sido frequentemente; mas se mostraria bem frívolo e faríamos prova, de pouca psicologia se não sustentássemos que eles o são sempre algumas vezes. A consciência comporta muita inconsciência, se ousar dizer, ela é coisa muito complexa e muito obscura no crente como mesmo no sábio, para que lhes apliquemos nossas ingênuas fórmulas morais e as distinções clássicas do boa e da má fé.”

Eu sou daqueles que mantêm para a aplicação das ingênuas fórmulas de nosso senso moral, mas feita essa reserva, eu penso com o Sr. J. Soury, que nós devemos ter uma grande indulgência recíproca, pensando que nós marchamos ainda ao meio de falsos clarões e meias trevas que suscitam entre nós, ignorantes ou sábios, uma multidão de mal-entendidos. Jamais vemos senão um lado das coisas! Bem disse o poeta, é uma infelicidade. É assim que eu mesmo, que me desafio tanta tendência e procuro sempre a conciliação na síntese, acusei Haeckel de um mecanicismo bruto que talvez não esteja em seu pensamento, - a menos que esse eminente naturalista não se contradiga a si mesmo ao mais alto ponto na sistematização de suas ideias. A conciliação é com efeito bem difícil entre frases como estas representando duas teses contrárias:

- Tese mecanicista:

“Todas as diversas formas organizadas a que estamos acostumados a considerar como sendo os produtos de uma força criadora ativa e teleológica, podemos compreendê-las, conforme essa teoria da seleção, como os produtos necessários de uma seleção natural agindo sem objetivo e de uma ação combinada, inconsciente, de duas grandes propriedades, a variabilidade e a hereditariedade³⁹.” E ainda: “Esses fatos (os fatos de hereditariedade) provam bem, e de uma maneira irrefutável, que a alma do homem, como a das feras não é senão uma atividade mecânica, a fonte dos movimentos “moleculares”, cumpridos pelas partículas cerebrais⁴⁰.”

³⁹ *História da criação natural. Oitava lição, p. 157 da tradução francesa.*

⁴⁰ *Mesma obra, p. 161.*

- Tese animista:

Após ter criticado a ideia de um Deus antropomorfo e exterior ao mundo, Haeckel se exprime assim: “Essa ideia dualista e tão vulgar de Deus responde a um grau de desenvolvimento animal, inferior, do organismo humano. O homem atual chega a um alto grau de desenvolvimento, pode e deve fazer de Deus uma ideia infinitamente mais nobre, mais elevada, a única que seja compatível com a concepção monista do mundo. Segundo essa maneira de ver, é preciso reconhecer a mente e a força de Deus em todos os fenômenos sem exceção.

Essa ideia monista de Deus, que é a do futuro, já foi expressa por Giordano Bruno nesses termos: “Em tudo há um espírito; não um corpo, por pequeno que ele seja, que não contenha uma parcela da substância divina que o anime.” Goethe fez também de Deus a mesma ideia embelezada, quando diz: “Certamente, nenhum culto é mais bonito que o que se passa de toda imagem e provém somente de uma sorte de diálogo entre a natureza e nosso coração. Por aí, chegamos à concepção elevada da unidade de Deus e da natureza⁴¹.”

⁴¹ *Mesma obra, fim da terceira lição pág. 63.*

Tudo isso é muito bem dito. Somente caímos assim no panteísmo, do qual justamente o transformismo, bem compreendido, pode nos libertar. É o que nós nos encarregamos de demonstrar em um outro estudo. Ainda uma citação no sentido animista. Este é emprestado de uma produção mais recente do sábio naturalista⁴²: “De resto, essa grande questão da alma nos aparece hoje sob todo outro dia que há vinte anos, e mesmo dez anos. De qualquer modo que se representa a união da alma e do corpo, do espírito e da matéria, não ressalta menos claramente da teoria da evolução senão ao menos toda a matéria orgânica em geral, é, em um certo sentido, provido de propriedades intelectuais. No princípio os progressos das pesquisas microscópicas nos ensinaram que as partes elementares dos órgãos, as células, possuem em geral, uma vida individual psíquica. Há quarenta anos, isto é, desde a época onde Schleiden fundou, em Léna a teoria celular do reino vegetal, teoria que foi aplicada assim como ao reino animal por Schwann, nós atribuímos a esses seres microscópicos uma vida individual própria. São os verdadeiros indivíduos de primeira ordem...

⁴² *Seu discurso Munich ao congresso de naturalistas alemães, 1877.*

Os cidadãos vivos e ativos de um mesmo Estado.”

Eis aí que é perfeito e tanto mais perfeito a nossos olhos quanto nos induz a afirmar a grande república dos seres e a comunhão universal no sentido da unidade divina, sem cair nem no panteísmo nem no antropomorfismo sobrenatural. Em todo caso, Haeckel, nessas duas últimas passagens, escritas há dez anos de distância, se mostra que não pode ser mais religiosa. Mas, eu acho, como se faz como o Sr. Jules Soury em seus numerosos comentários sobre Haeckel e em suas traduções jamais nos mostra o mestre sob esse aspecto? Mistério. Não insistamos. Mas falta uma conclusão a esse estudo sumário, do transformismo materialista. Ele nos chega justamente da Alemanha enquanto tudo o que precede estava na tipografia. Um amigo nos escreve isto: “Helvald fez imprimir em Stutgard em 1877 uma segunda edição de sua História da civilização, 2 grandes volumes in-8º. A obra é dedicada a Ernest Haeckel e composta segundo os princípios do célebre apóstolo do transformismo. Ele estuda o “processus” da humanidade, sua evolução progressiva. A humanidade se desenvolve de acordo com leis necessárias e o autor segue essas leis em suas manifestações sucessivas desde o caos, desde a chegada do homem sobre a terra, quando ele só era uma monera formada de substância amilóide, até a hora atual.

Tudo se segue assim, segundo ele, porque a lei de hereditariedade o quis, lei tanto verdadeira para as nações quanto para os indivíduos. Na história do indivíduo não é senão uma criação de seu tempo e o homem degenerado é produto simbólico de sua época.

Quanto à moral, a história não tem nada em se ocupar. Filipe da Macedônia conquistou a Grécia empregando os meios mais imorais, os mais criminosos, dizem. Ele obedeceu à necessidade do “processus” da humanidade. A história não tem repreensão a lhe infligir. Ela não tem competência para pronunciar certas sortes de julgamento. O autor é cesariano porque o autocrata militar lhe parece o produto mais indigno de seu tempo e o instrumento mais próprio em sua passagem necessária.”

O Sr. Helvald se mostra simpático à França (sobretudo por causa de Napoleão), porque mais que todas as nações, a França comandou no “processus” da humanidade e mereceu assim estar à frente da humanidade. O mundo terminará pelo dessecamento universal. O homem terminará “como terminaram os raros animais desaparecidos” e então, a civilização

atual, com suas paixões, suas ideias, suas revoluções, terá vivido, e então, diz o autor, terminando seu livro “Wozu”, isto é: A que ponto⁴³?”

43 Um homem, na França, sem conhecer o transformismo materialista, já tinha resumido bastante essa maneira de compreender as coisas em uma enfermidade niilista da qual tinha feito sua divisa. Esse epicurista, que teria sido um grande escritor e um poeta se a forma e a cor pudessem substituir a alma, se chamava Théophilo Gauthier. Eis aqui sua conclusão última que vale bem o Wozu? “A que ponto?” do Sr. Helvald: “Nada não serve a nada. E em primeiro lugar, não existe nada. Entretanto tudo acontece. Mas “isso é indiferente.”

Tal é por isso a última palavra do materialismo transformista. O Ser terá em vão percorrido através de tantos sacrifícios sangrentos a escala ascendente da vida. Ele terá em vão lutado, gemido, penado, trabalhado, durante tantos séculos para se conhecer e se possuir na sua razão consciente e na sua liberdade. Ele terá passado inútil em seu globo no mundo. Inútil a si mesmo e seus semelhantes, nada terá feito de durável, nada construído, nada edificado! Após como antes, sua colaboração à criação terrestre, o ser humano não existe mais e a humanidade só será uma palavra!

Se é verdade que não conhecemos os princípios senão pelas consequências que eles produzem e que não podemos julgar senão em uma concepção geral que pela prática social em que deve logicamente resultar, vemos pela filosofia da história do discípulo de Haeckel o que vale a teoria transformista do mestre. Assim, o fatalismo histórico, a negação da liberdade moral, a ausência de moralidade nas relações sociais; nada de fraternidade humana, nada de objetivo da vida, nada de sanção às leis da consciência! Eis aí o resultado ao qual nos convém, em nome da ciência! Sim, o fim da civilização pela ciência, e depois o nada! Diga, não é o que cabe a vós enojar com a ciência e vos precipitar nos braços da fé cega e da reação clerical? Felizmente a mente humana avança. A ciência de hoje, que engana por não ver senão um só lado das coisas e não tomar conta de suas ignorâncias, será retificada pela ciência de amanhã, e o que dizem os falsos sábios e os sofistas, a verdade triunfará.

Não, não foi por um “processus” cego da vida social que o espiritismo experimental se manifestou no mundo, justo no momento em que se produziam as doutrinas niilistas de alguns filósofos e as teorias brutas de alguns naturalistas muito apressados em concluir. Permitiu-se ver na

aparição dos fenômenos do magnetismo e do espiritismo uma espécie de revelação, mas toda natural e nulamente miraculosa, pois que ela acontece em seu momento, que o meio está preparado para o ideal novo e que pode se apoiar mesmo na ciência, a qual ela vem alargar os horizontes.

Está aí vos digo eu um dos maiores acontecimentos que sejam jamais produzidos na vida da espécie. Interessa ao mesmo tempo as ciências naturais e as ciências sociais. Traz um campo novo de experiências à física, à química, à fisiologia, à psicologia, à qual oferece uma base positiva que lhe falta até aqui.

Provando por fatos sensíveis que existe das relações reais entre os vivos e os mortos, coloca a imortalidade da alma fora de dúvida, traz a prática da moral expressiva para o bem e uma sanção efetiva que, pela primeira vez, não terão tomados emprestados aos dogmas fundados sobre o milagre. Enfim, por esse fato, mesmo de uma comunhão permanente entre aqueles que vivem sobre essa terra e aqueles que aí não estão mais, o laço social que estabeleceu entre os homens, e indo do indivíduo à família, da família à tribo, à cidade, à nação, à raça, à espécie, e que não pôde até aqui os unir senão de uma maneira tão frágil uns aos outros e melhor em teoria que na prática, o laço social se acha a solidarizar efetivamente todas as gerações humanas, de sorte que todos os homens, que estejam desse lado ou do outro lado do túmulo, se amando uns aos outros e trabalhando para sua melhora mútua, construam realmente esse grande corpo da humanidade, do qual eles se reconhecem os membros, mas membros desconjuntados até aqui separados mais pelo egoísmo bestial de ódios selvagens que nossa pobre terra não pode portar. Que o ideal humano faça tal passo, que da alma dos melhores e dos mais avançados, se espalhe nas massas, a verdadeira religião da humanidade se funde e a face da terra se ache renovada.

Charles Fauvety

Carta da Senhora G. Cochet ao Sr. Jules Soury

Ao Sr. Jules Soury, redator da REPÚBLICA FRANCESA.

Sob o título: “Espíritas e Sábios,” vós publicais na República Francesa dois longos artigos, nos quais vós atacais a boa-fé do médium Slade, e o testemunho dos sábios mais eminentes da Inglaterra e da Alemanha.

Tomar partido publicamente sobre uma questão que apaixona os homens mais notáveis de duas nações vizinhas, é abrir a discussão, é chamar a réplica. Eu não posso supor, Senhor, que tendes a pretensão de pronunciá-la e, em último, sobressair, e que após ter provocado o protesto, vós vos recusastes a ouvi-lo. – Eu gosto mais de crer que escrevendo no interesse só da verdade, vós estais dispostos, mesmo após ter feito condenação, a escutar a defesa. De resto, eu não pretendo, usando o direito de resposta, que vos apresentar algumas observações, que eu me esforçarei em deixar tão sucintas quanto possível.

Quando, há trinta anos, os fatos ditos “espíritas” foram constatados por experiências numerosas, repetidas em todos os países, um grito de negação, o mesmo grito que para toda descoberta, se eleva para declarar que os médiuns sendo todos charlatões, os partidários do Espiritismo ligou à sua doutrina homens eminentes, ele não conta nenhum ilustre nas ciências. Não havia por isso lugar de medir os epítetos. Quem ele precisou poupar? A Sra. Delphine de Girardin? “Uma mulher!” Balanche, Jean Renaud, Pezzani? “Filósofos!” Louis Jourdain, Flammarion, o Sr. Lachâtre, Meurice, Vacquerie? “Espiritualistas!” Quando Victor Hugo dizia: “A mesa girante e falante foi fortemente escarnecida: Falemos com nitidez. Esse “escarnecimento é sem limite. Estimamos que o dever estrito da ciência é sondar todos os fenômenos. Evitar o fenômeno, lhe fazer a derrota da atenção à qual ele tem direito, é fazer derrota da verdade, ”Sorririam dizendo: “Oh poeta!” e triunfavam diante de adversários tão fracos. Discutir

com tais sonhadores, teria sido cometer a autoridade, da ciência: não estavam em guarda. Pronunciavam uma palavra: “Todos tolos!”

Hoje, a questão se eleva. Desta vez são os sábios, e sábios de primeira ordem, que redizem ao mundo a afirmação trinta anos abafadas. Os Crookes, os Cox, os Wallace, da Academia real de Londres; na Alemanha, os Zollner, os G. Weber, os Th. Fechner, toda uma legião de homens de ciência, dos quais eu não cito senão os mais famosos, publicam o resultado das experiências rigorosamente científicas que eles fizeram na ordem dos “fatos espíritas.” Todos procederam a um exame decisivo, se cercando de meios de controle os mais sérios, sem abrir mão da verdadeira investigação científica.

Eu me refiro às obras de um deles: Crookes, secretário do gabinete da Academia de Londres, inventor do radiômetro. Esse sábio empregou dez anos de pesquisas a prosseguir o estudo de uma força, que em virtude de suas manifestações inteligentes, ele chama “força psíquica;” e, durante esses dez anos, ele partiu com respeito a diferentes médiuns, com os quais ele experimentou, um controle absolutamente concludente, em que ele não deixava nenhum meio à fraude. Parece que diante de uma declaração assinada, de tais nomes o ceticismo sistemático fez pelo menos recuar, para traçar seus argumentos do método positivo ao qual ele pretende se amarrar. Ora, os argumentos elevados contra a realidade dos fatos espíritas, são bem tirados em um fundo de brincadeiras fáceis, talvez muito picantes; mas seguramente nulos positivos... ou são uma exposição de motivos pelos quais esses fatos, desarranjam uma certa ordem estabelecida, um certo sistema admitido, um certo método recebido, são decididamente embaraçosos e não devem ser. Enfim, e para coroar o belo raciocínio, acontece o argumento vitorioso, o tema inevitável: loucura, alucinação.

Está aí, Senhor, o resumo de vosso estudo, e vós não vos preocupastes em negligenciar o último termo. Somente, eu quero devolver a mesma justiça à vossa cortesia, no momento de lançar sobre Zollner a fulminante apóstrofe, vós acreditastes, por respeito pelo nome do grande astrônomo, dever usar de uma fórmula menos brutal que aquela que gratificam a massa dos espíritas vulgares. Constatastes (por inspiração) os sintomas de um “estado mental que pode, aliás, coexistir, com uma frutuosa atividade científica no domínio da astronomia física.” Por outro lado, vós dizeis com

melancolia: “O sábio terminará fatalmente pela loucura lúcida.” Assim, eis aí que está claro: Todas as vezes que Zollner se dedicar aos fecundos trabalhos que o ilustraram, esse sábio será lúcido; mas desde que, conseguindo em torno de si seus mais ilustres confrades, ele constatará os fenômenos espíritas, ele será louco, alucinado, e, com ele, todos aqueles testemunhos apoiarão o seu.

A propósito desses testemunhos, tendes uma palavra que me fez sonhar. Falando dos amigos de Zollner: “W. Weber e Th. Fechner, isto é, personalidades mais notáveis da Alemanha, homens que vós mesmos chama ilustres, vós dizeis: “O testemunho de semelhantes homens não terá, de modo algum, peso se um tinha a idade de 76 anos e o outro de 79.” Eis aí, de certo, uma observação espantosa. O que! Que W. Weber, que Th. Fechner falam ao mundo a bela linguagem da ciência, o mundo atento acolherá sua palavra; mas como esses mesmos sábios, chamados a se pronunciar, afirmam aos quatro cantos da opinião a realidade dos fenômenos espíritas, o presidente dos debates, após ouvir a idade das ilustres testemunhas, poderá lhe dizer, com todo o respeito devido a seu raro mérito: “Vós não vedes mais! Ide assentar-vos.”

Quanto ao resto, declarais nitidamente que não aceitais o testemunho de sábios, e a razão que vós apresentais é uma nova surpresa: os sábios, dizeis vós com o professor Wundt, os sábios são incompetentes! Oh boa gente espírita! Vós de quem tantas vezes recusaram o testemunho, sob pretexto que não pertenceis a nenhuma academia; vós de quem amáveis cronistas tornaram a ociosidade proverbial, insinuando que vós nada tínheis inventado... nem mesmo a pólvora! Bravos ignorantes, meus irmãos, eis a palavra de vossa revanche. Andareis doravante ao mesmo nível com aqueles de que a ciência faz lei, vossa incompetência será irmã da deles; assim, decretou Wundt, e após ele Jules Soury!

Certamente, Senhor, não é vossa culpa, se vos esforçando em apresentar ao público um estudo sério, vós encontrardes sempre a nota cômica; tal não era vossa intenção. Mas vós caminhais sobre um terreno perigoso, para não haver embaraço, não conheceis a natureza. Nessas condições, em vós, atacando o mais forte que vós, mostrai uma audácia bem imprudente. Como se vê bem, nessa marca de vosso julgamento, que vós não tendes ainda, setenta e nove anos, nem mesmo setenta e seis! Se vós sois relativamente amenos para “as vítimas da incredulidade,” sois menos

divididos para o pobre médium, por causa da grande algazarra que poderia ser o prelúdio de uma grande revolução. Vós não hesitais em apresentar Slade na França, como um escroque descarado. Entretanto, vejamos as provas.

Acreditais primeiro em denunciar a perspicácia de vossos leitores, que H. Slade tem um longo talhe, longos braços, longas mãos, longos dedos. Vós vos estendeis com complacência sobre “sua palidez de espectro, seus olhos brilhantes, seu sorriso silencioso, de sorte que o retrato relembra ao mesmo tempo o do lobo de Chapeuzinho vermelho, e o de Mefisto de Fausto. Enquanto as pessoas de imaginação irão até a colocar unhas nas pontas desses longos, longos, longos membros, as mentes positivas suporão primeiro que é uma graça de estado, que deve ajudar singularmente aos movimentos de passo a passo de um mágico. Isso se chama proceder por insinuação. Muito hábil. Senhor. Passemos adiante.

Vós relembrais a ação que foi movida contra Slade na Inglaterra, no mês de outubro de 1870. Nisso fazeis prova de habilidade, sabendo quanto conseguiram ver em um acusado, um culpado. Entretanto, todas as pesquisas não podem indicar uma “farsa”. A acusação é pueril, e não se baseia em nenhum dado positivo, enquanto a defesa leva à prisão os homens mais consideráveis da Inglaterra, e notadamente, este que vós denominais “o ilustre concorrente de Darwin”, Alfred Wallace. Ainda um louco lúcido! Eu não tenho em que insistir sobre esse processo que termina em um tribunal de apelação por absolvição. Agora eu vos sigo em Berlim. Em Berlim, Slade tem por ele todos os sábios, quem contra ele? Um mágico, Herrmann, como as “torres de Slade.” A afirmação é bem vaga. Pela primeira vez tocais enfim na questão de saber sim ou não, Slade usa meios materiais para produzir os fenômenos que ele diz serem devidos a uma causa estranha. É aqui que se tratava de dar todos os detalhes específicos para esclarecer a opinião. Se esses detalhes tivessem tido mais peso que as oito colunas através das quais você empilha contra Slade todas as insinuações, e não um só fato. Importa, com efeito, de saber em quais condições se colocou Hermann para imitar “as torres.” Se ele as produziu todas, ou somente algumas; se ele operou em sua residência, ou em um local não preparado e enfim, se ele submeteu, da parte dos assistentes, ao controle que Slade submeteu a si mesmo. Tantas circunstâncias importantes das quais você não soprou a palavra.

Você acrescenta, ainda com mais inconsequência: “O médium encontrou, na verdade, um compadre em Bellachini, o mágico do tribunal, que declarou diante do notário, que Slade não era um confrade, mas um sábio.” Podemos vos perguntar sobre quais provas vos apoiáis para acusar tão prestamente Bellachini de falsidade, isto é, de malandragem. Se vós estais certos da cumplicidade, deve baseá-la em fatos, fornecer suas provas; mas se vós tendes uma suposição gratuita, o tendes afirmativo está fora de foco vossos leitores podem vos lançar um desafio para sustentar. Isso se aplica igualmente a essa outra assertiva que: “as respostas escritas sobre a ardósia são da mão de Slade.” Diz-se logo: somente vós esqueceis ainda aqui no todo, um pequeno detalhe: a prova do que vós avançais.

Eu não prendo em vossas reflexões sobre o entusiasmo dos estudantes alemães que sustentam Slade, sobre a reserva cética de alguns professores que, solicitados em examinar os fenômenos espíritas acham mais cômodo negá-los a priori e fechar os olhos. – Eu concebo que vós reserveis a estes últimos sua aprovação admirativa. O método deles não é o vosso? Venho ao que vós chamais : os desentendimentos do médium com a polícia. Eis aqui o fato. Sem acusação, sem processo, sem julgamento, graças à opinião, e pela boa vontade da polícia, Slade é expulso de Berlim. Ele se refugia em Viena. No mesmo dia de sua chegada, lhe é dada ordem para deixar a cidade em vinte e quatro horas; Slade é expulso de Viena. Aqui, senhor, vós vos enganais” Vós pareceis achar admirável o sistema de expulsão, vos apressais em aceitar o julgamento como se a justiça suprema tivesse se pronunciado. Não acho que essa maneira de considerar o direito das pessoas, ressalte princípios do jornal no qual vós escreveis. A expulsão não motivada, que revolta a consciência de Zollner, dá ao médium, junto de todos os espíritos direitos de independência, o prestígio da perseguição não merecida. Estão bem próximo de considerar como um instrumento da verdade, o homem contra o qual a autoridade não encontra outras armas senão aquelas de uma violência que não se acha mais nos costumes, de um rigor arbitrário contra o qual, nos séculos de barbárie, a consciência humana sempre se revoltou. Vós tendes alguma dificuldade em fazer vossos leitores admitir, que dois Impérios tenham tido recorrido a esses meios extraordinários contra um patife, em cujo caso se levanta um tribunal correcional. Todas as insinuações virão se quebrar diante da simples observação: que ainda há juízes em Berlim.

Acredite, Senhor, dirão na França, com os sábios alemães que seguiram as experiências de Slade, que essas medidas imprudentes são as medidas do medo; Serão vistos aí golpes de uma Doutrina, dita científica que treme por sua influência; será admitido que a prova que a negação tem também seu fanatismo, que a incredulidade sistemática não é menos absoluta que a crença cega; que ela não se cobre do princípio da liberdade de consciência que para atingir à dominação, e que está no objetivo que toma por tarefa de colocar entraves às pesquisas psicológicas, então mesmo que essas pesquisas se estendam no domínio positivo dos fatos. Julgarão que o homem que defende seu sistema, o fruto amadurecido de sua inteligência, é também cegamente obstinada na luta como este que defende a sua fé, a luz de seu coração; como um elevado de Deus que ele aceitou, o outro elevado por seu próprio orgulho, temem igualmente a luz. Como aos dois limites opostos, o Materialismo e o Dogma mostrando a mesma intolerância; como em uma palavra todos dois, repelem a pesquisa, imobilizando o progresso, são uma barreira à verdade. Eu entendo como é duro para alguns sábios que, desafiando a Matéria se proclamam profetas, de ver se elevar, ao lado da sua teoria, um simples fato que brutalmente, sem frase, inverte o Templo e desafia o Grande-Padre. Verdadeiramente, eu compreendo vossos lamentos quando vós dizeis amargamente com Wundt: “Está mesmo no fundamento sobre o qual repousa todo o edifício de nossa ciência, está no princípio universal de causalidade que se ataca o Espiritismo.”

A tradução desse grito é fácil. O quê! Teriam longamente compulsado livros, atormentado os fatos, chocados, os sistemas, para se achar no fim das contas, sobre a mesma linha que Grosjean diante de uma mesa que gira! O quê! No instante em que começam a se sentir pouco à vontade em um método quase coordenado; quando iam poder se apoiar em uma hipótese suficientemente sólida, seria preciso recomeçar? Partir de um novo ponto para estudar novas leis? Caminhar para vida novas consequências? Entrar em uma nova ordem de fatos? Gênios tais como Zollner, Weber e Fechner, menos ligados a um programa que, na Ciência, e menos partidários de um princípio científico como a Verdade. Princípio absoluto, esses gênios fecundos podem dizer: “Sim!” a inumerável legião da mediocridade dirá com Wundt: “Não, mil vezes não!”

É que a Ciência tem seus conservadores interesseiros, iniciantes vãos e egoístas que, desde que eles adquiriram direito de burguesia sobre as massas, se fazem defensores obstinados de conhecimentos restritos que eles adquiriram laboriosa e miseravelmente acumulados. Essa classe não pode sustentar a ideia de uma revolução, com a qual ela teria tudo a perder; ela sente muito que no turbilhão de uma renovação científica, é o único gênio que sustenta o peso da verdade nova; a mediocridade está nisso esmagada.

Nesse ponto de vista, eu desejo convir muito bem que os fenômenos que se produzem fora das leis conhecidas, são impertinentes. Mas, o que! Senhor, é preciso bem, após tudo, aceitá-los tais como eles são, pois que eles são. E melhor que se magoar, melhor que cobrir os olhos pela tripla venda tecida pelo preconceito, o orgulho científico e a rotina, os homens de ciência, e entre eles estes os Positivistas, fariam bem melhor de se apoderar do fato para restringi-lo ao seu verdadeiro alcance, para classificá-lo em seu verdadeiro lugar. Seria fazer obra de progresso; pois enfim a Ciência que se recusa obstinadamente diante de quinhentos mil médiuns e milhões de adeptos (tomo emprestado essas cifras), a Ciência desempenha aqui um papel estranho. O quê! Ela, a mensageira do progresso, a luz dos espíritas, ele, cuja missão é esclarecer o vulgo, mostrando-lhe a causa natural de efeitos que poderia, supor maravilhoso, a Ciência não tendo senão uma palavra a dizer para deter a multidão sobre a encosta “de um penhasco nas superstições tenebrosas da idade média,” a “Ciência não diria essa palavra! Ela ficaria obstinadamente muda mesmo diante da defecção dos seus! Vós ousais lhe perguntar: Ela não poderá concordar sem faltar a si mesma. A Ciência, Senhor, não tem direito de desdém. Quando o fato fala, ela não tem senão um dever: o exame imparcial!

Deixe-me ir até o fundo de vosso pensamento. O que vós considerais, o que vós julgais, o que vós condenais, é menos “o fato” em si mesmo como a Doutrina que nisso resulta. Vós julgais o Espiritismo. Vós tendes liberdade. A filosofia espírita é discutível, não saberá se impor mais que nenhuma outra. Afaste sua doutrina, seja: é usar de um direito legítimo que ninguém pode contestar; mas onde vós excedeis seu direito, é quando vós pretendeis negar manifestações produzidas por 500.000 médiuns. “O fato” escapa à negação; vós nada podeis contra ele. Do mesmo modo para a

ciência. Não se trata aqui de uma questão religiosa ou filosófica, o Espiritismo não está diretamente em causa; trata-se de um “fenômeno” que se impõe ao exame da ciência, e se impõe tão bem que, afastaram-no por um tempo, ele entraria forçosamente em seu domínio, como fez o Magnetismo... que uma inspiração infeliz lhe faz tomar por exemplo.

Vós terminais, com efeito, vosso artigo (ou melhor vossa petição) felicitando a Academia por ter rejeitado em 1783 a descoberta de Mesmer. Nessa ocasião, vós elogiáis fortemente o século XVIII, assegurando que ele arruinou completamente o magnetismo, lhe trazendo o golpe mortal do qual ele não se elevou. Ah! Senhor, é possível que vós tenhais caído em um grosseiro erro? O quê! Verdadeiramente? Vós ignorais nesse ponto as primeiras palavras de uma questão que vós temeis tratar... perdão! De maltratar alto a mão? É maravilhoso! Eu não duvido que a facilidade de fatiar as questões, às quais ficam completamente estranho, não seja um estado de graça... para certos jornalistas... Entretanto, tudo em vós felicitando esse precioso privilégio, é preciso que eu vos previna, com todas as considerações devidas às vossas luzes, que ... estão retardadas de cem anos.

Aprenda então, Senhor, pois como resta alguma coisa a vos ensinar, como o magnetismo, condenado no século passado, fez como Slade; ele lembrou um julgamento parcial, e foi processado! Estou bem zangado pela Academia de medicina, sobre a qual, vosso cumprimento cai da maneira do pavimento de urso de pelúcia; mas se ela fosse digna de vossos elogios, ela seguramente desmereceu desde então, por quebrar de forma severa vosso julgamento, e elevando de vossas próprias mãos o que ela tinha em vão tentado destruir.

É verdade que cedendo à evidência, a douta assembleia mostra bem algum humor. A nova descoberta teve a força de não ter sido criada em uma família, de não poder reivindicar por padrinho nenhum dos membros ilustres da ilustre Academia; ela chegou aí como uma intrusa, patrocinada por praticantes obscuros. Enfim, o único fato de ser quando a Academia tinha querido que ela não fosse, constituía um verdadeiro ultrage em direção da infalibilidade doutoral. Nessas condições, a recepção do Magnetismo não foi precisamente entusiástica; mas não havia como voltar atrás sobre alguns protestos bastantes vivos, a maioria se declarando. O que quereis vós? Os fatos estão se multiplicando, as provas coletadas, um

praticante impudente, o barão Du Potet, se tinha permitido curar, pela aplicação do magnetismo as doenças incuráveis dos hospitais de Paris; os espíritos sendo concorrentes..., vós não estáveis aí!...

A Academia, solicitada por uma fração de seus membros, e contradita pela opinião, decidiu a enquete e designou uma comissão de onze membros tomados em seu seio. Após cinco anos de exame, após uma multidão de experiências feitas em todas as condições de controle, a Comissão apresentou, pelo órgão de seu secretário, o doutor Husson, um relatório, estabelecendo com evidência, a realidade dos fenômenos magnéticos, “tanto do ponto de vista terapêutico como sonambúlico.”

É em 1831 que a nova descoberta recebe seu diploma, oficial. Não choreis muito contra esse julgamento. O veredito foi proferido, com a circunstância atenuante que, forçados a ceder à verdade, nossos doutores se reservaram o direito de lhe virar as costas para ele; eles se apressaram em reconhecer... mas sem o adotar. Uma vez o relatório assinado, apressamo-nos de enterrá-lo sem alarde o mais profundo possível, esperando bem não mais ouvir falar sobre isso.

Eis aí, como as Academias são os depositários de todas as luzes...que eles guardam fielmente sob o alqueire! Dito isso para vossa instrução, não me importaria de insistir sobre a marcha progressiva do Magnetismo, nem sobre as recentes experiências, feitas na Salpêtrière pelo doutor Charcot. Não que eu não tivesse prazer em tratar desse assunto convosco; mas...vós ficastes com a opinião de século XVIII! E vossos conhecimentos, sobre o que toca à questão magnética se prende ao relatório de 1783!...

Eu não terei a má-fé de insistir sobre a lição, abusando de uma incompetência que vós expondes com uma ingenuidade bem-feita para desarmar a crítica. Como eu lamentaria se vós perdêsseis vosso prestígio dos vossos leitores, eu paro, e vos deixo todo o tempo de estudar o terreno em que vós vos achais imprudentemente engajados. Se, após vos ser instruído, senão do que é o magnetismo, do menor ao maior ponto mais elementares de sua história, vós desejareis prosseguir a discussão, estarei sempre pronto a vos escutar e a vos responder; o de estar ciente de uma questão que vós lidais sem conhecer.

G. Cochet

Uma nota da Sra. G. Cochet

O professor e mágico Herrmann, de Viena, citado pelo Sr. Jules Soury como o imitador das torres de Slade, jamais viu Slade, não sabe mesmo ao certo quais fenômenos o médium produz, por consequência não os imitou.

Admirando vivamente o saber aberto pelo sábio redator da “República Francesa,” e apreciando como convém os recursos que sua imaginação lhe fornece ao ponto de nomear para a necessidade da causa que ele defende, eu me confesso desabilitado para usar tais meios; eu não adianto nada que eu não possa indicar a fonte. Assim, nessa circunstância, é o próprio Hermann que faz a importante retificação que deixa na declaração de Bellachini todo seu valor.

Uma última palavra. É bastante comum representar os fatos espíritas, não somente como postos fora da ciência, mas como terrível sob toda coisa um controle científico. É o que, em uma conferência pública, o Sr. Alfred Naquet se exprimia assim: “Certamente, é preciso crer como o Espiritismo tem boas razões para se produzir longe dos olhares investigadores da ciência. Pois os fenômenos espíritas, afirmados pelo vulgo, jamais foram constatados por nenhum sábio.”

Essas palavras, pronunciadas cinco anos após as publicações de Crookes, de Wallace, de Cox, e um anos após a obra de Zollner, promoveram a protesto muito fácil; eu me senti contente em passar ao conferencista, a lista de homens eminentes espíritas, mas não sustentaram publicamente sua opinião. Estava suficientemente demonstrado que se os sábios, que não examinaram de modo algum os fatos espíritas (tais como o Sr. Alfred Naquet, o Sr. Jules Soury e tantos outros) os negaram com a convicção mais tenaz e a menos fundamentada, ao contrário, todos os sábios que controlaram os fenômenos, que os estudaram longamente, os submeteram a uma investigação rigorosamente científica, proclamando a realidade. Acrescentarei, revertendo a proposição do Sr. Alfred Naquet, que se os fatos espíritas nada têm a temer das luzes da ciência, parece que sejam os sábios que temem ter que constatar esses fatos.

Aqui, eu apelo mesmo ao Sr. Jules Soury cujo testemunho não poderá ser suspeito. O autor do artigo, “Espiritas e Sábios,” não admitindo a competência dos homens de ciência da Alemanha, da Inglaterra e da Rússia, testemunhas ilustres em quem ele não saberá ver senão alucinações, é de seu próprio julgamento que fizemos apelo. Foi oferecido ao Sr. Jules Soury verificar por si mesmo, em sua casa, e nas condições de controle que ele gostaria de empregar, os fenômenos reais que ele nega, por falta de conhecê-los, e dos quais, em todos os casos, ele pudesse falar enfim com conhecimento de causa. O Sr. Jules Soury se recusou em tentar a experiência; seus princípios científicos não lhe permitindo a retificação de um fato que lhe agrada em declarar “impossível.”

A questão se simplifica assim totalmente. Não se trata mais, vemos, da realidade do fato em si mesmo. O fato, não concordando com o sistema científico de determinada escola onde o Sr. Jules Soury guarda fielmente a palavra de ordem, deve ser condenado ao nada. Como seja ou não, pouco importa! O Materialismo se recusando em aceitar, será como se ele não existisse!

E eis aí como se faz a ciência! Verdadeiramente, diante dessa recusa motivada pela arbitrariedade de um Sistema que, impossibilitado de julgar, senão na força da negação, é evidente que a discussão nada tem a fazer; está na indignação de pronunciar.

Por isso, é dito. Toda verdade muito alta para se estabelecer no Sistema estreito que pretende marcar o limite extremo do além-túmulo do qual nada mais existe, toda verdade importuna o Materialismo, deverá se apagar humildemente diante de engenhosas hipóteses, de um lugar mais agradável e mais fácil. Sendo dado um fato físico, abundantemente constatado, e um Método filosófico-científico (isto é, uma mistura de obscuridade e luz que encontramos em todo método), a verdade deverá afastar-se, o fato deverá se calar, para não comprometer o edifício sagrado à entrada do qual o Positivismo, decretando as leis, selecionando as forças, faz ressoar contra as manifestações psicológicas a famosa apóstrofe: “Tu não irás mais longe.”

Bem! Que seja! É uma confissão. Não podemos mais convir simplesmente de sua fragilidade. Esse pobre Materialismo! O quê! Aí está ele? Já tão baixo! E eu que lhe creditava alguns elementos de vitalidade; A observação judiciosa, o senso crítico, a convicção leal, a imparcialidade de julgamento!

Como eu tenha encontrado outra coisa senão as marcas de uma decomposição certa: a presunção, o orgulho doutrinário, o arbítrio, a intolerância e... ao cúmulo... a infalibilidade! A ilusão não é mais possível. Para fazer contra-peso à casta clerical, é a casta científica que se eleva. Em contra-partida ao programa teremos a tabela das leis físicas, leis determinadas, leis heterodoxas, fora das quais não haverá mais nada saudável, fora das quais os refratários encontrarão a alucinação vingativa e a demência final. Em uma palavra a Doutrina materialista, que pretende nos livrar do obscurantismo religioso, agita acima de nossas cabeças a bandeira de ciência...mas toma cuidado previamente em nos fechar os olhos, sob pretexto de que ela vê claro para nós.

E bem aí, francamente, opressão por opressão, eu gostaria ainda melhor essa que, em nos furtando o exercício de nossa razão, nos deixa ao menos, a esperança...se não tivesse o supremo recurso de rejeitar todos dois, para pesquisar livremente a verdade!

G. Cochet

DOCUMENTOS

I

O Espiritismo em Jersey

Dizem como belas páginas as relações do além-túmulo inspiraram o autor das Contemplações. A casa do poeta, em Jersey, viu por muito tempo seus anfitriões se reunirem à noite em torno das mesas falantes e de longas entrevistas se estabelecer com os espíritos. O Sr. Auguste Vacquerie contou, em seu livro as Migalhas da história, como os anfitriões de Marine-Terrace foram iniciados nesses mistérios. A iniciadora foi uma mulher de espírito e de talento, Senhora Emile de Gerardin (Delphine Gay), que era já nessa época uma fervorosa adepta do espiritismo. Deixamos a palavra com o Sr. Auguste Vacquerie:

A Senhora de Girardin veio passar dez dias em Jersey, era o final do verão de 1853. Estava próxima sua morte que a tinha levado em direção à vida extraterrestre? Ela estava muito preocupada com as mesas falantes. Sua primeira palavra foi se eu acreditava. Ela acreditava firmemente, quanto a ela, e passava suas noites a evocar os mortos. Sua preocupação se refletia, sem que se desse conta, até em seu trabalho; o assunto da sua alegria fazia medo, não é um morto que volta? Ela queria absolutamente que acreditássemos nela, e, no mesmo dia de sua chegada, tivemos dificuldade de fazê-la esperar o fim do jantar, ela se levantou desde a sobremesa e arrastou um dos convivas no parlatório onde atormentaram uma mesa que permanecia muda. Ela culpou a mesa cuja forma quadrada frustrou o fluido. No dia seguinte, ela mesma comprou, em uma loja de brinquedos de crianças, uma pequena mesa redonda com um único pé terminado por três garras, que ela colocou sobre a grande, e que não se animou mais do que a

grande. Ela não desistiu, e disse que os espíritos não eram cavalos de fiacre, que atendiam pacientemente a burguesia, mas eram seres livres e voluntários que não vinham senão em seu próprio tempo. O dia seguinte, mesma experiência e mesmo silêncio. Ela se obstina, a mesa se obstina em fazer qualquer coisa... Ela tinha tal ardor de propaganda que um dia, jantando na residência dos Jersiais, ela os fez interrogar a mesa de um só pé, que provou sua inteligência não respondendo aos Jersiais. Esses insucessos repetidos não a desanimaram; ela permaneceu calma, confiante, sorridente, indulgente com a incredulidade; dois dias antes de sua partida, ela nos pediu para lhe conceder, para seu adeus, uma última tentativa. Eu não tinha assistido às tentativas precedentes; eu não acreditava no fenômeno, e não queria acreditar. Eu não sou daqueles que fazem cara feia à incredulidade, às novidades, mas essa aí tomava mal seu tempo e desviava Paris de pensamentos que eu achava pelo menos mais urgentes. Por isso protestei com a minha abstenção. Dessa vez, eu não pude recusar de vir à última prova, mas vim com a firme resolução de não crer que seria provado.

A Senhora de Girardin e um de seus assistentes, o que quis, puseram suas mãos sobre a pequena mesa. Durante quinze minutos, nada, mas nós tínhamos prometido ser pacientes; cinco minutos depois, ouvimos um leve estalido na madeira; podia ser o efeito de uma pressão involuntária de mãos fatigadas; mas logo o estalido se repetiu, e depois foi uma espécie de tremor elétrico, depois uma agitação febril. De repente uma das garras do pé se eleva. A Senhora de Girardin diz:

- Há alguém aí? Se houver alguém que queira nos falar, que dê uma batida. A garra do pé cai com um barulho seco.

- Há alguém! Exclama a senhora de Girardin: fazei vossas perguntas.

Fizemos perguntas, e a mesa respondeu. A resposta era breve, uma ou duas palavras pelo menos, hesitantes, indecisas, algumas vezes ininteligíveis. Éramos nós que não as compreendíamos? O modo de tradução das repostas prestava-se a erro, eis aqui como procedíamos: nós denominávamos uma letra do alfabeto, a, b, c, etc., a cada golpe de pé da mesa, quando a mesa parava, nós marcávamos a última letra escolhida. Mas todas as vezes a mesa não parava nitidamente sobre uma letra; nós nos enganávamos, notávamos a precedente ou a seguinte, a inexperiência se misturando, e a senhora de Girardin intervindo o menos possível para

que o resultado fosse menos suspeito, tudo estava confuso. Em Paris, a senhora de Girardin empregava, nos tinha dito ela, um procedimento mais seguro e mais expedito; ela tinha feito uma mesa de propósito com um alfabeto na posição dos ponteiros de um relógio e uma agulha que designava por si mesma a letra. Malgrado a imperfeição do meio, a mesa, entre respostas, problemas, fez alguns que me impressionaram”. Eu não era ainda uma testemunha, foi preciso ser participante em minha vez; eu estava tão pouco convencido, que tratei o milagre como um asno sábio a quem fazemos adivinhar a moça mais sábia da sociedade” eu disse à mesa: Adivinhe a palavra que eu penso. Para acompanhar a resposta mais de perto, eu me coloquei eu mesmo junto à mesa com a senhora de Girardin. A mesa disse uma palavra: era o meu. Minha resistência não foi afetada. Eu me disse que o acaso pôde soprar a palavra à Senhora de Girardin, e a Senhora de Girardin a soprou à mesa; aconteceu comigo mesmo, no baile da Ópera, dizer a uma mulher em um dominó que eu a conhecia e, como ela perguntasse seu nome de batismo, de dizer ao acaso um nome que achei o verdadeiro; sem mesmo invocar o acaso, eu tinha bem podido, na passagem das letras da palavra, ter, malgrado, nos olhos ou nos dedos uma emoção que os tinha denunciado. Recomecei a prova; mas, para estar certo de não trair a passagem das letras nem por uma pressão maquinal nem por um olhar involuntário. A mesa: “Tu queres dizer, sofrimento.” Eu pensava amor.

Não fui ainda persuadido. Supondo que nós ajudávamos a mesa, o sofrimento é tanto o fundo de tudo, quanto a tradução podia se aplicar não importa qual palavra que eu teria pensado. Sofrimento teria traduzido grandeza, maternidade, poesia, patriotismo, etc., tanto quanto amor. Eu podia por isso ser enganado, na única condição que a Senhora de Girardin, tão séria, tão generosa, tão amiga, moribunda, tivesse passado o mar mistificador dos proscritos. Bem impossíveis eram críveis diante disso; mas eu estava determinado a duvidar até à injúria. Outros interrogaram a mesa e a fizeram adivinhar seu pensamento ou incidentes conhecidos somente deles; subitamente, ela pareceu se impacientar dessas perguntas pueris; ela se recusou a responder, e, entretanto, ela continuou a se agitar como se ela tivesse alguma coisa a dizer. Seu movimento tornou-se brusco e voluntário como uma ordem. É sempre o mesmo espírito que está aí? Perguntou a Senhora de Girardin. A mesa bateu duas vezes, o que, na

linguagem convencional, significava não. Quem és tu? A mesa respondeu o nome de uma morta, quando viva com todos aqueles que estavam ali.

Aqui, a desconfiança renunciava; ninguém teria tido o coração nem a fronte de fazer diante de nós fechar os olhos nessa queda. Uma mistificação era bem difícil de se admitir nesse momento, menos ainda uma infâmia! A suposição seria desprezada por si mesma. O irmão questionou à irmã que saiu da morte para consolar o exilado; a mãe chorava; uma inexprimível emoção envolvia todos os corações, eu sentia distintamente a presença daquela que tinha arrancado pela forte rajada de vento. Onde estava ela? Ela nos amava sempre? Era feliz? Ela respondeu a todas as perguntas, ou respondia que lhe era proibido responder. A noite se estendia, e nós ficávamos ali, a alma pregada na invisível aparição. Enfim, ela nos diz: Adeus! E a mesa não se mexeu mais.

O dia se levantava, eu subi para meu quarto e, antes de me deitar, escrevi o que acabava de se passar, como se essas coisas pudessem ser esquecidas! No dia seguinte, a Senhora de Girardin não precisou mais me solicitar, fui eu que levei a mesa. A noite ainda se passou. A Senhora de Girardin estava partindo de dia, eu a acompanhei ao navio, e quando as amarras foram soltas, ela me gritou: Adeus! Eu não a revi. Mas eu a veria de novo.

Ela voltou à França desfrutar seu resto de vida terrestre. Há alguns anos, seu salão estava bem diferente do que tinha sido. Seus verdadeiros amigos não estavam mais aí. Uns estavam fora da França, como Victor Hugo, os outros mais longe, como Balzac, os outros mais longe, como Lamartine. Ela tinha ainda todos os duques e todos os embaixadores que ela queria, mas a revolução de fevereiro não tinha lhe tirado toda sua fé na importância dos títulos das funções e os príncipes não a consolavam seus escritores. Ela substituíra melhor os ausentes permanecendo sozinha, com um ou dois amigos de sua mesa. Os mortos acorriam à sua evocação; ela tinha assim noites que valiam mais do que suas melhores de outrora e onde os gênios foram complementados pelos espíritos. Seus convidados que mantinha eram Sedaine, a Senhora de Sévigné, Sapho, Molière, Shakespeare. Foi entre eles que ela morreu. Ela partiu sem resistência e sem tristeza, a visão da morte lhe tinha tirado toda inquietude. Coisa chocante, que, para amenizar essa nobre mulher a rude passagem, esses grandes mortos vieram buscá-la! A partida da Senhora de Girardin não diminuiu meu elã pelas mesas. Eu corri loucamente para essa grande curiosidade da morte entreaberta.

Eu não esperava mais a noite, desde o meio-dia, eu começava, e terminava só de manhã, eu interrompia no máximo para o jantar. Pessoalmente, eu não tinha nenhuma ação sobre a mesa, e não a tocava, mas eu interrogava. O modo de comunicação era sempre o mesmo; eu estava satisfeito com isso. A Senhora de Girardin me enviara de Paris duas mesas: uma pequena em cujo pé se encontrava um lápis que devia escrever e desenhar; ela ensaiou uma ou duas vezes, desenhou mediocramente e escreveu mal; a outra era maior; estava essa mesa com um mostrador como o de um relógio com alfabeto no qual uma agulha marcava as letras; ela foi rejeitada após uma tentativa que não deu certo, e eu me mantive definitivamente no procedimento primitivo, simplificado pelo hábito e por algumas abreviações convencionadas, tive logo a rapidez desejável. Eu conversava correntemente com a mesa; o barulho do mar se misturava a esses diálogos, cujo mistério aumentava no inverno, com a noite, com a tempestade, com o isolamento. Não eram mais palavras que respondia a mesa, mas frases e páginas. Ela era, na maioria das vezes séria e magistral, mal? Por momentos, espiritual, e mesmo cômica. Ela tinha acesso de cólera; fui insultado mais de uma vez por lhe ter falado com irreverência, confesso que não ficava tranquilo enquanto não obter meu perdão. Ela tinha exigências; ela escolhia seu interlocutor, e queria ser interrogada em verso, e nós obedecíamos, e então ela respondia mesma em verso. Todas as conversações foram coletadas, não mais na saída da sessão, mas sobre lugar e sob o ditado da mesa; elas serão publicadas um dia, e proporemos um problema imperioso a todas as inteligências ávidas de novas verdades.

Se me pedissem minha solução, eu hesitaria. Eu não teria hesitado em Jersey, teria afirmado a presença dos espíritos. Não é a paisagem de Paris que me retém; eu sei, todo o respeito que se deve à opinião da Paris atual, dessa Paris tão sensível, tão prática e tão positiva que não crê, ela, senão na roupa das dançarinas e no carnê dos corretores. Mas seu dar de ombros não me fará baixar a voz. Eu me sinto mesmo feliz de lhe ter que dizer que, quanto à existência do que chamamos espíritos, eu não tenho dúvida; eu jamais tive a presunção racial que decreta que a escala dos seres se detém no homem, estou convicto de que temos pelo menos tantos degraus sobre a frente quanto sob os pés, e creio firmemente tanto nos espíritos quanto nos onagros. Admitida sua existência, sua intervenção não é mais que um detalhe; por que não poderiam eles se comunicarem com o homem por um

meio qualquer, e por que esse meio não seria uma mesa? Seres imateriais não podem fazer mover a matéria; mas quem vos diz que sejam seres imateriais? Eles podem ter também um corpo, mais sutil que o nosso e inacessível ao nosso olhar como a luz o é ao nosso toque. É plausível que entre o estado humano e o estado imaterial, se existe, há transições. A morte sucede ao ser vivo como o homem ao animal.

O animal é um homem com menos alma, o homem é um animal em equilíbrio, a morte é um homem com menos matéria, mas alguma coisa sobra nele. Eu não tenho por isso objeção contra a realidade do fenômeno das mesas.

Mas nove anos se passaram, eu interrompi, após algum mês, minha conversação cotidiana por causa de um amigo cuja razão mal sólida não resistiu a esses sopros do desconhecido. Eu não reli desde então os cadernos onde dormem as palavras que me transtornavam profundamente. Eu não estou mais em Jersey, sobre o rochedo perdido nas ondas, onde expatriado, arrancado do solo, fora da existência, morto vivo eu mesmo, a vida das mortes não me entusiasma em encontrar. A certeza é tão pouco natural ao homem que duvidam mesmo das coisas que viram com seus olhos e tocaram com suas mãos. Eu sempre achei São Tomé bem crédulo.

II

Carta do Sr. Cromwell Fleetwood Varley ao Sr. John Tindall, membro da Sociedade Real de Londres, etc.

Fleetwood-House, Beckenham, 19 de maio de 1888,

Muito honrado Senhor,

O Sr. Wallace me enviou a carta que vós lhe endereçaste no dia 7 corrente. Segundo vosso desejo, eu me esforçarei de vos descrever resumidamente os “fenômenos físicos” que reconheci nas duas ocasiões, em presença do Sr. Home, assim como as precauções que tomei para evitar toda fraude. A fim de facilitar minha exposição, permiti dar testemunho das manifestações físicas, mas quanto aos fenômenos psíquicos, de uma ordem mais elevada, que fornecessem provas bem superiores, eu os tinha observado mais de cem vezes, na Inglaterra e na América.

Vós me perguntareis sem dúvida por que eu não publiquei isso mais cedo; a resposta é simples. Vós mesmos sabeis bem, de que maneira são recebidas nesse mundo de discórdia todas as descobertas novas. Eu fui forçado, quando me permitiram as ocasiões, minha saúde e meus negócios, a pesquisar a natureza da força que produziu esses fenômenos mas até o presente eu não pude descobrir a fonte de onde emana essa força física, isto é, dos sistemas vitais dos assistentes e sobretudo do médium. A parte do sujet em questão não é, por consequência, para a publicidade. Quanto às manifestações propriamente ditas, existe acima de numerosos relatórios, e entre esses alguns cuja exatidão é garantida, tanto em nosso século como no século passado.

Nós não fazíamos senão estudar o que já tinha sido objeto de pesquisas dos filósofos, há dois mil anos e se uma pessoa bem versada no conhecimento do grego e do latim, que tivesse tido ao mesmo tempo ao corrente do caráter do fenômeno que são produzidos em tão grande número desde o ano de 1848, se tal homem, digo eu, quisesse traduzir rigorosamente os escritos desses grandes homens, o mundo aprenderia logo que tudo o que tem lugar agora não é senão a nova edição de um velho lado da história, estudado por mentes ousadas, em um grau que levaria bem alto o crédito desses velhos sábios, tão clarividentes, porque eles se elevaram acima dos preconceitos estreitos de seu século, e parecem ter estudado o assunto em questão nas proporções que, sob várias relações, ultrapassam de muito nossos conhecimentos atuais. Eu sou, Senhor etc.

Cromwell, F. Varley

III

Carta do Sr. Alfred Russell Wallace, ao editor do Times

Senhor,

Já que fui designado por vários de vossos correspondentes como um dos homens de ciência que creem no Espiritualismo, talvez me permitais de estabelecer resumidamente sobre que quantidade de provas minha crença está fundada. Eu comecei minhas pesquisas há cerca de oito anos, e considero como uma circunstância feliz para mim, que os fenômenos maravilhosos eram nessa época menos comuns e menos acessíveis como não são hoje, porque isso me conduziu a experimentar sobre uma grande escala, em minha própria casa e em sociedade de amigos em que eu podia ter plena confiança; eu tive assim a satisfação pessoal de demonstrar, com a ajuda de uma grande variedade de provas rigorosas, a existência de ruídos e de movimentos que não podem se explicar por nenhuma causa física conhecida ou concebível.

Assim familiarizado com esses fenômenos cuja realidade não deixa nenhuma dúvida pude compará-los com as mais poderosas manifestações de vários médiuns de profissão, e pude reconhecer uma identidade de causa entre uns e outros, em razão de semelhanças pouco numerosas, mas muito características. Foi igualmente possível obter, graças a uma paciente observação, provas certas da realidade de alguns dos problemas mais curiosos, provas que me pareceram então e me parecem ainda hoje praticamente concludentes.

Os detalhes dessas experiências exigiram um volume, mas talvez me serão permitido descrever um resumo conforme notas tomadas no mesmo momento, a fim de mostrar, por um exemplo, como nós nos podemos colocar ao abrigo de fraudes das quais um observador paciente é muitas vezes vítima sem o saber.

Uma senhora que jamais tinha visto nenhum desses fenômenos nos rogou, a minha irmã e a mim, para acompanhá-la à casa de um médium de profissão bem conhecido; nós fomos e tivemos uma sessão particular, em plena luz, em um dia de verão. Após um grande número de movimentos e de golpes batidos como de hábito, nossa amiga perguntou se o nome da pessoa defunta com a qual ela desejava entrar em comunicação podia ser soletrado. A resposta tendo sido afirmativa, essa senhora apontou sucessivamente as letras de um alfabeto impresso, enquanto eu anotava as que correspondiam as três batidas afirmativas. Nem minha irmã nem eu conhecíamos o nome que nossa amiga desejava saber, e ignorávamos igualmente os nomes de seus parentes defuntos; seu próprio não tinha sido pronunciado, e ela jamais tinha visto o médium antes. O que vem a seguir é o relatório exato do que aconteceu; eu tinha somente alterado o nome de família, que não é muito comum, não tendo a autorização de publicá-lo. As letras que eu anotei foram: Y. R. N. E. H. O. S. P. M. O. H. T. Desde que as três primeiras letras Y. R. N. foram anotadas, minha amiga disse: Não tem sentido; seria melhor recomeçar. Justo nesse momento, seu lápis estava sobre a letra E, e golpes foram batidos; uma ideia me veio então (antes li um fato parecido sem ter sido jamais testemunha), e digo: Continuai, eu vos rogo, eu creio adivinhar o que isso quer dizer. Quando minha amiga terminou de soletrar, eu lhe apresentei o papel, mas ela não via aí nenhum sentido; operei uma divisão após a primeira letra H, e roguei à senhora que lesse cada porção ao inverso. Quando apareceu, ao seu grande espanto, o nome corretamente escrito de “Henry Thomson,” seu filho, falecido, sobre o qual ela desejava ser informada.

Justamente nessa época, eu tinha ouvido falar à saciedade (ad nauseam) da direção maravilhosa dos médiuns para facilitar as letras do nome esperado pelos visitantes enganados, malgrado todo o cuidado que tomavam para passar o lápis sobre as letras com uma regularidade perfeita. Essa experiência (da qual eu garanti a exata descrição feita na narração precedente) era e é, na minha opinião, a refutação completa de todas as explicações apresentadas até aqui ao assunto dos meios empregados para indicar por golpes os nomes de pessoas falecidas.

Sem dúvida, eu não espero que as pessoas céticas, que se ocupam ou não da ciência, aceitem tais fatos os quais eu poderia, aliás, citar um grande número, de acordo com minha própria experiência; mas eles não devem

mais, de seu lado, esperar o que eu ou milhares de homens inteligentes, a quem provas tão irrecusáveis foram dadas, nós adotamos seu modo de explicação curto e fácil. Se eu não vos roubar uma parte tão grande de vossos preciosos instantes, eu vos farei ainda algumas observações sobre a ideia falsa que fazem um grande número de homens de ciência, quanto à natureza dessa pesquisa, e eu tomaria por exemplo as cartas de vosso correspondente o Sr. Dircks. Em primeiro lugar, ele parece considerar como um argumento contra a realidade dessas manifestações a impossibilidade em que não encontram de os produzir e de mostrá-los à vontade; um outro argumento contra os fatos é tirado de que eles não podem ser explicados por nenhuma lei conhecida. Mas nem a catalepsia, nem a queda das pedras meteóricas, nem a hidrofobia podem ser produzidas; entretanto são fatos. O primeiro foi às vezes simulado, o segundo foi outrora negado, e os sintomas do terceiro foi muitas vezes exagerados; também nenhum dentre esses fatos não é ainda admitido definitivamente no domínio da ciência, e no entanto ninguém se servirá desse argumento para recusar de se ocupar dele.

Além disso, eu não esperaria a que um homem de ciência pudesse motivar sua recusa de examinar o Espiritualismo, sobre o que ele se acha em oposição com todas as leis naturais conhecidas, especialmente a lei da gravidade, e em contradição aberta com a química, a fisiologia humana e a mecânica enquanto os fatos são simplesmente só fenômenos (Se eles são reais) dependendo de uma ou várias causas, capazes de dominar ou de contrariar a ação dessas diferentes forças, exatamente porque essas últimas contra-atacam ou dominam outras forças. Entretanto, isso deveria ser forte estimulante para engajar um homem de ciência a examinar o assunto.

Eu mesmo não pretendo a título de verdadeiro homem de ciência; no entanto, há vários nesse assunto que merecem esse nome, e que não foram de modo algum mencionados por vossos correspondentes como eram ao mesmo tempo Espiritualistas.

Eu considero como tais: o defunto Dr. Robert Chambers; o Dr. Elliotson; o professor William Gregory, de Edimburgo, e o professor Hare, de Filadélfia, todos infelizmente falecidos; assim como o Dr. Guilly, de Malvern, sábio médico, e o juiz Edmond, um dos melhores jurisconsultos da América⁴⁴, que fez nesse assunto as mais amplas pesquisas. Todos esses homens, não

somente estavam convictos da realidade dos fatos mais maravilhosos; mas além do mais, eles aceitavam a teoria do Espiritualismo moderno, como único capaz de englobar todos os fatos e de dar conta. Eu conheci também um fisiologista vivo, colocado em uma posição elevada, que é ao mesmo tempo um investigador original e firme crente.

⁴⁴ *O juiz Edmond faleceu desde a publicação dessa carta.*

Para concluir, eu posso dizer que, embora eu tenha ouvido um grande número de discussões de impostura, eu mesmo jamais descobri, e embora a maior parte dos fenômenos mais extraordinários se são imposturas, não podem ser produzidos senão por máquinas ou aparelhos engenhosos, nada foi descoberto. Eu não creio exagerar dizendo que os principais fatos são agora tão bem estabelecidos e tão fáceis de verificar que todo outro fenômeno excepcional da natureza, do qual ainda não descobriram a lei.

Os fatos são de uma grande importância para a interpretação da história que abunda em narrações de fatos semelhantes, assim como para o estudo do princípio da vida e da inteligência sobre a qual as ciências físicas lançam uma luz tão fraca e tão incerta. Eu creio firmemente e com convicção que cada ramo da filosofia deve sofrer até que ele seja honesta e escrupulosamente examinado, e tratado como constituindo uma parte essencial dos fenômenos da natureza humana.

Sou, Senhor, vosso muito obediente,

Alfred Russell Wallace

IV

Pesquisas sobre os fenômenos do espiritualismo por William Crookes

Anotações de William Crookes, sobre o resultado de suas pesquisas experimentais relativas à força física e aos fenômenos do espiritualismo⁴⁵. Os fenômenos que acabo de atestar são extraordinários; eles são opostos aos artigos de crenças científicas mas acreditadas (entre outras a ubiquidade e ação invariável de lei de gravitação) que, mesmo me lembrando os detalhes do que atesto, em minha mente há uma luta entre minha razão, que pronuncia que é cientificamente impossível, e minha consciência que me diz: que meus sentidos, minha visão e meu toque (de acordo como eram com os sentidos das pessoas presentes) não são de modo algum testemunho mentiroso, mesmo quando eles protestam contra meus preconceitos.

⁴⁵ *Ver para mais detalhes o livro intitulado: Pesquisas sobre os fenômenos de espiritualismo, por William Crookes, membro da sociedade real de Londres, traduzido do inglês, por Alidas. Paris, livraria de ciências psicológicas, rua Neuves-des-Petits-Champs, nº 5, Paris.*

Supor que uma espécie de loucura aconteça, de repente, marcar uma grande reunião de pessoas inteligentes, que concordam até nos menores detalhes do fato do qual elas são as testemunhas, parece ainda muito mais inadmissível que o fato que elas atestam; e depois, o assunto é muito mais difícil e mais vasto como não parece no primeiro momento. Há quatro anos, eu resolvi consagrar um ou dois meses ao estudo de certos fenômenos dos quais eu tinha ouvido muito falar, e que podiam sustentar um exame sério. Cheguei bem cedo a conclusão de tudo examinar imparcialmente: “Aí, existe alguma coisa.” Eu não podia, em minha qualidade de estudante das

leis da natureza, não continuar minhas pesquisas, embora não sabendo aonde elas podiam me conduzir; os meses que eu devia me consagrar a isso tornaram-se alguns anos, e se meu tempo me pertencia completamente, é provável que durariam ainda.... Eu vou agora fazer a classificação dos fenômenos dos quais fui testemunha, procedendo dos mais simples aos mais complicados, e dando, em cada capítulo, um esboço dos fatos que me preparo a desenvolver em um volume onde darei os detalhes, todos controles que adotei, todas as precauções que tomei, os nomes das testemunhas, etc., etc. Meus leitores não devem se esquecer que, à exceção de alguns fatos já mencionados, todas as manifestações tiveram lugar em minha própria casa, à luz e em presença de alguns de meus amigos e do médium.

1ª Classe. Movimentos de corpos pesados com contato, mas sem interrupção mecânica. É uma das formas mais simples observadas, nesses fenômenos. Ela varia em degraus desde o tremor ou a vibração do quarto e do que ela contém no levantamento completo no ar de um corpo pesado até quando a mão é colocada em cima.

2ª Classe. Fenômenos de percussão e conjunto de sons. O nome popular de Golpe batido dá uma impressão dessa classe de fenômenos. Diferentes vezes, durante minhas experiências, eu ouvi golpes tão delicados, que pareciam ser batidos com a ponta de um alfinete, uma cascata de sons agudos, como se uma barafunda se elevasse de repente, detonações no ar, ruídos metálicos muito agudos, estalidos como os que produz uma máquina de fricção quando ela está em movimento, sons como roçar, espécies de alvoroço de pássaros zombadores, etc.

Eu ouvi sons produzidos dessa maneira; em uma árvore viva, em um pedaço de vidro, em um fio de ferro tensionado, em um tamborim, no interior de um carro, no chão de madeira de um teatro. Mesmo o contato não é sempre necessário para a produção desses barulhos, eu os ouvi saindo do assoalho, das paredes, etc., etc. Quando as mãos e os pés do médium estavam presos; quando ele estava sentado sobre uma cadeira sem fazer nenhum movimento; quando ele estava em um balanço suspenso no teto; quando ele estava em uma gaiola; quando ele estava estendido e em catalepsia sobre um canapé; enfim, eu os ouvi em harmonia, eu os senti saindo de meu ombro, de minha mão, etc. Eu os percebi em uma folha de

papel tênue entre os dedos por uma ponta de fio passado em um canto da folha. Com o perfeito conhecimento de numerosas teorias que foram feitas, particularmente na América, para explicar esses sons, eu já os tinha provado, controlado, examinado até o que não havia mais dúvida possível sobre sua identidade e até que seja impossível admitir a intervenção de nenhum artifício ou meios mecânicos.

Uma questão importante se apresenta aqui, dela mesmo. Esses sons e esses movimentos são governados por uma certa inteligência? Eu observei, desde o começo de minhas pesquisas, que o poder que produz os sons não é de modo algum uma força cega, mas associada, ou melhor, governada pela inteligência; assim, os sons que eu acabo de falar foram repetido um certo número de vezes determinado, tornaram-se fortes ou fracos, são produzidos em diferentes lugares, seguindo as perguntas que lhes foram feitas. E, por meio de certos sinais definidos adredemente, questões, repostas e mensagens foram dadas com mais ou menos exatidão. A inteligência governante desses fenômenos está na maioria das vezes em oposição aos desejos do médium, quando uma determinação, foi expressa de fazer alguma coisa que não pode ser considerada razoável; eu vi várias mensagens dadas para não fazer as coisas. Essa inteligência toma algumas vezes um caráter tal, que é impossível não ver que ela não poderia emanar de nenhuma das pessoas presentes.

3ª Classe. Alteração do peso dos corpos. Já descrevi em um jornal as experiências que fiz nesse assunto sob formas diferentes e com diferentes médiuns. Não insistirei por isso de modo algum sobre esse ponto⁴⁶.

⁴⁶ Ver a *Revista Espírita de 1872*, página 215 e *Pesquisas sobre os fenômenos do espiritualismo*.

4ª Classe. Movimento de substâncias pesadas, a uma certa distância do médium. Os fenômenos em que corpos pesados, tais como mesas, cadeiras, canapés, foram movidos quando o médium não os tocava, são muito numerosos; mencionarei resumidamente alguns dos mais chocantes. Minha própria cadeira foi treinada para fazer uma espécie de círculo, meus pés não se apoiavam sobre o piso; todas as pessoas presentes a uma sessão viram comigo uma cadeira vir desde o canto bastante distante do apartamento onde nós estávamos até a mesa; em uma outra circunstância,

ela se aproximou até o lugar onde estávamos e, a meu pedido, retornou lentamente a seu lugar.

5ª Classe. As mesas e as cadeiras levantadas da terra sem o contato de nenhuma pessoa. Em cinco ocasiões distintas, uma mesa de sala de jantar muito pesada se elevou a um pé e meio do solo, em condições que tornariam toda fraude impossível; uma outra vez, uma mesa muito pesada se levantou do solo, em plena luz, enquanto eu mantinha as mãos e os pés do médium, etc. Uma outra vez, ainda, a mesa se elevou do solo, não somente sem que ninguém a tenha tocada, mas em condições que tornavam toda espécie de dúvida impossível.

6ª Classe. Levantamento de corpos humanos. Eu vi uma vez uma cadeira, sobre a qual uma senhora estava sentada, se levantar a várias polegadas do solo; em uma outra ocasião, para evitar qualquer suspeita, essa senhora se ajoelhou sobre a cadeira, de modo que seus quatro pés ficassem completamente visíveis; então a cadeira se elevou a cerca de três polegadas, permaneceu suspensa por volta de dez segundos e desceu lentamente. Uma outra vez, em pleno dia, duas crianças, se elevaram do solo com suas cadeiras sob as condições, para mim, as mais satisfatórias, pois eu estava ajoelhado, observando com a maior atenção os pés da cadeira, observando que ninguém pudesse tocá-la. Os casos de levantamento mais impressionantes que me foi dado ver foi o do Sr. Home em presença de uma grande quantidade de pessoas, e eu ouvi atestar por testemunhas irrecusáveis (o conde de Dunraven, lorde Lindsay e o capitão C. Wynne, que me contou os menores detalhes manifestações das quais foram testemunhas). Rejeitar a evidência desses fenômenos seria rejeitar todo testemunho humano, qualquer que fosse, pois nenhum fato, seja na história sagrada, seja na história profana, não foi confirmado por uma quantidade maior de provas.

7ª Classe. Movimento de diversos corpos de pequeno volume sem o contato de nenhuma pessoa. Sob esse título, eu me proponho a descrever alguns fenômenos especiais dos quais fui testemunha. Eu farei alusão somente a alguns dos fatos, que, eu me lembro perfeitamente, todos tiveram lugar em condições que tornavam toda fraude impossível. Seria verdadeiramente insensato atribuir esses resultados à astúcia, pois eu

relembraria ainda a meus leitores que o que eu relato não aconteceu na casa de um médium, mas em minha própria casa, onde toda espécie de preparação era completamente impossível. Um médium andando em minha sala de jantar não pode, enquanto eu os assistentes, sentados na outra extremidade do quarto, o supervisionávamos com a maior atenção, fazer tocar, com a ajuda de um meio qualquer, um acordeão que eu mesmo mantinha, os toques invertidos, ou fazer flutuar por assim dizer o mesmo acordeão todo em torno do quarto e tocando o tempo todo; ele não pode mais levantar as cortinas das janelas, elevar as persianas até oito pés de altura; fazer um nó em um lenço e colocá-lo em um canto longe do apartamento; tocar notas em um piano distante; fazer flutuar em torno do apartamento um carteira de documentos; elevar uma garrafa e um copo de cima da mesa; fazer mover um leque e abanar toda a sociedade; parar o movimento de um pêndulo fechado cuidadosamente em uma vitrine fixada na parede, etc.

8ª Classe. Aparições luminosas. Esses fenômenos sendo bastante fracos, demandam que geralmente o quarto esteja na obscuridade; tenho necessidade de certificar a meus leitores que todas as precauções mais restritas tinham sido tomadas, por mim, para impedir que não se pudesse atribuir os clarões ao óleo fosforescente ou a outros meios? Além do mais, devo acrescentar que tentei muitas vezes imitar essas luzes e que nada obtive.

9ª Classe. Aparições mãos luminosas por elas mesmas ou visíveis com a ajuda da luz. Toques dados por mãos invisíveis são frequentemente sentidas em sessões feitas na obscuridade; mas bem mais raramente eu vi as mãos; não falarei, entretanto, aqui, como casos em que eu as vi com a luz. Uma encantadora mão se elevou de uma mesa da sala de jantar e me deu uma flor; essa mão apareceu e desapareceu três vezes, me dando a facilidade de me convencer que ela era, tão real quanto a minha. Isso teve lugar com a luz, em meu próprio quarto, enquanto eu segurava os pés e as mãos do médium. Uma outra vez, uma pequena mão e um pequeno braço, que pareciam pertencer a uma criança, apareceram brincando sobre uma senhora que estava sentada perto de mim; depois, em seguida, vieram bater no meu braço e tirar minha vestimenta em várias tentativas.

Uma outra vez, um dedo e um polegar foram percebidos desfolhando uma flor que o Sr. Home trazia na lapela e pondo cada pétala em frente de várias pessoas que estavam sentadas próximo dele. Uma mão foi várias vezes vista, por mim e outras pessoas, tocando o acordeão. Durante esse tempo, as mãos do médium estavam tênues pelas pessoas sentadas perto dele. As mãos e os dedos não me pareceram sólidos e animados. Algumas vezes, verdadeiramente, relembravam melhor uma aparência nebulosa, condensada em parte, de modo a tomar a forma de uma mão. Esses fenômenos não são sempre igualmente visíveis para todas as pessoas presentes. Por exemplo: vemos uma flor ou um outro pequeno objeto se mover; uma pessoa presente verá uma nuvem luminosa esvoaçar acima; uma outra perceberá uma mão fluídica, enquanto as outras não verão senão o movimento da flor.

Eu vi mais de uma vez, primeiro mexer um objeto, depois uma forma de nuvem aparecer, e enfim a nuvem se condensar de modo a representar uma mão perfeitamente formada. Nesse caso, a mão é visível por todas as pessoas presentes. Não é sempre uma simples forma, mas algumas vezes a aparição de uma mão perfeitamente animada e graciosa; os dedos se movem e a cadeira parece ser tão humana como a de todas as pessoas presentes. No pulso ou braço, isso se torna nebuloso e se confunde em uma espécie de nuvem luminosa. Por vezes essas mãos me pareceram frias como geladas e mortas; outras vezes, quentes e vivas, segurando com a pressão calorenta de um velho amigo. Uma vez, eu retive uma dessas mãos, resoluto a não deixar escapar de modo algum. A mão não fez nenhum esforço para se soltar, mas eu senti que ela se reduzia em vapor e se desligava de meu abraço.

10ª Classe. Escrita direta. Essa denominação é empregada para designar uma escrita que não é produzida por nenhuma das pessoas presentes. Eu tive muitas vezes palavras escritas sobre papel timbrado com meu lacre, sob o mais estrito controle possível, e ouvi o lápis se mexer na obscuridade.

O caso, graças às precauções que eu tinha tomado para me assegurar de sua identidade, me convenceram tão bem que eu vi a escrita se formar, mas o espaço não me permite entrar em todos os detalhes, eu me limitarei por isso a mencionar duas circunstâncias nas quais meus olhos tanto quanto meus ouvidos foram as testemunhas da operação.

A primeira das operações aconteceu, na verdade, em uma sessão obscura, mas o resultado não foi menos satisfatório; eu estava sentado perto do médium, a srta. Fox; as únicas pessoas presentes eram uma mulher e uma senhora de nossos conhecimentos. Eu mantinha as duas mãos do médium em uma das minhas, enquanto seus pés eram postos sobre os meus. O papel estava sobre a mesa, diante de nós, e minha mão não ocupada mantinha um lápis.

Uma mão luminosa desceu do lugar mais elevado do quarto, e após ter planado alguns segundos acima de mim, tomou o lápis de minha mão, escreveu rapidamente sobre uma folha de papel, rejeitou o lápis e se elevou acima de nossas cabeças e esvanecendo gradualmente....

11ª Classe. Fantasmas, formas, figuras. São os casos mais raros. A condições necessárias para essas aparições são tão delicadas, que a menor das coisas impede essa ordem de manifestações. Mencionarei simplesmente dois casos. No fim do dia, durante uma sessão do Sr. Home em sua residência, as cortinas de uma janela situada a pouco de oito pés longe do Sr. Home, se agitaram; depois uma forma de homem, primeiro obscura, em seguida um pouco clara, depois enfim semitransparente, foi vista por todos os assistentes, agitando, as cortinas com sua mão. Enquanto nós observávamos, essa forma se desfez, e as cortinas cessaram de se mover. O fato seguinte é ainda mais extraordinário: como no primeiro caso, o Sr. Home era o médium, a forma de um fantasma veio de um canto do quarto, tomou o acordeão e deslizou no apartamento tocando o instrumento; todas as pessoas presentes viram essa forma durante vários minutos. Vindo a se aproximar muito perto de uma senhora que estava sentada um pouco mais longe que os outros assistentes, o fantasma se esvaneceu após um grito dessa senhora. Durante esse tempo o Sr. Home estava também perfeitamente visível.

12ª Classe. Diferentes casos provando a intervenção de uma inteligência exterior. Foi já demonstrado que os fenômenos são governados por uma inteligência. A questão, agora, é de saber qual é a fonte dessa inteligência: É a inteligência do médium ou a de outra pessoa presente? Ou, é uma inteligência exterior?

Sem falar positivamente sobre esse ponto, posso dizer que, durante minhas observações, várias circunstâncias pareciam mostrar que a vontade

e a inteligência do médium contribuía muito com o fenômeno; eu observei que certos casos provam, de uma maneira concludente, a intervenção de uma inteligência exterior, não podendo pertencer a nenhuma das pessoas presentes...

Conclusão

O silêncio não é mais apropriado diante de uma doutrina que conta seus adeptos por milhões e se encontra já espalhado sobre toda a superfície da terra. O desdém não poderá se justificar no lugar de uma crença que é afinal de contas, mais antiga, mais natural e mais razoável que nenhum dos dogmas que constituem as religiões que existiram ou existem ainda no mundo, incluindo o cristianismo. Aliás, o silêncio e o desdém não poderão se justificar com respeito ao espiritismo em uma época que o horror da metafísica só vê fatos sensíveis, enquanto o espiritismo, se apresenta com massas de fatos e permite transportar, sobre o terreno da experiência, noções que não pertenceram até aqui à pura ideia e ao misticismo religioso. Enfim, não acreditamos mais na palavra dos padres, mas temos confiança na dos sábios.

Mesmo que o testemunho de homens de ciência, quando se trata de fatos que afetam os sentidos, não vale mais que o testemunho de todas pessoas de bom senso e de boa fé, é certo que é das ciências que exigem a parte dos que os fazem com sucesso, um rigor de observação e de método que não encontramos no mesmo grau entre o vulgo. Tais são os diversos ramos da física e da química, da fisiologia e da história natural. São testemunhos desse gênero que nós temos evocado na discussão que precede e nos documentos que temos tomado sob os olhos do leitor.

Após as declarações de sábios como Zollner, G. Weber, Th. Fechner na Alemanha, W. Crookes, A. R. Wallace, C.F. Varley na Inglaterra, é impossível aos mais incrédulos negar a realidade dos fatos de natureza psíquica. Entretanto, se esses fatos são reais, as relações da física e da moral serão compreendidas de outro modo diferente do que pelo passado. É tudo uma revolução científica e filosófica; isto é, alguma coisa importante diferente de uma revolução política e de um alcance mais estendido, pois que ela interessa à humanidade inteira no conjunto das relações. Trata-se para o mundo-físico, da descoberta de uma força desconhecida até aqui e não

utilizada ainda porque ignoramos as leis e para o mundo moral da solução do maior problema que se tem de todo tempo na mente humana; o da vida futura. É por que os sábios que não se deram ao trabalho de examinar os fatos, enquanto os fatos se apresentam como todos os outros fenômenos servindo de base às ciências naturais, esses sábios não fazem o seu dever

Podemos dizer tanto dos filósofos que negam a priori os fenômenos e não querem levar em conta porque eles veem desarranjar suas teorias materialistas e espiritualistas, e perturbar sua quietude intelectual. Nem os primeiros merecem ser saudados com o nome de sábios, nem os segundos, de ser honrados com o título de filósofos. O verdadeiro sábio é aquele que, conhecendo, os limites e as incertezas de seu saber, pelo menos assim diz: que a ciência não marcha senão se retificando sem cessar. O filósofo é esse homem honesto que busca a verdade em todas as coisas e prefere a verdade mesmo em seu lugar, a seu amor-próprio, à sua vida, à sua fortuna.

Quanto aos escritores, mais ou menos recheados de ciência e menos arranhados de filosofia que acham que isso é indiferente para o homem e para a sociedade que o campo da ciência se alargasse, que a psicologia adquira bases positivas e que a moral se ache na segurança de uma vida futura de ação e uma sanção efetiva, que podemos pedir a eles para serem educados e se mostrar fraterno? O que diz Dante: “Non regionam di lor; ma guarda e passa⁴⁷.”

⁴⁷ *Não falemos mais deles, mas olhe e passe.*

ADENDO



Henry Slade
(1836 - 1905)

Henry Slade, célebre médium das escritas nas lousas, foi exibido publicamente na América durante 15 anos. Em 1876 ele foi à Inglaterra, passando antes pela Rússia, a pedido da Sra. Blavatsky e do Coronel Olcowl, escolhido que fora como médium notável, para fazer experiências sobre a veracidade dos fenômenos espíritas.

Slade foi submetido a testes durante várias semanas por uma comissão de cépticos que em seu relatório terminou por concluir:

"Eram escritas mensagens nas faces internas de duas lousas, por vezes amarradas e seladas juntas, quando postas sobre uma mesa, à vista de todos; acima das cabeças de membros da comissão; presas à parte inferior

do tampo da mesa; ou, ainda, nas mãos de um membro da comissão, sem que o médium tocasse.

Logo após a sua chegada a Londres, Slade começou a fazer sessões com imediato sucesso. Não só a escrita era obtida de modo evidente, sob fiscalização e com lousas dos próprios assistentes, mas a levitação de objetos e a materialização de mãos foram observadas sob intensa luz do dia.

O redator do *The Spiritual Magazine* escreveu: "*Não hesitamos em dizer que o Mr. Slade é o mais notável médium dos tempos modernos*". Tais sessões ocorriam durante o dia, a qualquer hora, em seus aposentos de pensão.

Com Slade não havia preocupação com as condições ambientais e a observação dos fenômenos satisfazia inteiramente aos assistentes.

Com ele tudo era rápido e preciso, pois os operadores invisíveis sabiam exatamente o que iam fazer em cada ocasião e o faziam com presteza e precisão.

A primeira sessão de Slade na Inglaterra foi realizada a 15 de julho de 1876. Em plena luz do dia o médium e os dois assistentes ocuparam os 3 lados de uma mesa comum de cerca de 3 pés de lado.

Slade pôs um pedacinho de lápis, mais ou menos do tamanho de um grão de trigo, sobre uma ardósia e segurou esta por um canto com uma das mãos, encostando-a no tampo por baixo da mesa.

Ouvia-se a escrita na lousa e, examinada, verificou-se que uma curta mensagem fora escrita. Enquanto isso acontecia, as 4 mãos dos assistentes e a mão livre de Slade eram agarradas no centro da mesa. A cadeira vazia no quarto lado da mesa uma vez pulou no ar, batendo o assento na borda inferior da mesma.

Duas vezes uma mão com a aparência de vida passou em frente a Mr. Blackburn (eminente espiritista), enquanto ambas as mãos de Slade eram observadas.

O médium segurou um acordeon de baixo da mesa e, enquanto se via claramente a outra mão sobre a mesa, foi tocada a "Home sweet home". Finalmente os presentes levantaram as mãos cerca de 30 centímetros acima da mesa e esta ergueu-se até, tocar as suas mãos.

Em uma outra sessão no mesmo dia uma cadeira ergueu-se cerca de um metro e vinte, quando ninguém a tocava e, quando Slade tinha uma mão no

espaldar da cadeira de Blackburn, a mesma elevou-se cerca de meio metro acima do solo.

Durante 6 semanas Slade deixou Londres curiosa e agitada, até que um fato lamentável viria a interromper seus trabalhos.

No começo de setembro de 1876 o professor Ray Lankester, com o Dr. Donkin tiveram duas sessões com Slade e, na segunda, tomando uma lousa, encontraram-na escrita, quando se pensava que nada tivesse sido produzido.

Ele era absolutamente inexperiente em pesquisas psíquicas, do contrário saberia que é impossível dizer o momento exato em que se dá a escrita nessas sessões.

Ocasionalmente uma folha inteira parecia precipitada num instante, enquanto de outras vezes o autor ouvia claramente o ruído do lápis, linha por linha.

Para Ray Lankester, entretanto, pareceu um caso típico de fraude e ele escreveu uma carta a The Times denunciando Slade e o perseguiu por tomar dinheiro de modo fraudulento. Foram publicadas cartas em resposta a Lankester pelo Dr. Alfred Wallace, pelo prof. Barrett e outros.

O Dr. Wallace chamou atenção para o fato de que o relato do Dr. Lankester daquilo que acontecera era extremamente diferente do que lhe ocorreu durante a sua visita ao médium, bem como o registro das experiências de Serjeant Cox, do Dr. Carter Blake e muitos outros, de modo que o podia considerar como um notável exemplo da teoria do Dr. Carpenter, sobre as idéias preconcebidas. Diz ele:

"O professor Lankester foi com a firme convicção de que tudo que ia assistir era impostura e, assim, pensa que viu imposturas".

Apesar do testemunho de muitos admiradores e também de cientistas já conhecedores da problemática mediúnica, o julgamento de Slade se deu na Corte de Polícia de Bow Street. A acusação esteve a cargo de Mr. George Lewis e a defesa foram feitos por Mr. Munton.

As provas sobre a autenticidade da mediunidade de Slade foram dadas pelo Dr. Alfred Wallace, por Serjeant Cox, pelo Dr. George Wild e outros, mas só 4 testemunhas foram permitidas.

O magistrado classificou a prova testemunhal como "esmagadora" dada a evidência dos fenômenos, mas no julgamento excluiu tudo, exceto a acusação de Lankester e de seu amigo Dr. Donkin, dizendo que era

obrigado a basear a sua decisão em "interferências deduzidas dos conhecidos fatos naturais".

Uma declaração feita pelo conhecido mágico Maskelyne de que a mesa usada por Slade era preparada para truques, foi desmascarada pelo testemunho do carpinteiro que a tinha feito. Apesar disso, Slade foi condenado nos termos da lei contra a vagabundagem a três meses de prisão com trabalhos forçados.

Os espíritas mostraram muita energia na defesa de Slade. Protestos, memoriais a ministros, Fundos de Defesa, solicitação à Câmara dos Comuns e até cópias de protesto foram enviadas à rainha.

Houve apelo e ele foi solto sob fiança. Slade, cuja saúde ficou seriamente afetada com a prisão, deixou a Inglaterra dois dias depois.

Passado o episódio, após sessões de êxito em Haya, Slade foi a Berlim onde despertou o mais vivo interesse. Dizia-se que ele não sabia alemão, mas apareceram mensagens nessa língua sobre as lousas e escritas em caracteres do século XV. O Berliner Fremdenblatt publicou o seguinte:

"Desde a chegada de Mr. Slade ao Hotel Kronprinz, uma grande parte do mundo culto de Berlim vem sofrendo de uma epidemia que podemos chamar de febre espírita".

Slade começou por converter o proprietário do hotel, usando suas próprias lousas e mesas. O chefe de Polícia e muitas pessoas eminentes de Berlim testemunharam a veracidade dos fenômenos espíritas, persuadidas da ausência de fraudes.

Seguiu-se uma visita à Dinamarca e em dezembro começaram as históricas sessões com o professor Zollner, em Leipzig. Um relato completo encontra-se na obra de Zollner, "Física Transcendental".

Nessas experiências estiveram outros homens de ciência, inclusive William Edward Weber, professor de Física; o prof. Scheibner, ilustre matemático; Gustave Theodore Fechner, professor de Física e eminente filósofo naturalista, todos perfeitamente convencidos da realidade dos fatos observados, inclusive de que não havia impostura ou prestidigitação.

Entre os fenômenos contavam-se os nós dados em uma corda sem fim, o rompimento das cortinas do leito do prof. Zollner, o desaparecimento e imediato aparecimento de uma pequena mesa, descendo do teto em plena luz, notando-se a aparente imobilidade de Slade durante essas ocorrências.

Na Rússia, depois de uma série de êxitos nas sessões de São Petersburgo, Slade retornou a Londres por alguns dias e então dirigiu-se à Austrália. Um interessante relato do seu trabalho nesse último país foi o livro de James Curtis "The Rustlings in the Golden City".

Então voltou à América. Em 1885 compareceu perante a Comissão Seybert, em Filadélfia, e em 1887 visitou novamente a Inglaterra sob o nome de Dr. Wilson.

Na maioria de suas sessões Slade demonstrou possuir clarividência e as mãos materializadas eram coisas familiares. Na Austrália, onde as condições psíquicas eram boas, obteve materializações mais amplas.

Slade foi um médium perseguido pelos detratores do Espiritismo.

Com tantos testemunhos memoráveis, com o excesso de provas materiais de sua honestidade, mesmo com a ostensividade exagerada dos componentes invisíveis, demonstrando inequívocas provas de suas existências e atuações, muitos por pura inveja, despeito ou mesmo maldade, o atacavam em sua honra.

Mas, preconceito e ignorância são armas usuais no cotidiano dos fanáticos, dos acomodados e dos presunçosos. Armas frágeis, pois a ciência com o seu avanço contínuo as derreterão no ardente fogo da comprovação dos fatos espíritas.

Hernani Guimarães Andrade



Johann Carl Friedrich Zollner
(1834 - 1882)

Friedrich Zollner, como era mais conhecido, foi um astrofísico famoso e professor da Universidade de Leipzig, Alemanha. Nasceu em Berlim, a 08 de novembro de 1834 e faleceu precocemente em Leipzig, Alemanha, a 25 de abril de 1882, aos 48 anos de idade.

Deixou inúmeros trabalhos na área da astronomia e da física ótica, onde ficou bastante conhecido por suas pesquisas na área da ilusão de ótica. Seu trabalho em ótica, desenvolvido em 1860, foi denominado Ilusão de Zollner, em que linhas paralelas se mostravam como diagonais.

Na área da astronomia ele se destacou provando a teoria de Christian Doppler sobre o efeito do movimento na cor das irradiações eletromagnéticas das estrelas em consequência do desvio das linhas do espectro da luz emitida por estes corpos celestes.

Ele inventou um aparelho muito sensível chamado Astrophotometer, capaz de medir essas variações. Em sua homenagem, uma das crateras da lua foi denominada Cratera de Zollner. Em 1872, foi convidado a ocupar a cadeira de Astrofísica na Universidade de Leipzig.

Foi membro da Royal Society da Inglaterra, da Real Sociedade Astronômica de Londres, da Academia Imperial de Ciências Físicas e Naturais de Moscou e da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos de Paris.

Fenômenos mediúnicos

Desde muito cedo Zollner se interessou pelos fenômenos mediúnicos. Quando surgiu a oportunidade, em 1875, foi à Inglaterra visitar um dos maiores cientistas da época, William Crookes, que era a maior referência nas pesquisas dos chamados “efeitos mediúnicos” tais como o movimento de objetos sem interferência de uma fonte de energia e da materialização de espíritos. Zollner buscava uma explicação científica para tais fenômenos.

Após sua visita, desenvolveu uma teoria sobre a ocorrência de tais fenômenos. De acordo com sua teoria, o universo teria, além das três dimensões espaciais euclidianas, uma quarta dimensão pela qual se explicam alguns fenômenos de ordem espírita. De acordo com essa teoria, o fenômeno mediúnico poderia perder sua característica mística e passaria ao domínio da Física e da Filosofia ordinárias.

A 4ª dimensão

Para melhor entendimento do que seja a 4ª dimensão na concepção física atual, admitamos que o espaço possa encurvar-se nas proximidades das grandes massas gravitacionais, o que só poderá fazê-lo no sentido da 4ª dimensão e todos os fenômenos mediúnicos, bem como o deslocamento das entidades espirituais seria efetuado por essa 4ª dimensão. A respeito da teoria da 4ª dimensão, Schiaparelli, famoso astrônomo italiano, escreveu em carta dirigida a Camille Flammarion: “É a mais engenhosa e provável que pode ser imaginada.”

Pesquisas realizadas

Para melhor confirmação de sua teoria, Zollner realizou inúmeras reuniões com médiuns e pesquisadores em sua própria residência.

Em 1877, recepcionou pela primeira vez em Leipzig, o médium inglês Henry Slade. Este era protagonista de inúmeras manifestações de efeitos físicos. Para analisar a mediunidade de Slade, contou ocasionalmente com a participação de vários outros professores universitários, o que imprimiu maior entusiasmo em suas pesquisas.

Com o trabalho levado a efeito com esse médium, Zollner fez várias publicações em forma de artigos, em revistas científicas e, posteriormente, em livros versando sobre a “física transcendental”. Além de Slade, Zollner

estudou os fenômenos produzidos por Madame D'Esperance, protagonista de fenômenos de aparição e de transporte de objetos.

Em março de 1880, o Barão Von Hoffmann convidou o médium inglês William Eglinton para participar de reuniões com Zollner. Foram ao todo 25 reuniões. Eglinton era médium de efeitos físicos, principalmente materialização e escrita direta. Zollner mostrou-se muito satisfeito com os resultados das pesquisas e pretendia até publicar outro livro sobre suas experiências, porém faleceu antes disto.

Zollner foi um grande batalhador da causa espírita notabilizando-se por suas experiências físicas onde a atuação dos espíritos não deixou dúvidas nem incertezas. Sendo físico, utilizou esta ciência para demonstrar a imortalidade e divulgar a interferência dos desencarnados no cotidiano dos encarnados.

Ao propor a teoria da 4ª dimensão para explicar os fenômenos observados, antecipou-se aos físicos atuais e demonstrou como a ciência pode auxiliar a religião e quanto a religião pode ser científica.

Principais obras publicadas

Seu livro mais famoso é: Provas Científicas da Sobrevivência ou Física Transcendental.

Outros livros publicados por Zollner que chamaram a atenção do mundo
A Natureza dos Cometas;

Esboços de Fotometria Universal dos Céus Estrelados;

Natureza dos Corpos Celestes.

Ao oferecer seu livro Provas Científicas da Sobrevivência ou Física Transcendental a William Crookes, Zollner escreveu uma dedicatória muito expressiva da qual extraímos o seguinte trecho:

“Com o mais elevado sentimento de gratidão e reconhecimento pelos serviços prestados por vós a uma nova ciência, eu vos ofereço, respeitabilíssimo colega, o terceiro volume dos meus Tratados Científicos. Por uma coincidência notável, as nossas investigações científicas se encontraram no mesmo terreno, fornecendo à humanidade admirada uma nova classe de fenômenos físicos que proclamam bem alto e de um modo não mais duvidoso a existência de um outro mundo material de seres inteligentes. Aceitai, pois, a presente obra como sinal de agradecimento e simpatia, vertidos do coração honesto de um alemão”.

Friedrich Zollner: astrônomo, físico, professor, cientista, pesquisador, pioneiro da teoria da 4ª dimensão no Universo. É mais um exemplo de que Ciência e Espiritualidade podem caminhar juntas.

Foi um cientista que ultrapassou os limites acanhados dos laboratórios terrenos para alçar-se aos altiplanos filosóficos da própria Ciência, tornando-se assim um caçador de verdades, verdades que alimentam os sonhos imortais dos homens.

